

Percorrendo as (entre)Linhas da cidade;

o Centro de Aracaju através da pesquisa

Edi Cavalcante

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
CAMPUS A. C. SIMÕES
FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
CURSO DE MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

EDIVALDO PAULA CAVALCANTE TAVARES

**PERCORRENDO AS (ENTRE)LINHAS DA CIDADE: O CENTRO DE ARACAJU
ATRAVÉS DA PEGAÇÃO**

Maceió/AL

2024

EDIVALDO PAULA CAVALCANTE TAVARES

**PERCORRENDO AS (ENTRE)LINHAS DA CIDADE: O CENTRO DE ARACAJU
ATRAVÉS DA PEGAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientadora: Prof^ª. Dr^ª. Juliana Michaello Macedo Dias.

Maceió/AL

2024

Catálogo na Fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico

Bibliotecário: Marcelino de Carvalho Freitas Neto – CRB-4 – 1767

T231p Tavares, Edivaldo Paula Cavalcante.
Percorrendo as (entre)linhas da cidade : o Centro de Aracaju através da
pegação / Edivaldo Paula Cavalcante Tavares. – 2024.
174 f. : il. color.

Orientadora: Juliana Michaello Macedo Dias.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Federal de
Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2024.

Bibliografia: f. 170-174.

1. Montagem urbana (Arquitetura). 2. Análise do discurso. 3. Centro
(Aracaju, SE). 4. Pegação. I. Título.

CDU: 72:613.885(813.7)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA, URBANISMO E DESIGN
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO

EDIVALDO PAULA CAVALCANTE TAVARES

Percorrendo as (entre)linhas da cidade: O Centro de Aracaju através da pegação

Dissertação submetida à banca examinadora do curso de Mestrado em Dinâmicas do Espaço Habitado da Universidade Federal de Alagoas para exame de defesa em julho de 2024.

APROVADA EM: 31/07/2024

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente
 JULIANA MICHAELLO MACEDO DIAS
Data: 20/08/2024 13:36:08-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Orientadora – Prof^ª Dr^ª Juliana Michaello Macedo Dias, FAUD/UFAL

Documento assinado digitalmente
 EDUARDO ROCHA LIMA
Data: 04/09/2024 15:59:38-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinador Externo – Prof^º Dr^º Eduardo Rocha Lima, FAU/UFBA

Documento assinado digitalmente
 MARIA ANGELICA DA SILVA
Data: 03/09/2024 15:06:31-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna – Prof^ª Dr^ª Maria Angélica da Silva, FAUD/UFAL

Documento assinado digitalmente
 DIANA HELENE RAMOS
Data: 04/09/2024 15:00:03-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Examinadora Interna – Prof^ª Dr^ª Diana Helene Ramos, FAUD/UFAL

Banhar-se de silêncio equivale a curar-se; a solidão liberta o silêncio do império da linguagem. Se o mundo se enche de barulho, em breve, quem pesquisará? A língua produziu a ciência, a ciência tornou possível mil técnicas que fazem barulho bastante para que afinal possamos dizer que o mundo clama com a língua. A linguagem fez muito para ter razão afinal. Procuro um abrigo fora dessa razão (SERRES, 2000, p. 86).

RESUMO

Ancorada numa perspectiva crítica que dialoga com a filosofia da diferença, com as teorias *queer* e feminista, e com os estudos decoloniais, a dissertação propõe uma investigação contra-hegemônica dos espaços habitados, tendo como mote as experiências de errância de um corpo-pesquisador nos espaços dissidentes do Centro de Aracaju, percorrendo as ruas da cidade noturna e três locais de pegação da região – uma sauna gay, uma lan house e um cine erótico. Tal perspectiva pressupõe não o apaziguamento, mas a compreensão e a explicitação das relações de poder que estão em jogo nas práticas de normatização das cidades contemporâneas, propondo pensar a cidade em sua heterogeneidade, como algo múltiplo, uma montagem de indícios, estratos, fragmentos de múltiplas temporalidades, de narrativas, de discursos, que se sobrepõem, concorrem e entram em conflito. A pesquisa toma o Centro de Aracaju como espaço de problematização, abordando as temporalidades e apropriações espaciais a partir das vivências cotidianas que habitam as entrelinhas da cidade, para além, ainda que entrelaçadas, da dimensão material do espaço construído. O intuito é tensionar as discriminações que terminam sendo legitimadas pelas práticas metodológicas vigentes no campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, que repercutem até hoje os resquícios de uma lógica funcional e do progresso técnico, com funções claramente controladoras, normativas e ordenadoras, que tendem a produzir uma compreensão positivista, simplificadora e homogeneizante das cidades. Por isso, buscamos estabelecer outras epistemologias de partida, implicando tanto numa outra relação com o pensamento arquitetônico e urbanístico, que o entende como corporificado, localizado, não-universal, quanto com as metodologias que dele decorrem e a ele sustentam. Nesse sentido, um dos nossos percursos de investigação se debruça justamente na necessidade de pensar outros modos de cartografar tais dinâmicas, compreendendo a cartografia a partir da perspectiva rizomática de Deleuze e Guattari. Tendo em vista que a produção deste texto também é uma forma de questionar tais aspectos, a dissertação distorce os seus objetivos, a estrutura, a epistemologia e os métodos de investigação em processos caleidoscópicos de pesquisa e em (des)(re)montagens urbanas, inspirados pelos experimentos de Paola Jacques. A partir dessas questões, a dissertação busca tecer linhas de fuga com o intuito de explorar a potência dos territórios urbanos dissidentes para rever as linhas que tecem a historiografia das cidades, para abrir espaços para reescrituras, e para que outras narrativas, outras formas de ser, de viver, de habitar o espaço, sejam contadas.

Palavras-chave: corpo-cidade; montagem urbana; discurso; centro de aracaju; pegação.

ABSTRACT

Anchored in a critical perspective that dialogues with the philosophy of difference, with queer and feminist theories, and with decolonial studies, the dissertation proposes a counter-hegemonic investigation of inhabited spaces, having as its motto the wandering experiences of a gay researcher traveling through the (between)lines of the Center of Aracaju, crossing the streets of the nightlife city and three cruising spots in the region – a gay sauna, an internet café and an erotic cinema. This perspective presupposes not appeasement, but the understanding and explanation of the power relations that are at stake in the standardization practices of contemporary cities, proposing to think of the city in its heterogeneity, as something multiple, a montage of evidence, strata, fragments of multiple temporalities, of narratives, of discourses, which overlap, compete and conflict. The research, then, takes the Center of Aracaju as a space for problematization to deal with temporalities and spatial appropriations based on everyday experiences that inhabit the spaces between the lines, the voids, the interstices, the amnesia, the gaps in the city, beyond, even though intertwined, from the heritage landscape or from the material dimension of the built space. The aim is to tension the discriminations that end up being legitimized by the methodological practices in force in the disciplinary field of architecture and urbanism, which to this day reflect the remnants of a functional logic and technical progress, with clearly controlling, normative and ordering functions, which tend to produce a positivist, simplifying and homogenizing understanding of cities. Therefore, we seek to establish other starting epistemologies, implying both a different relationship with architectural and urban thinking, which understands it as embodied, localized, non-universal, and with the methodologies that derive from it and support it. In this sense, one of our research paths focuses precisely on the need to think about other ways of mapping such issues, understanding cartography from the rhizomatic perspective of Deleuze and Guattari. Considering that the production of this text is also a way of questioning such aspects, the dissertation distorts its objectives, structure, epistemology and research methods into kaleidoscopic research processes and urban (dis)(re)assemblies, inspired by Paola Jacques' experiments. Based on these questions, the dissertation seeks to weave lines of escape with the aim of exploring the power of dissident urban territories to review the history of cities, to open spaces for rewriting, and so that other narratives, other ways of being, of living, of inhabiting the space, are counted.

Key-words: body-city; urban assembly; discourse; center of aracaju; cruising territories;

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Montagem do Centro de Aracaju	12
Figura 2 - Mapa de Aracaju de 1875	14
Figura 3 - Mercado de artesanato Thales Ferraz	16
Figura 4 - A cidade submersa: reflexo dos edifícios da av. Beira-mar sobre as águas do Rio Sergipe – nº 1	19
Figura 5 - As vivências submersas: representação artística da pegação.....	21
Figura 6 - Registros do processo de remontagem dos diários de bordo.	33
Figura 7 - Vídeo-dissertação.....	40
Figura 8 - Textura pegajosa de um fragmento do corpo.....	42
Figura 9 - Representação artística de um fosfeno.....	43
Figura 10 - A cidade-panorama: mapa do Centro de Aracaju representado através do modelo de uma prancha de um projeto arquitetônico	49
Figura 11 - As linhas da cidade “conhecida”: fragmentos de edificações históricas do Centro de Aracaju.....	53
Figura 12 - As (entre)linhas da cidade: fragmentos diversos do Centro de Aracaju.....	55
Figura 13 - A cidade submersa: reflexo dos edifícios da av. Beira-mar sobre as águas do Rio Sergipe – nº 2.....	65
Figura 14 - Representação abstrata produzida pela sobreposição dos registros da visita de campo	65
Figura 15 - Esquina da Rua Antipas Costas com a Rua José do Prado Franco.....	65
Figura 16 - Calçada da Rua João Pessoa	65
Figura 17 - Segurança no calçada da Rua João Pessoa	65
Figura 18 - Parque Teófilo Dantas	65
Figura 19 - Rua Pacatuba.....	65
Figura 20 - Imóvel abandonado na Rua Pacatuba	65
Figura 21 - Grafite com o desenho do rosto da vereadora Marielle Franco, localizado na rua Pacatuba.....	65
Figura 22 - Rua Lagarto.....	65
Figura 23 - As vivências homoeróticas no Centro de Aracaju.	74
Figura 24 - Mapa virtual da pegação	74
Figura 25 - Copa das árvores na Praça Camerino	74
Figura 26 - Praça Camerino.....	74

Figura 27 - Fragmento do corpo-pesquisador	74
Figura 28 - Letreiro luminoso de um estabelecimento comercial na Rua Capela.....	74
Figura 29 - Fissuras de uma calçada rachada na Rua Propriá	74
Figura 30 - Rua Capela.....	74
Figura 31 - Grafite em um imóvel demolido na Praça Camerino	74
Figura 32 - Percurso na Praça Olímpio Campos	74
Figura 33 - Perspectiva noturna da copa das árvores na Praça Camerino.....	74
Figura 34 - Representação artística da Sauna - nº 1.	81
Figura 35 - Textura pegajosa de um fragmento do corpo.....	81
Figura 36 - Representação artística da Lan House - nº 1.....	87
Figura 37 - Representação artística da Sauna - nº 2.	92
Figura 38 - Representação artística da Sauna - nº 3	92
Figura 39 - Representação artística do Cine Erótico.	100
Figura 40 - Sala de exibição do Cine Erótico – nº 1.....	100
Figura 41 - Recepção do Cine Erótico.....	100
Figura 42 - Sala de exibição do Cine Erótico – nº 2.....	100
Figura 43 - Sala de exibição do Cine Erótico – nº 3.....	100
Figura 44 - Banheiro do Cine Erótico	100
Figura 45 - Acesso às cabines privativas do Cine Erótico	100
Figura 46 - Placa do Cine Erótico	100
Figura 47 - Bordado sobre trama de papel	112
Figura 48 - Registros do processo de confecção da trama de papel.....	113
Figura 49 - Projeto urbanístico de invenção do outro: a espécie homossexual.....	139
Figura 50 - Vídeo: percursos da dissertação.....	160

CATALOGO DE FRAGMENTOS SUMÁRIO

LINHA 1	MONTAGENS URBANAS: TABULEIRO E PEGAÇÃO	12
Tabuleiro		13
Pegação		20
L1.1	Remontagens da pesquisa: plano piloto, cidade noturna e pegação	26
Plano Piloto		27
Cidade noturna		30
Pegação		31
L1.2	Procedimentos de montagem da dissertação	32
LINHA 2	CONVITE A UMA PRÁTICA ERÓTICA DA CIDADE	40
Flashes de sentido		43
A erótica da linguagem		44
L2.1	Cidade-texto: o leitor-voyeur e o (c)am(inh)ante	46
Cidade-texto-raiz		47
Cidade-texto-radícula		51
Cidade-texto-rizoma		54
DIÁRIO 1	VISITA NOTURNA AO CENTRO DE ARACAJU	59
DIÁRIO 2	ANDANÇA PELO ROTEIRO DA PEGAÇÃO	67
DIÁRIO 3	VISITA GUIADA À SAUNA	77
DIÁRIO 4	VISITA À LAN HOUSE	83
DIÁRIO 5	VISITA À SAUNA	89
DIÁRIO 6	VISITA AO CINE ERÓTICO	94
LINHA 3	DESNUDANDO O CAMINHAR-NARRAR: O AVESSE DA PESQUISA	102
Diário 1		102
Diário 2		104
Diário 3		105
Diários 4, 5 e 6		108
LINHA 4	FLASHES DE SENTIDO	112
L4.1	Devir leitor-voyeur	115
Pontas soltas: devir (c)am(inh)ante		134
LINHA 5	IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E PODER	139
L5.1	As montagens dos territórios da pegação	142
O controle político da sexualidade		143
A invenção dos territórios da pegação		148
As coreografias sexuais e os entornos eróticos da pegação		153
LINHA DE FUGA	CARTA DE DESPEDIDA	160
REFERÊNCIAS		170



Com esta história eu vou me sensibilizar, e bem sei que cada dia é um dia roubado da morte. Eu não sou um intelectual, escrevo com o corpo. E o que escrevo é uma névoa úmida. As palavras são sons transfundidos de sombras que se entrecruzam desiguais, estalactites, renda, música transfigurada de órgão. Mal ousou clamar palavras e essa rede vibrante e rica, mórbida e obscura tendo como contratomo o baixo grosso da dor. Alegro com brio. Tentarei tirar ouro de carvão. Sei que estou adiando a história e que brinco de bola sem a bola. O que é um ato? Juro que este livro é feito sem palavras. É uma fotografia muda. Este livro é um silêncio. Este livro é uma pergunta (LISPECTOR, 2020, p.14, grifo nosso).

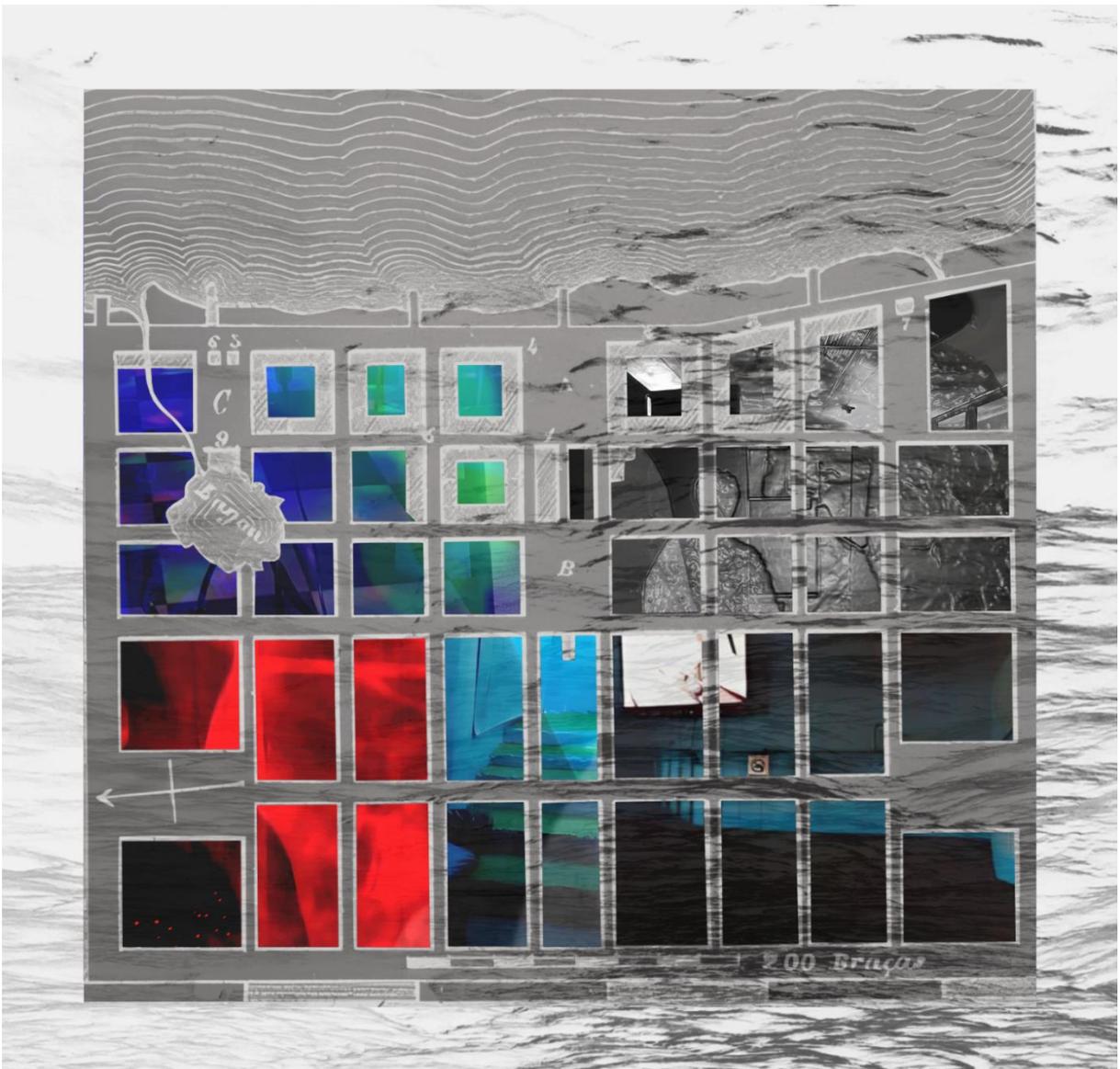
LINHA 1 MONTAGENS URBANAS: TABULEIRO E PEGAÇÃO


Figura 1 - Montagem do Centro de Aracaju. **Fonte:** colagem produzida pelo autor (2023). A colagem foi montada com registros do acervo do autor e uma imagem do plano piloto de Aracaju coletada em <<https://realidadeurbanas.blogspot.com/2012/05/capitais-projetadas-do-brasil.html>>

Caro leitor, o nosso percurso de investigação inicia através de uma experiência estética. As pistas para adentrar os caminhos da dissertação estão nas entrelinhas da imagem acima. Antes de seguir em frente, gostaria que tentasse adivinhar a história que ela nos conta. Tome o tempo que achar necessário para se debruçar nas camadas da imagem. Pergunte-se sobre o que tratam, o que está em evidência e o que está subentendido, quais lugares e vivências se supõe a partir delas e, principalmente, como isso te afeta e quais inquietações são produzidas. Adiante pretendo alinhavar algumas tramas a partir dessas inquietações.

Podemos ver na figura 1 a sobreposição de três camadas: no primeiro plano, as águas do Rio Sergipe; no segundo, o tabuleiro do plano piloto de Aracaju; e no terceiro, fragmentos urbanos que representam locais de pegação. À primeira vista podem parecer desconexas, mas essas camadas têm algo em comum: são representações espaciais do Centro de Aracaju que narram histórias da cidade. Poderíamos interpretá-las de diversas formas, mas acho interessante perceber os choques que são produzidos quando aproximamos fragmentos espaço-temporais distintos de um mesmo recorte territorial – (1) tabuleiro vs. pegação, (2) tabuleiro vs. rio, (3) rio vs. pegação.

Tabuleiro

O **primeiro choque** está na interseção do plano piloto com a pegação. Nos interstícios do tabuleiro é possível enxergar flashes de um mundo vibrante de homens que desfrutavam relações eróticas com outros homens. São espaços de pegação que habitam as entrelinhas do Centro de Aracaju. Sobre esses flashes foi implantado um modelo retificador: os quarteirões do plano piloto produzem uma contenção e compartimentam as vivências da pegação. Visto por esse ângulo, o projeto da cidade atua como um instrumento ordenador das dinâmicas espaciais. Curioso pensar que essas práticas de normatização estão em jogo na paisagem tabular desde o processo de implantação de Aracaju até os dias atuais, instituindo um processo ativo de apagamento das vivências urbanas dissidentes.

Em meados do século XIX, as terras sergipanas ganhavam um ambiente propício ao florescimento de sua economia, que se baseava predominantemente na produção açucareira transportada pelas vias marítimas. Mas até então, a província não tinha um porto bem equipado na costa litorânea para receber os navios, o que dificultava a logística de escoamento dos produtos agrícolas. Diante da necessidade de criar uma “cidade-porto”, Aracaju foi uma cidade projetada para “que não só fortalecesse os contatos de importação e exportação, mas que também concentrasse em um só lugar o centro administrativo, político e econômico” da província (DINIZ, 2009, p.70 e 71). Assim, em 17 de março de 1855, foi sancionada a Resolução nº 413 que transferia a capital de São Cristóvão para o povoado Santo Antônio do Aracaju, elevado à categoria de cidade.

Em *A cidade do Aracaju 1855-1865: ensaio de evolução urbana*, Fernando Porto (1991) afirma que por trás dessa empreitada política existia o desejo de que a nova capital fosse uma cidade feita do zero, construída em um território neutro, livre do domínio da aristocracia açucareira, para que trouxesse os ares de progresso e iluminasse o panorama colonial da

província. Seria, então, incumbido ao engenheiro Sebastião Pirro a tarefa de traçar um plano piloto, com um panorama urbano rigorosamente geométrico, influenciado por um urbanismo higienista *à la* Haussmann, cerceando a liberdade da cidade em quarteirões inflexíveis dentro de uma retícula quadriculada tipo “tabuleiro de xadrez” (figura 2).

A paisagem pré-existente era marcada pela presença de um solo encharcado, com uma vastidão de areias, morros e manguezais, por isso foi necessário realizar grandes obras de aterro e terraplanagem para implantar a cidade, o que por si só estabelece uma relação de dominação, nesse caso exercida pelo homem sobre a natureza. Em outras palavras, o projeto urbano foi utilizado com um instrumento de controle que impôs uma ordem racional aos planos naturais pré-existentes (PORTO, 1991).

Figura 2 – Mapa de Aracaju de 1875



Fonte: Arquivo Nacional. Fundo Ministério da Viação e Obras Públicas. Disponível em: <<https://www.f5news.com.br/cotidiano/povoado-santo-antonio-do-aracaju-notas-para-sua-historia.html>>.

Quando se verificou que a liberdade de construção ameaçava comprometer a regularidade do plano, a Câmara Municipal aprovou o seu primeiro código de posturas em 3 de setembro de 1856, sancionado pela Resolução Provincial nº 458. O código propunha regulamentar tanto as características edilícias como também as condutas sociais que deveriam ser seguidas dentro do “tabuleiro”. Caso o morador não pudesse arcar com os custos dos padrões estéticos da época ou então não obedecesse aos códigos comportamentais, por lei, não poderia residir naquele contexto, o que com o tempo estimulou o crescimento de ocupações fora dos limites da cidade formal (PORTO, 1991).

Por mais que a cidade tenha sido planejada para expressar a liberdade republicana, o tabuleiro não foi concebido para todos. Pelo contrário. Desde o início houve uma nítida exclusão social no processo de consolidação territorial de Aracaju, que se originou em duas áreas de ocupação: a primeira composta pela elite que residia dentro do espaço projetado; e a segunda, os desviantes banidos pelas luzes do progresso, enxotados para fora dos limites da cidade formal. Assim, o projeto de alinhamentos constituiu-se como um limiar de segregação, lançando as bases para a formação de uma sociedade disciplinar conduzida por políticas públicas higienistas (LOUREIRO, 1991).

Aracaju, então, foi uma cidade fundada a partir de uma administração organizacional, com funções claramente controladoras, normativas e ordenadoras, seguindo princípios da lógica funcional e do progresso técnico. Esse espírito progressista sofreu metamorfoses ao longo do tempo, seus modos de perpassar a paisagem tabular ganham um novo gingado, mas mesmo assim, traz em sua constituição fragmentos do seu passado.

As marcas do tempo estão inscritas no Centro de Aracaju como as linhas da mão. O passado continua “presente” no espaço, materializado nas formas do patrimônio edificado. De acordo com a lista do patrimônio cultural da Prefeitura Municipal de Aracaju, a região central abarca uma parte considerável do patrimônio edificado da cidade, são quarenta e oito bens tombados a nível estadual, municipal ou declarados de interesse cultural, formado pelo conjunto de antigos casarões, palácios, grupos escolares, praças e mercados (GOVERNO DE SERGIPE, 2005). Podemos observar que a dimensão física atual deste recorte territorial é marcada pela cristalização de momentos passados, produzindo a tessitura de um palimpsesto constituído de rugosidades, fragmentos de múltiplas temporalidades (SANTOS, 1999). No entanto, para além do patrimônio edificado, um relato do Centro de Aracaju também deveria abarcar uma descrição sobre como se processam as dinâmicas na região.

Assim como várias cidades brasileiras, o Centro de Aracaju abriga um dos principais polos comerciais da cidade (figura 3). Trata-se de uma região privilegiada com um

tecido urbano consolidado, que apresenta uma oferta densa de serviços e equipamentos urbanos. Mas nos turnos que excedem o horário comercial, produz-se uma cidade ao avesso. A região ganha outros contornos quando a noite adentra: os territórios da prostituição, da pegação homoerótica, da população sem teto, dos vigilantes das zonas comerciais e dos demais moradores da região. Não que eles inexistam à luz do dia, o que talvez ocorra seja um processo de sobreposição: o uso comercial predomina durante o dia enquanto as outras vivências ficam soterradas. Existe um ponto de tensão se notarmos a justaposição de territórios considerados hegemonicamente como marginais não nas franjas, mas sobre uma zona central da cidade.

Figura 3 - Mercado de artesanato Thales Ferraz



Fonte: acervo do autor (2021)

Nos interstícios do Centro de Aracaju habitam territórios submersos que sofrem um processo ativo de silenciamento. Atrelado a dinâmica de “esvaziamento” dos centros urbanos, paira no senso comum um discurso de que “não existe vida à noite no Centro de Aracaju”. Segundo esta crença, nesses horários a região central se tornaria um lugar marginalizado, inseguro e propício a violência pela falta de movimento, “uma terra sem lei, de ninguém”. Mas é provável que quem se predispõe a percorrer as ruas do Centro pela noite ateste a existência de uma gama de vivências, algo que constatei em uma experiência de errância na região em junho de 2021¹. Revendo o discurso, um imaginário cheio de símbolos e signos, evidencia-se um processo de discriminação das vivências noturnas à medida que são disseminadas pelo senso comum como uma “não vida”. O que seria digno de ser considerado como “vida”? Refletir sobre estes aspectos nos permite pensar sobre a vitalidade das centralidades urbanas, encarada a partir de outras perspectivas.

Olhando as questões levantadas tanto no processo de formação de Aracaju quanto em suas dinâmicas atuais despontam pistas que nos instigam a investigar os processos espaciais de normatização atrelados às vivências dissidentes que habitam as entrelinhas, os interstícios, os vazios, as brechas, as amnésias da região central da cidade. Assim, um dos nossos percursos de investigação é tomar o tabuleiro como espaço de problematização, tratando as temporalidades e apropriações das dinâmicas do espaço habitado através das vivências cotidianas do Centro de Aracaju para além, ainda que entrelaçadas, da dimensão física do espaço construído. O intuito é discutir as discriminações que terminam sendo legitimadas pelas práticas metodológicas do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo. Buscamos com isso abrir espaços para reescrituras, para rever as linhas que tecem a história das cidades e assim abrir brechas para que outras narrativas sejam contadas.

Sendo a cidade pensada e concebida dessa forma, estariam as formas de vida, que ali habitam, fadadas a viver de acordo com o que está imposto pelo conjunto de saberes e mecanismos que agem, constantemente, sobre a cidade? A vida cotidiana conseguiria escapar, mesmo que por pequenos instantes, dessas amarras que tentam fazer da vida e da cidade algo homogêneo, estritamente vigiado, controlado e regulado? Outras formas de viver e narrar as histórias da cidade seriam possíveis?

O psicólogo Helmir Rodrigues (2018) se debruça sobre essas questões em sua tese intitulada *Imagens Urbanas: mangue, tabuleiro, cidades*. O objetivo dessa pesquisa é propor uma análise sobre as práticas de normatização do espaço urbano na cidade de Aracaju. O ponto

¹ A errância citada será apresentada adiante no [DIÁRIO 1].

de partida dessa investigação foi pensar os rios (figura 4) e os mangues da cidade, a partir do conceito foucaultiano de *heterotopia*², como espaços desviantes que produzem rupturas na vida cotidiana. Ao longo dos anos da pesquisa, o autor desenvolveu uma série de narrativas a partir de experiências erráticas pelas ruas da cidade para apreender os processos de transformações das dinâmicas espaciais. Essas narrativas foram interpretadas a partir do conceito de *imagem dialética*³ do pensamento benjaminiano, bem como das leituras feitas por Didi-Huberman, para problematizar as transformações urbanas que tendiam a tornar menos invisíveis os conflitos que se justapõem nas cidades.

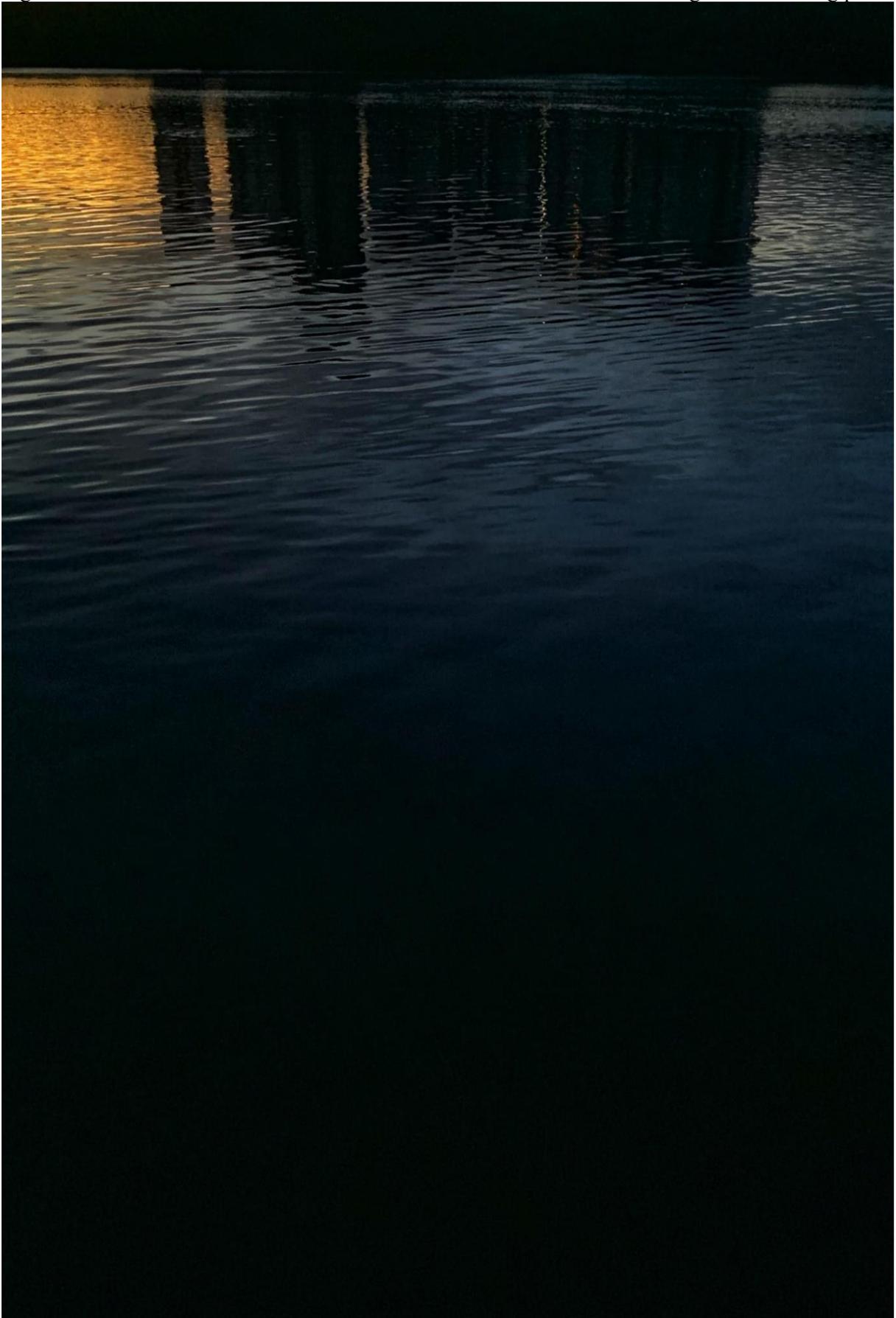
Em uma de suas andanças, o autor descreve um episódio que aconteceu na região central de Aracaju quando as águas do Rio Sergipe avançaram sobre a calçada e o asfalto da avenida Beira-mar perturbando o fluxo da população que habita e circula a região. As águas, que um dia foram aterradas, voltam a emergir as ruas da cidade nas épocas de maré cheia, produzindo lampejos do passado no momento presente de Aracaju. Ao provocar tensões no contínuo da vida cidadina, o rio abre brechas na imagem da cidade organizada permitindo tecer uma leitura crítica sobre os processos de transformação da cidade. Segundo o autor,

o rio e o mangue se configuram como espaços insurgentes, que não permitem ser controlados por inteiro. São espaços carregados de histórias. Espaços heterogêneos, que nos puxam para fora de nós mesmos, nos correm e nos desencaminham, que estão em relação a todos os outros, funcionando de um modo a desestabilizar, contradizer esse conjunto de relações que lhe foram impostas. Não meramente visto como espaços da vida, do meio ambiente ou da saúde, ao qual a sociedade organizada poderia estabelecer uma relação de coexistência. Rio e mangue, espaços inquietantes, heterotópicos. São reais e afetivos, delineados na própria instituição da sociedade, são tipos de contraposicionamento. Lugares fora de outros lugares, espaços diferentes dos posicionamentos que refletem e dos quais falam. Têm o poder de justapor em um só lugar real, vários outros espaços, diferentes uns dos outros, que estabelecem uma relação não harmônica. Espaços de tensão, de disputa e de conflito que não possuem um projeto, um modelo a ser implantado (RODRIGUES, 2018, p. 47).

²“Em uma conferência num circuito de estudos arquitetônicos, no ano de 1967, Foucault proferiu uma palestra com o título *Outros Espaços*. Nessa conferência, ele afirma que o espaço na experiência ocidental possui uma história, o que torna impossível pensar o espaço sem o tempo. Não meramente estudar o espaço concebido como espaço de localização ou mesmo de posicionamento, mas o espaço na sua relação com o tempo, pensado como algo heterogêneo, algo que está fora, os espaços de fora. Aos quais Foucault vai apontar que podem ser de dois tipos: as utopias e as heterotopias. As utopias seriam os posicionamentos irrealis, aqueles que estabelecem uma relação de analogia direta ou inversa com a sociedade. Ou é este aperfeiçoada ou o inverso. As utopias acalmam. As heterotopias são lugares fora de outros lugares, espaços diferentes dos posicionamentos que refletem e dos quais falam. As heterotopias põem-se a funcionar quando há uma ruptura absoluta no tempo tradicional do homem” (RODRIGUES, 2018, p.47).

³“Esses vestígios são pensados a partir das reflexões de Didi-Huberman, no capítulo ‘A imagem crítica’, do seu livro *O que vemos, o que nos olha*, no qual ele trabalha o conceito de origem e imagem dialética em Walter Benjamin. De uma forma geral, esses vestígios são fragmentos perdidos de uma determinada história, de um tempo outro e que por algum sobressalto da vida, ele eclode no presente, de forma fulgurante. E, mesmo na sua fulgurância, ele possui uma intensidade provocativa de abalar um choque frente a algo que se pensava e uma dimensão analítica sobre a própria vida. Essa força está no caráter originário dessas imagens” (RODRIGUES, 2018, p.46).

Figura 4 – A cidade submersa: reflexo dos edifícios da av. Beira-mar sobre as águas do Rio Sergipe



Fonte: acervo do autor (2022)

Retomando a Figura 1, o **segundo choque** parte dessa relação entre o rio e o tabuleiro, tendo em vista que a implantação da cidade operou grandes obras para aterrar o curso d'água dos mangues. Por um lado, o balançar das águas se constitui como um espaço insurgente, porque se apresenta como um plano que se (re)faz constantemente. Por outro lado, o plano piloto representa a sua antítese, a mais pura representação do espaço retificado. Vista desse ângulo, podemos observar outro exercício de poder: o tabuleiro não só contém a pegação, mas também produz um alinhamento das ondas. Ou seja, são dinâmicas que tentam neutralizar as tensões urbanas e produzem o ideal de uma cidade homogênea e organizada. A questão é que o rio tem algo de subversivo, ele não se deixa ser controlado por inteiro, as suas ondas transbordam os limites do projeto da cidade.

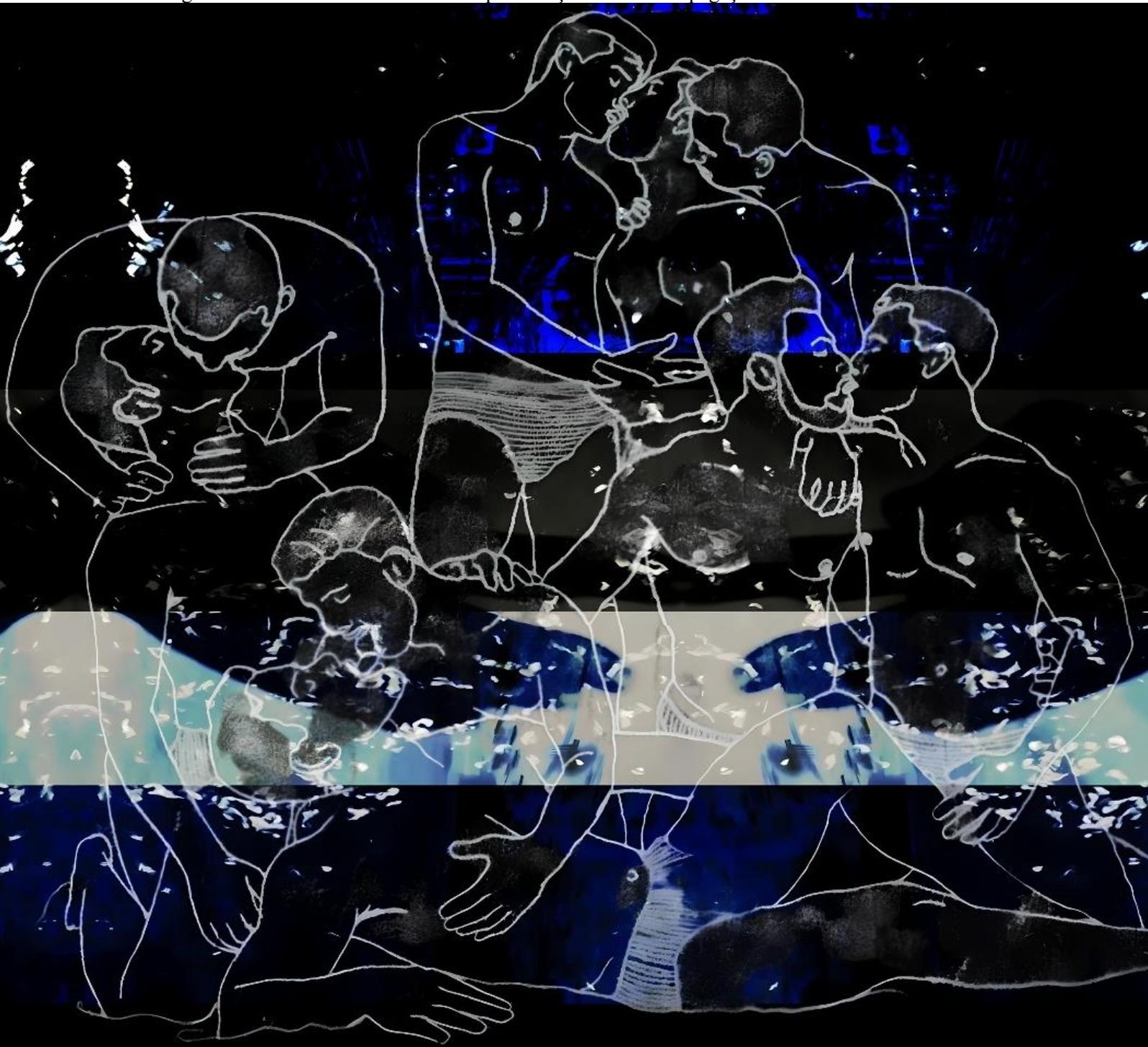
Pegação

O **terceiro choque** é produzido a partir da relação da pegação com o rio. Georges Bataille (2021, p.41) fala sobre a relação erótica como um “jogo dos órgãos que se derramam na renovação da fusão, semelhante ao vaivém das ondas que se penetram e se perdem umas nas outras”, citação que transparece alguns atravessamentos entre esses dois fragmentos. Os espaços de pegação abrem as páginas da cidade para nos contar uma história não oficial da cidade através dos prazeres do corpo. Como envolve a força do desejo sexual, constitui uma de fluxos, de intensidades, de potências. São vivências urbanas dissidentes que desfazem os nós do pensamento hegemônico e possibilitam remontar outras histórias a partir de alinhavos entre os “restos”, “farrapos” e “resíduos” da cidade. Assim como o rio desponta como um espaço insurgente, a pegação se apresenta como outro possível contraespaço das cidades.

José Cortés (2008) em *Políticas do Espaço: arquitetura, gênero e controle social* aborda as vivências da pegação como *espaços de sedução e resistência*. Diante do estigma atribuído às vivências homoeróticas na cultura ocidental, restou aos homens que sentem atração sexual por outros homens desenvolverem estratégias para explorar o desejo sexual em ambientes distantes do convívio social, da família e do trabalho, sem que a sociedade majoritária chegasse a ter clara consciência disso. Tal estratégia consiste em subverter o uso de determinados lugares, geralmente em momentos de pouco movimento - sobretudo no período

noturno e de madrugada -, para criar e desenvolver **entornos eróticos**⁴ que lhes permitem a livre expressão sexual longe do olhar punitivo da sociedade heteronormativa.

Figura 5 – As vivências submersas: representação artística da pegação



Fonte: colagem produzida pelo autor (2023). A colagem foi produzida com uma representação gráfica coletada no site do Studio Raphael Hubner e com os registros das visitas de campo produzidos pelo autor.

⁴ O termo “entornos eróticos” foi mencionado no texto de Cortés (2008) de uma forma descritiva, mas a nossa intenção é ressaltar a potência dessa noção para evidenciar a dimensão espaço-temporal das dinâmicas dos espaços habitados, algo que será desdobrado na [LINHA 5].

Tais dinâmicas consolidaram a formação de um território *mais ou menos invisível*⁵, que comporta uma rede de locais de encontro destinados às vivências sexuais entre homens, nas quais se propõem relações rápidas, impessoais, anônimas e cautelosas, contrárias às leis⁶ ou aos conceitos de amor romântico. "Trata-se de uma experiência arriscada, pois implica uma promessa de aventura (diante do desejo sexual), de ansiedade (diante da possível descoberta) ou de medo (diante de um ataque imprevisto)" (CORTÉS, 2008, p.162). Nesse sentido, são *espaços de resistência* porque consistem em um ato transgressor que desafia a hegemonia heteronormativa dos processos de normatização da cidade. Ao mesmo tempo, são *espaços de sedução* porque criam um mundo vibrante relacionado à livre expressão sexual entre homens (CORTÉS, 2008).

Ao levantar essas questões, volto a figura 1 e observo mais uma vez a interseção entre esses três planos, o tabuleiro, o rio e a pegação, o que me leva a pensar: assim como as ondas transbordam os limites do plano piloto, a pegação seria capaz de transbordar e escapar as amarras da cidade?

Essa inquietação dispara outro percurso de investigação da dissertação: explorar a potência de transgressão dos entornos eróticos da pegação, propondo uma investigação contra hegemônica dos espaços habitados, tendo como mote as andanças de um pesquisador gay pelas ruas noturnas e três locais de pegação do Centro de Aracaju - uma sauna, uma lan house e um cine erótico. Assim como Rodrigues (2018) investigou as dinâmicas espaciais através dos rios e mangues, a dissertação pensa os territórios da pegação como contraespaços que produzem choques na vida cotidiana, capazes de tecer uma leitura crítica sobre os processos contemporâneos de normatização do espaço habitado.

A dissertação está vinculada ao projeto de pesquisa *OUTR*S*⁷: *cartografias urbanas contra-hegemônicas*, um projeto que vem sendo desenhado pelo Grupo de Pesquisa

⁵ A [LINHA 4] levanta questionamentos sobre a noção de visibilidade/invisibilidade dos territórios da pegação. De qualquer forma, é importante ressaltar que ao falar sobre a existência de algo mais ou menos invisível, temos que pensar: quem vê e quem não vê? Invisível para quem?

⁶ A legislação brasileira prevê uma pena de detenção de três meses a um ano ou multa para os *atos obscenos* praticados em lugares públicos, ou abertos ou expostos ao público, que são capazes de ofender o pudor médio da sociedade (Artigo 233, código penal).

⁷ O que, quem e como são outr*s? Essas perguntas de partida estabelecem parte das reflexões propostas no projeto citado. Ancorado numa perspectiva crítica que dialoga com a filosofia da diferença e com os pensamentos decoloniais, o projeto propõe uma investigação contra-hegemônica e subalterna acerca dos espaços habitados. As camadas da investigação podem ser assim descritas: (1) outras epistemologias, (2) outros modos de fazer, (3) outros sujeitos e (4) outros agenciamentos territoriais. Partimos da compreensão de que uma perspectiva contra-hegemônica pressupõe não o apaziguamento, mas a compreensão e a explicitação das relações de poder. Nesse sentido afirmar *s outr*s é afirmar a relação estabelecida entre diferentes subjetividades urbanas, suas tensões e a micropolítica que a compõe. Parte das reflexões do projeto se debruça justamente na necessidade de pensar outr*s modos de cartografar tais questões, compreendendo a cartografia numa perspectiva deleuziana na qual o ato de

Nordestanças⁸ a partir destas inquietações, especialmente nas potências do olhar a cidade a partir do que se convencionou intitular de outridade. Além do debate acerca de quem são os “outr*s”, há também uma busca por posicionamentos metodológicos que ampliem as possibilidades de pensar-agir a cidade em suas tensões e latências. Este trabalho configura um experimento também nesse sentido.

Diante dessas questões, podemos observar que a Figura 1 não é uma mera ilustração estática, estamos diante de um veículo discursivo que propõe pensar a cidade em sua heterogeneidade, como uma montagem de indícios, estratos, fragmentos de múltiplas temporalidades, de narrativas, de discursos, que se sobrepõem, concorrem e entram em conflito. Ou seja, ela mostra uma forma de pensar a cidade como “montagens complexas, uma coexistência de tempos e espaços heterogêneos e dissensuais” (JACQUES, 2018, p.175).

No entanto, Paola Jacques (2018) aponta que as bases metodológicas do urbanismo repercutem até hoje os princípios da lógica funcional e do progresso técnico, que tendem a produzir uma compreensão positivista, simplificadora e homogeneizante das cidades. Por trás de uma pretensa neutralidade técnica e descritiva, as linguagens universalistas, que permeiam tanto o exercício prático quanto o ensino universitário, contribuem para “a perpetuação das discriminações e se transformam na expressão de uma geometria autoritária que sustenta o pensamento hegemônico, reproduz a subordinação do feminino, exacerba as diferenças sociais e nega a existência espacial das minorias” (CORTÉS, 2008, p.126).

Diante dessa questão, Jaques propõe repensar a disciplina como um campo ampliado a partir de experiências que possam abarcar a multiplicidade, heterogeneidade e complexidade das cidades. Trata-se, talvez, de estabelecer outras epistemologias de partida, implicando tanto numa outra relação com o pensamento arquitetônico e urbanístico, que o entende como corporificado, localizado, não-universal, quanto com as metodologias que dele decorrem e a ele sustentam – o que se coaduna com o que buscamos desenvolver em nossos trabalhos de pesquisa no grupo.

Uma dessas pistas seria pensar a centralidade do corpo como orientação do pensamento nos estudos urbanos, como propõem Tavares e Bonadio (2021) em *Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano*. As

cartografar se associa com o “conectável, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 21).

⁸ O Grupo de Pesquisa Nordestanças - coordenado pela prof^a dr^a Juliana Michaello Macêdo Dias (PPGAU/UFAL) e pelo prof^o dr^o Walcler de Lima Mendes Junior (SOTEPP-UNIT/AL) - atuante desde 2008, desenvolve Projetos de Pesquisa e Extensão vinculados às seguintes temáticas: Abordagens Contemporâneas da Cultura, Identidades e Territórios, Patrimônio Cultural, Políticas Públicas da Cultura, Antropologia da Imagem Audiovisual, Mapeamentos Sonoros.

autoras reivindicam uma epistemologia centrada na experiência vivida encorporada ao sugerirem uma *esparramação do corpo* através de uma orientação *queer/estranha* espacial como uma forma de produzir uma contrarresistência da indiferença.

A compreensão da *esparramação do corpo* via uma orientação espacial *queer* estranha se fundamenta na concepção de níveis distintos de apropriação do espaço que podem ser desvelados no modo como esse mesmo *corpo esparramado* orienta ou desorienta as espacialidades urbanas. Consideramos esses níveis de apropriação como processos de resistência que ocorrem cotidianamente frente ao poder homogeneizador dos espaços orientados para enquadrar os corpos e absorver as diferenças (TAVARES; BONADIO, 2021, p.24).

Traçando uma linha a partir desse ponto, a pesquisa pensa a produção de um saber corporificado, utilizando como método de apreensão as errâncias urbanas produzidas pelo meu corpo, um pesquisador gay. Os homens gays tem um ponto de vista especial por conseguirem enxergar a sociedade por meio de um amplo espectro. Por um lado, são sujeitos situados à margem, por outro lado, a sua condição de masculinidade, como sinônimo de poder social, faz com que tenham um acesso facilitado aos espaços da cidade. Essa capacidade de observar tanto de fora para dentro quanto de dentro para fora demonstra a potência de uma compreensão complexa da cidade.

Nesse perambular constante, o gay pode ser entendido como um flâneur perverso que passeia sem rumo pela cidade em busca de novidades e acontecimentos. Sua experiência converte-o em um observador privilegiado que vê tudo e conhece tudo de uma cidade que parece não ter segredos para ele. Essa figura masculina ocupa, com seu olhar e sua presença, a vida urbana, e representa uma imagem um tanto incerta, ambígua e marginal. Esse esquadrinhador da vida urbana é como uma metáfora que oferece, ao mesmo tempo, um simbólico herói e anti-herói da vida na cidade. Caminhar pela cidade é uma forma de prática cultural, uma maneira de transformar a geometria abstrata e objetiva que organiza as ruas e as práticas em uma configuração pessoal do espaço urbano. Assim, o gay ultrapassa a superfície e descobre o caráter oculto das ruas convertendo-se em um interprete da vida urbana (especialmente noturna) que lê no inconsciente da cidade (CORTÉS, 2008, p.171).

Outra pista metodológica seria pensar em um processo caleidoscópico de pesquisa como Paola Jacques (2018) trata em *Caleidoscópios e montagens urbanas: experiências metodológicas para compreensão da complexidade das cidades*. O caleidoscópio é uma espécie de luneta composta por um pequeno tubo com três espelhos inclinados onde se insere pequenos fragmentos de vidro coloridos sobre um fundo translúcido. O reflexo da luz produz uma infinidade de combinações de imagens, sempre provisórias, que se transformam a depender do que observamos através dele.

O caleidoscópio, um brinquedo de estrutura simples, que toda criança já experimentou nos mostra uma forma complexa de ver, de compor, de pensar, desmontando qualquer tipo de unidade, qualquer tipo de certeza fixa, sedentária ou sedimentada, e remontando, a partir da complexidade caleidoscópica, uma multiplicidade de outras possibilidades compositivas, de outros pontos de vista, e também de outras formas de apreensão e outras maneiras de compreendermos a complexidade das cidades (JACQUES, 2018, p.167).

A partir da metáfora do caleidoscópio - remetendo ao movimento de montagem, desmontagem e remontagem que sucede a criação dos padrões abstratos na luneta – Jacques (2018) propõe pensar a ideia de *montagem urbana* como uma forma de conhecimento das cidades e do urbanismo. A montagem foi um procedimento artístico utilizado pelas vanguardas modernas nos entreguerras como uma resposta aos excessos da própria modernidade e de sua cientificidade positivista. A autora propõe fazer uma atualização desse procedimento vanguardista, “entendendo a montagem como uma prática, um exercício de apreensão, compreensão e apresentação das cidades e de suas transformações permanentes” (JACQUES, 2023, p.33). Não se trata apenas de um mero procedimento formal restrito à junção de peças, mas um "método de conhecimento, um procedimento de criação, um modo de pensamento, de problematização e também de exposição de ideias por deslocamentos, disposições e recomposições" (JACQUES, 2022, p.243). Pela justaposição de fragmentos distintos este método é capaz de desestabilizar a hegemonia do pensamento que articula a historiografia oficial das cidades, possibilitando remontar outras formas de narrar a cidade baseadas na sua diversidade e heterogeneidade.

O que viemos fazendo até aqui senão um processo de montagem?

A figura 1 é um dos experimentos de montagem da pesquisa. Em vez de escrever uma introdução repartida numa linearidade, que está atrelado às normas da ortodoxia masculina científica (TAVARES; HELENE, 2021), ou seja, uma abordagem hegemônica de escrita, traçamos uma linha de entrada para a dissertação através de uma experiência de montagem para apresentar as inquietações que nos levaram a produzir algumas errâncias e experimentações pelas ruas e pelos locais de pegação do Centro de Aracaju. Além disso, o intuito era apresentar o método de montagem como um dos instrumentos teóricos-metodológicos de investigação mostrando como ele foi posto em prática, ou seja, era falar da montagem através de uma montagem. Essa abordagem trás pistas de como os demais platôs ou [LINHAS] foram tecidos⁹.

No percurso da [LINHA 1] viemos construindo algumas narrativas do Centro de Aracaju, uma delas através da historiografia oficial, abordando a paisagem tabular como uma

⁹ A ramificação *A erótica da linguagem* presente na [LINHA 2] fala sobre o processo de articulação do texto da dissertação.

cidade organizada, mas ao mesmo tempo sugerindo a existência de outros espaços. Rodrigues (2018, p.19) fala algo sobre tecer “novas histórias sobre cidades outras que possam, ou não, também se chamar Aracaju”. Comecei a imaginar como seria uma história contada a partir dos jogos de pegação que percorrem as (entre)linhas do tabuleiro. Seria possível remontar a cidade como um espaço embaçado, um espaço de penumbra, um espaço translúcido?

É importante chamar atenção para o fato de que não se trata de uma pesquisa sobre a pegação, mas sim *através da pegação*, como foi mencionado no título da dissertação. A pegação não é o objeto central, até porque não existem eixos de centralidade nesta pesquisa, apenas percursos de investigação que não giram em torno de uma única temática, mas disparam linhas a partir dos aspectos trazidos à tona nas errâncias. A pegação é uma das hastes que se ramificou no decorrer dos anos, se pensarmos a pesquisa através da metáfora do *rizoma*¹⁰. Dessa forma, o intuito desta versão atual da dissertação não é produzir uma descrição arborescente e verticalizada dos locais de pegação, como um dia já foi, mas sim propor a construção de um saber situado nesses lugares para explicitar o complexo, e por vezes contraditório, jogo de embates, tensões e conflitos que permeiam as dinâmicas espaciais, na urgência em problematizar as discriminações engendradas no campo de saber (poder) do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo.

L1.1 Remontagens da pesquisa: plano piloto, cidade noturna e pegação

A pesquisa passou por um longo processo de remontagem até chegar nesta versão atual. Inicialmente não imaginávamos que as nossas andanças iriam trilhar os percursos da pegação. Esse recorte não integrava o nosso plano de trabalho preliminar, na verdade foi algo que surgiu no meio do caminho. O Centro de Aracaju começou a ser investigado através do plano piloto, seguiu caminho pelas vivências noturnas, Tateando os espaços dissidentes da região, até chegar nos territórios da pegação. E quando chegou lá, o recorte ainda passou por algumas transformações para afunilar a escolha dos pontos que iriam integrar o estudo.

A intensidade provocativa das inquietações despertadas ao longo das andanças desencadeou uma sequência de metamorfoses que reposicionaram os rumos da pesquisa. Diante desses movimentos, busco pensar a dissertação em sua pluralidade de formas, assumindo que este algo múltiplo, elevado ao estado de substantivo¹¹, se constitui não de maneira

¹⁰ O conceito de rizoma e a perspectiva deleuziana estão sendo explorados na ramificação *Cidade-texto-rizoma* presente na [LINHA 2].

¹¹ Menção às palavras de Deleuze e Guattari sobre um dos aspectos do pensamento rizomático. Segundo os autores, “é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais

autônoma, mas como o prolongamento das tantas outras versões que ela já assumiu. Em outras palavras, uma metamorfose textual que compartilha, dissemina e dá continuidade a tantas outras versões. Esta fusão entre formas distintas, semelhante ao vaivém das ondas que se penetram entre os corpos dos amantes na relação erótica, foi capaz de afetar, desestabilizar e produzir renovações, dissolvendo definições previamente construídas. Conseqüentemente, o que está sendo apresentado aqui é um acúmulo de incorporações dado em processos de remontagem.

A impressão é que as bordas do que eu achava "ser" a dissertação (e conseqüentemente, do que ela deveria se tornar) começaram a desmanchar ao longo do percurso de investigações, tornaram-se turvas. Em processos de montagem-desmontagem-remontagem, elas se (des)(re)territorializaram à medida que eu navegava por fronteiras antes inexploradas, apresentando tantas outras faces, ângulos e combinações. Com a visão embaçada, paio à deriva na tentativa de fincar os meus pés sobre um outro lugar, sobre uma outra compreensão, se é que isso ainda seja possível. Mas devo admitir, não dou conta de definir com precisão as bordas desse terreno movediço, até porque suas linhas continuam sendo redesenhadas.

Agora tenho a difícil tarefa que é ter que tecer uma trama textual a partir de um emaranhado. Como eu poderia falar de algo em aberto, um sistema instável, um corpo mutável: um *rizoma*? Eis a questão. Ao invés de dizer o que é a dissertação talvez fosse melhor nos perguntar o que ela está. Ou melhor, em que lugar (ou momento) do percurso esta versão se encontra. Suponho que uma das formas para apresenta-la seja revisitando o processo de montagem-desmontagem-remontagem que permeou o seu processo de articulação.

Plano Piloto

A dissertação dá continuidade a um processo de investigação teórico-metodológico sobre as coimplicações entre corpo e cidade que iniciei no meu Trabalho Final de Graduação (TFG) *Abriu-se uma janela, que horas são? As dinâmicas do espaço habitado em tempos de pandemia*¹² (TAVARES, 2020). No TFG, a pandemia do COVID-19 abriu janelas físicas, virtuais e emocionais, pelas quais foram tecidas reflexões sobre aspectos da vivência e percepção do espaço, explorando a ressignificação dos modos de habitar implementados no período de confinamento. Aquele também foi o primeiro passo dado na construção de um projeto de crítica sobre o panorama da arquitetura urbana contemporânea, propondo repensar o

nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo" (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.23).

¹² O TFG foi apresentado em 2020.1 e teve a orientação da profª drª Pedriane Barbosa de Souza Dantas.

modo como o exercício profissional tem sido posto em prática na sociedade. Apesar da distância entre os recortes de estudo, os dois trabalhos tangenciam a mesma questão, porém a partir de lugares, momentos e referenciais distintos. O corpo confinado da pandemia foi substituído pelo corpo erótico que agora percorre as entrelinhas dos espaços do Centro de Aracaju.

No entanto, a linha que me trouxe até a paisagem tabular não foi traçada diretamente do TFG, ela percorreu um caminho tortuoso desde as pesquisas que desenvolvi na minha vida acadêmica. A minha aproximação com o Centro de Aracaju ocorreu ainda na graduação com a participação no programa de iniciação científica do projeto *Patrimônio e Memória: O inventário da arquitetura eclética de Aracaju*¹³. Nesse momento, houve o primeiro contato com o estudo sobre o processo de formação de Aracaju, que desde o princípio parecia ter um caráter artificial, impositivo e controlador. Isso me fez questionar se haveriam resquícios desse passado na constituição dos processos urbanos contemporâneos do Centro de Aracaju. As bases de formação da cidade criaram precedentes que impactam os modos de habitar a paisagem tabular?

O projeto de pesquisa submetido à seleção do mestrado, na época intitulado *Os fragmentos de poder nos processos de constituição da paisagem contemporânea: o Plano Piloto de Aracaju*, começou a ser desenhado a partir dessa inquietação. O objetivo preliminar pretendia produzir um estudo sobre as relações microespaciais de poder na constituição dos territórios do Centro de Aracaju, tendo como objeto de estudo as dinâmicas que ocorreram na implantação da cidade. A perspectiva inicial supunha que a “gênese urbana” teria semeado a origem dos mecanismos que hoje controlam os modos de habitar a região. Em outras palavras, o intuito era identificar os resquícios daquele passado na constituição da paisagem contemporânea, regressando aos fatos históricos para identificar a “origem” dos problemas atuais, como que em uma tentativa de acessar a essência absoluta e revelar a “verdade” do território investigado. Mas logo comecei a perceber, a partir da crítica benjaminiana, que essa perspectiva estava baseada numa lógica hegemônica de compreender a historiografia das cidades, tendo em vista que aquela perspectiva pensava a história de Aracaju “numa simples continuidade ou linearidade histórica como uma mera sucessão de tempos homogêneos” (JACQUES, 2018, p.178).

¹³ Pesquisa desenvolvida em parceria com Camila Rodrigues dos Santos, sendo orientada pelo prof^o Ms. Rogério Graça Freire, entre os anos de 2018 e 2019 e subsidiada pelo Programa de Bolsas de iniciação científica da UNIT (PROBIC). A pesquisa propunha a elaboração de um inventário para o registro documental e análise das edificações ecléticas de Aracaju. Com os dados levantados em campo, foram produzidas fichas para 84 exemplares ecléticos, com informações sobre características morfológicas e demais elementos estilísticos das edificações.

Outro aspecto começou a me chamar a atenção. Aquele foco de análise enxergava as relações espaciais de poder apenas pelo crivo da repressão, tanto é que os verbos utilizados naquele momento eram “controlar, estruturar e segregar”. No entanto, a crítica pós-estruturalista introduziu uma ruptura epistemológica e política nessa abordagem quando substituiu aquela noção de controle social, que se apoiava unicamente nos aparelhos repressivos do Estado, pela noção de disciplina, cuja atuação se estende de forma difusa pelo campo social, produzindo, segundo Foucault (2009), o sistema de obediência e eficácia de uma *sociedade disciplinar*¹⁴. Tal concepção sugere que o poder se exerce de forma horizontalizada como uma teia de fluxos formada pelo embate de forças. Em relação e movimento, essas forças estão sempre aumentando ou diminuindo a potência umas das outras. Então, as dinâmicas espaciais de poder não se restringem ao caráter repressivo, afinal também existe a ocorrência de forças de subversão nos conflitos urbanos. O poder é antes um produtor do que um repressor.

Depois de problematizar essas duas questões, a dissertação foi se distanciando do plano piloto e começou a se aproximar das vivências urbanas do Centro de Aracaju. O objetivo da pesquisa permaneceria o mesmo, investigar os espaços da região central através das relações de poder, só que agora com o foco voltado para as táticas de subversão que emergem nos movimentos cotidianos. O escopo foi aos poucos afunilando. Uma nova camada seria adicionada ao filtro dessa investigação quando participei do 1º Congresso Internacional Estudos da Paisagem¹⁵. Dentre as linhas do evento, chamou-me a atenção o *Nó 3: O silêncio como esquecimento e mordaza* que tratou, dentre outros aspectos, sobre as “vozes e manifestações que persistem em vir das margens, das periferias, das minorias, dos oprimidos, que são negligenciados no fazer-se ouvir ou que sofrem tentativas diretas de se fazerem silenciadas” (NOS.CIEP, 2022, p.113). O que nos levou ao segundo lugar/momento do percurso da dissertação: a cidade noturna.

¹⁴ “Ora, o estudo desta microfísica supõe que o poder nela exercido não seja concebido como uma propriedade, mas como uma estratégia, que seus efeitos de dominação não sejam atribuídos a uma ‘apropriação’, mas a disposições, a manobras, a táticas, a técnicas, a funcionamentos; que se desvenda nele antes uma rede de relações sempre tensas, sempre em atividade, que um privilégio que se pudesse deter; que lhe seja dado como modelo antes a batalha perpétua que o contrato que faz uma cessão ou a conquista que se apodera de um domínio. Temos em suma que admitir que esse poder se exerce mais que se possui, que não é o ‘privilégio’ adquirido ou conservado da classe dominante, mas o efeito de conjunto de suas posições estratégicas – efeito manifestado e às vezes reconduzido pela posição dos que são dominados” (FOUCAULT, 2009, p.29).

¹⁵ “O I Congresso Internacional Nós deu início a um convite interdisciplinar construído a partir de temas que permitem várias aproximações relacionadas a manifestações e práticas culturais - Antropologia, Arquitetura e Urbanismo, Geografia, Turismo, Filosofia, Psicologia, Artes -, afeito à amplitude das trocas possíveis quando a rede de nós se forma através de outros canais - a literatura, o cinema, a música, o teatro e as mídias digitais – e questionando-se sobre os novos paradigmas que afloram quando o mundo se conecta sem o deslocamento físico, ele reuniu pesquisadores, nesta sua primeira edição, à refletir sobre um afluxo de experiências bastante especial: os patrimônios em silêncio” (NOS.CIEP 2022).

Cidade noturna

Apesar de ter um caráter profundamente ambíguo, a noite se torna uma aliada para as vozes cidadinas que são silenciadas durante o dia. É o que acontece, por exemplo, com a vivência espacial das travestis, sendo comum elas circularem na cidade apenas pela noite, porque sofrem agressões e rejeições à luz do dia. A geógrafa Suely Silva (2009) aborda esses aspectos no artigo *A cidade dos corpos transgressores da heteronormatividade*. Em determinado ponto, uma de suas entrevistadas fala sobre como ela se sente aceita pela noite:

[...] Minha vida é dentro de casa, numa concha, eu só saio de noite. Eu só saí de dia quando precisei de ajuda quando estava com depressão. Eu não saio, não tenho vida social. Acho que tudo que eu tinha que sofrer eu já sofri. Agora me protejo, não saio de dia. Me sinto aceita na noite, na prostituição. Na rua, na prostituição não é legal, mas é o único lugar que eu posso ter minha identidade feminina. Lá por algumas horas eu consigo ser tratada como mulher, pelo menos por algumas horas (SILVA, 2009, p.142).

Outro exemplo são as vivências da pegação que acontecem no Aterro do Flamengo, investigadas pelo arquiteto João Pedro Pina (2023) no artigo *Vaga-lumes: a cidade noturna e os corpos dissidentes*. Segundo o autor, os homens utilizam os cantos do parque para o ato sexual no calar da noite. A escuridão da noite cria uma atmosfera permissiva que converte esferas tradicionais da vida social em quartos improvisados durante a noite. Trata-se de uma apropriação temporal do espaço: o lugar é o mesmo, o que muda é o uso que se faz dele em determinados horários. A noite transforma as dinâmicas espaciais: as formas rígidas da cidade não desaparecem, elas se transfiguram. As normatividades que rodeiam o espaço são subvertidas em favor da intimidade que a escuridão propicia para o sexo (CORTÉS, 2008).

Essas vozes silenciadas ficariam ecoando em meus pensamentos, mas o ponto em questão talvez não seja abordar o silenciamento como uma estratégia de repressão aos transgressores da norma (o que de fato acontece, não resta dúvidas sobre isso), mas sim perceber como determinadas vozes ganham potência em espaços silentes, em especial na calada da noite. Como diria Didi-Huberman (2011, p. 52), para enxergar o brilho dos vagalumes¹⁶ “é preciso vê-los dançar vivos no meio da noite, ainda que essa noite seja varrida por alguns ferozes projetores. Ainda que por pouco tempo”.

¹⁶ Conceito desenvolvido por Didi-Huberman (2011, p.23) para tratar sobre os corpos dissidentes que subvertem os modos de convivência hegemônicos. Segundo o autor, os vagalumes são “seres luminescentes, dançantes, erráticos, intocáveis e resistentes enquanto tais”.

A partir desse ponto, surgem duas questões. A primeira, em explorar as potências da noite como um lugar de fluxos, de forças, de desejos, de subversão. A segunda, em pensar no silêncio como uma ferramenta metodológica, no sentido de se colocar em silêncio para produzir uma escuta, o que de certa forma exige uma postura indisciplinar do pesquisador tendo em vista que, como uma “autoridade do saber”, ele normalmente exerce um lugar de fala, não de escuta ou por vezes de uma falsa escuta, já que determina sobre o que e o quanto vai falar sobre algo (KILOMBA, 2019). Uma dessas abordagens, então, seria produzir uma escuta dos *ecos do silêncio*¹⁷.

A partir dessas inquietações, a dissertação começou a considerar a vida noturna do Centro de Aracaju como um recorte preliminar de estudo. Mas ainda não sabia exatamente quais vivências iria tratar, nesse estágio a dissertação ainda não tinha chegado no contexto da pegação. Como eu nunca tinha ido ao Centro pela noite, precisaria realizar uma visita de campo para explorar os potenciais objetos/sujeitos do estudo, que ocorreu no dia 27 de junho de 2021. Nessa primeira visita, identifiquei um conjunto de corpos e práticas performando diferentes atividades: moradores de rua, prostitutas, seguranças, garis, vendedores ambulantes, moradores da região, dentre outros. Retornei da noite considerando investigar as zonas de prostituição e a população travesti do Centro, mas esse recorte logo iria passar por uma nova mudança.

Pegação

A nossas andanças finalmente aterrizariam sobre o contexto da pegação a partir de duas pistas. A primeira foi o Projeto de Pesquisa *Cartografia Sexuada de Salvador*¹⁸, projeto que fomenta discussões sobre experiências urbanas atravessadas por questões de gêneros e sexualidades na construção de uma reflexão crítica sobre a produção do espaço urbano da cidade contemporânea, tendo como mote o Centro de Salvador. A segunda foi um mapa virtual da pegação, disponível no site *Gays-cruising.com*.

O mapa virtual é uma plataforma mundial colaborativa feita pelos próprios praticantes que oferece instruções sobre a localização de lugares onde se possa vivenciar intercursos sexuais fortuito entre homens. Essa pista atestava a existência de sete pontos na região central de Aracaju, considerando o recorte territorial inscrito dentro das extremidades do polígono que delimitam o Bairro Centro - a av. Simeão Sobral ao norte, a av. Ivo do Prado ao

¹⁷ A ideia dos *ecos do silêncio* faz referência ao tema da experiência errática descrita no [DIÁRIO 1].

¹⁸ Projeto de pesquisa vinculado a Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, coordenado pelo prof. dr. Eduardo Rocha Lima.

leste e Av. Barão de Maruim ao sul e a av. Pedro Calazans ao oeste. São quatro estabelecimentos comerciais - uma lan house, dois cines eróticos e uma sauna - e três banheiros públicos.

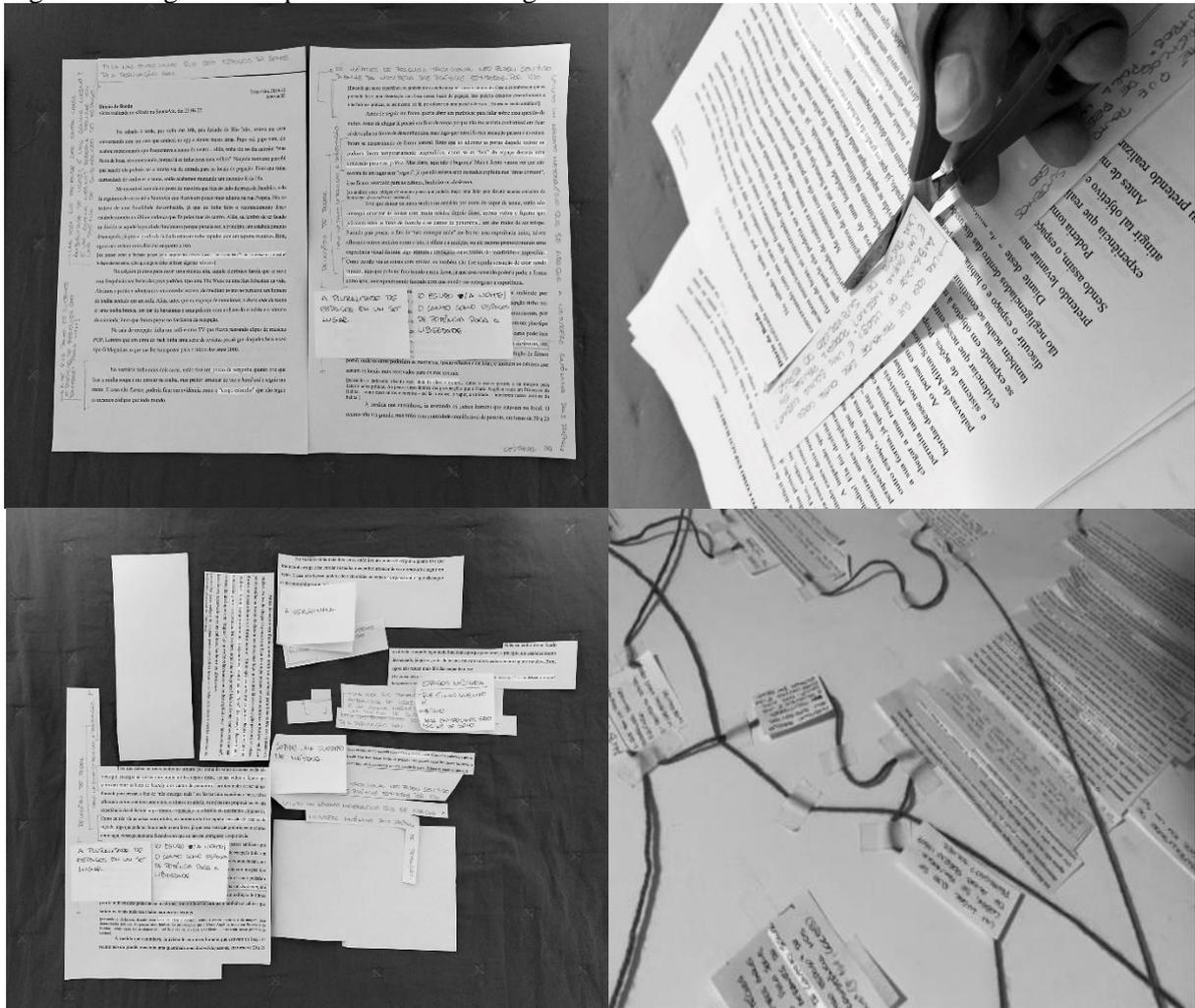
Inicialmente, pretendíamos trabalhar com a escala macro do bairro, produzindo uma andança pelos sete pontos do mapa para tecer reflexões a partir do confronto entre os fragmentos levantados em campo. Porém, após as considerações da banca no exame de qualificação, afunilamos o recorte de estudo para a tipologia dos estabelecimentos comerciais. Como vimos, existiam quatros pontos dessa tipologia na região, mas um deles, um dos cinemas, encerrou as atividades antes que a visita *in loco* fosse realizada. Então, o recorte final de estudo engloba os três pontos restantes.

Normalmente os contextos acadêmicos de arquitetura e urbanismo mais ortodoxos exigiriam a presença de plantas e mapas para situar o leitor sobre a espacialidade dos locais de investigação e o itinerário das visitas de campo, algo que decidimos não fazer. Um dos receios era que a dissertação se tornasse um instrumento de delação, então uma das nossas reflexões foi pensar sobre como dispor informações sobre os territórios da pegação sem colocá-los em uma situação de vulnerabilidade. Por isso, estamos nomeando os espaços investigados de forma genérica de acordo com a função de cada lugar - lan house, sauna e cine erótico -, sem trazer à tona o nome fantasia dos estabelecimentos, suprimindo o endereço deles. Além disso, como utilizamos métodos de investigação centrados no corpo, a narração das vivências assume o protagonismo da pesquisa em detrimento as representações gráficas que se limitam a uma descrição dos atributos físicos do espaço construído.

L1.2 Procedimentos de montagem da dissertação

Com o escopo territorial situado, passamos ao processo de montagem da dissertação, articulado como uma *montagem literária* benjaminiana. Segundo Jacques (2020, p.245), a montagem literária está relacionada “as experiências urbanas dos surrealistas, que tanto fascinaram Benjamin, provocando aquilo que ele chamou de ‘iluminação profana’, em particular os livros que partem de deambulações pelas ruas e espaços de Paris – verdadeiras montagens do ponto de vista literário (‘escrita automática’) como editorial ‘tipografia, inserção de anúncios, fotografias etc.’”. Ainda segundo a autora, “Benjamin praticava a montagem como um verdadeiro colecionador, ou um catador de fragmentos. Colecionava citações, resumos, notas, aforismas, pedaços de textos de campos distintos, em suma, fragmentos (JACQUES, 2020, p.180). Como um verdadeiro colecionador, comecei a levantar uma constelação de fragmentos no decorrer das andanças pelos espaços do Centro de Aracaju.

Figura 6 – Registros do processo de remontagem dos diários de bordo



Fonte: acervo do autor (2022)

Poderíamos dividir o processo de montagem (figura 6) da dissertação em três ações distintas: a primeira, a *coleta de fragmentos*, utilizando métodos de apreensão da cidade: andanças, pesquisas online e diálogos com os frequentadores dos locais; a segunda, a *montagem das narrativas urbanas*, pensando os tipos de registro da experiência através de diários de bordo, imagens e vídeos; e o terceiro, a *remontagem das narrativas* articulando as reflexões pós visitas de campo através de um experimento descrito na [LINHA 4]. No entanto, é importante ressaltar que a produção dessas ações não seguiu uma ordem cronológica, elas foram sendo realizadas simultaneamente, acompanhando os processos de remontagem da pesquisa.

Por se tratar de vivências que pretendem se manter no silêncio do anonimato, uma das questões que tivemos que lidar no processo de coleta de fragmentos foi a escassez de fontes que falavam sobre os espaços dissidentes do Centro de Aracaju. Então, teríamos que desenvolver algumas estratégias para produzir a investigação para além das fontes oficiais.

Como um dos métodos que utilizamos foi a produção de andanças, uma das alternativas foi utilizar a experiência narrada como material de estudo.

Por eu ser um homem cis gay negro, um jovem arquiteto de 22 anos, existe um ponto de interseção entre as minhas vivências com aquelas que são foco desta investigação. À princípio, poderiam pensar que essa investigação está sendo conduzida pela perspectiva de um pesquisador assíduo aos locais de pegação, mas até o início deste estudo eu não tinha proximidade com esses espaços. Então, ao situar o meu corpo na pesquisa¹⁹, a minha primeira reação foi trata-los como algo distante, como algo outro.

Após a visita noturna, outra andança seria realizada pelas ruas do Centro de Aracaju em abril de 2022 dando início ao processo de aproximação com os espaços de pegação da região para verificar se os pontos indicados no mapa estavam ativos, movimento difícil de ser feito, porque o meu corpo precisou lidar com a apreensão pela experiência. Paralelamente, comecei a desenvolver buscas nas redes sociais dos estabelecimentos, na aba de comentários da plataforma virtual da pegação e do *google maps*, coletando imagens e fragmentos narrativos.

Por mais que estivesse tecendo discussões teóricas sobre a necessidade de corporificar a experiência urbana, estava lidando com o medo de lançar o meu corpo nas andanças. Esse dilema se alastrou por alguns meses até que houve a primeira visita interna na sauna que aconteceu em junho de 2022 acompanhada por um frequentador do estabelecimento, um homem gay negro, profissional de educação física, na faixa etária em torno de 35 a 40 anos, que passará a ser tratado como Interlocutor 1. Pouco antes de realizar a experiência, estabeleci um canal de comunicação com o Interlocutor 1 através de um aplicativo de relacionamento, dessa forma, ele se prontificou em me apresentar o recinto.

Depois da visita guiada, as questões previamente formuladas começaram a ser problematizadas, desmontadas. Os espaços de pegação se mostraram ser muito mais complexos e contraditórios do que eu poderia imaginar. Parte das coisas que imaginei que iria acontecer não aconteceu ou então se mostrou de outras formas. Rupturas começaram a surgir. Outras questões começaram a ser levantadas. Foi quando percebi que o meu ponto de vista, o de um pesquisador passageiro, não seria capaz de abranger tais questões. Seria necessário estabelecer diálogos com outras vivências.

Um desses diálogos foi produzido através das revisões bibliográficas, em especial com os relatos das entrevistas da pesquisa de mestrado de Alexandre Teixeira (2018). Em *Espaços, corpos e desejos: a cidade e o urbano na arquitetura da pegação em Belo Horizonte*,

¹⁹ O “eu” na pesquisa será desdobrado na ramificação *Leitor-voyeur* na [LINHA 5].

Minas Gerais, o autor produz uma reflexão crítica sobre a investigação etnográfica que desenvolveu entre os anos de 2000 e 2003 sobre os espaços que eram utilizados como regiões de encontro entre homens que faziam sexo com outros homens na cidade de Belo Horizonte. Teixeira menciona que, a princípio, a sua pesquisa se interessava em analisar os processos de composição e espacialização de identidades sexuais, mas após as entrevistas os espaços de pegação se mostraram mais complexos, porque apontavam para “formas de produção de linguagem e experiência que não se estabeleciam a partir de uma coesão compulsória entre práticas, espaços e identidades sexuais”.

Além da pesquisa bibliográfica, surgiu a possibilidade de produzir um diálogo em junho de 2023 com outro habitante da pegação, um homem cis gay negro, arquiteto, com idade em torno de 30 anos, que a partir de agora será chamado de Interlocutor 2. Trata-se de uma pessoa que integra o meu ciclo social desde a graduação, por isso foi fácil estabelecer um canal de comunicação com ele. O interlocutor partilhou algumas vivências que teve nos pontos do Centro de Aracaju e em outras cidades ao longo dos últimos sete anos. Nesse caso, a conversa foi realizada e gravada pela plataforma *google meets*, então as suas narrativas foram transcritas nas tramas textuais dos diários de bordo. O diálogo foi realizado com um formulário semiestruturado com perguntas soltas para saber se ele já tinha ido e como tinha sido a sua experiência nos espaços de pegação do Centro de Aracaju. A conversa foi tomando o seu rumo a partir desse ponto. O intuito não era simplesmente coletar narrativas, também pude compartilhar com ele algumas questões que estavam sendo formuladas na pesquisa para perceber a sua reação, ouvir o que ele tinha a dizer sobre elas.

A partir dessa coleta preliminar de dados, iniciamos a segunda ação de montagem da dissertação, a produção das narrativas urbanas e dos demais registros das experiências de apreensão. Como vimos, as três principais formas de registro que foram utilizadas pela pesquisa são os diários de bordo, as colagens e composições audiovisuais. Como ainda não sabia ao certo como eles iriam integrar esta versão do texto, não havia um modelo pré-definido, então eles foram sendo produzidos a partir de experimentações estéticas. Essa ação se tornou um processo emaranhado porque ela foi sendo realizada simultaneamente as considerações pós-visitas de campo. Apenas no decorrer das investigações, comecei a entender que se tratavam de duas ações imbricadas: a narração da experiência urbana e as análises que são feitas a partir delas. Ou seja, a pesquisa precisou se articular em dois movimentos, o de produzir um discurso narrativo sobre a cidade e depois produzir uma revisão crítica sobre ele.

Apesar dos avanços produzidos nos processos de montagem, aquela dificuldade de situar o “eu” na pesquisa ainda persistia. Se antes o desconforto era sobre entrar nesses lugares,

passou a ser sobre como relatar a experiência. Tinha que encontrar uma forma de escrever os diários de bordo sem me expor, nem revelar a identidade dos interlocutores. Tais circunstâncias produziram impactos na escrita preliminar da dissertação, a versão submetida ao exame de qualificação. Voltei a adotar uma postura distante, o meu corpo se escondeu na teoria, comecei a escrever um texto que não deixava a experiência evidente, os diários de bordo não apareciam, as vivências de campo ficavam apenas nas entrelinhas.

Quando o exame da qualificação finalmente chegou, o texto recebeu duras críticas. Um dos avaliadores falou que não conseguiu entender a dissertação, que o texto estava ilegível. Essa resposta trouxe à tona uma das fragilidades da pesquisa e mostrou que não tínhamos conseguido atingir um dos nossos objetivos que era produzir um texto capaz de envolver o leitor, de aproximá-lo, fazer com que estabelecesse um diálogo ou até uma *prática erótica da linguagem*²⁰ com o texto. Esperava que a dissertação pudesse produzir inquietações em outros pesquisadores, fazer com que eles articulem outras tantas questões a partir dos experimentos que estamos construindo aqui, para que se sintam cativados a dar continuidade a tecitura desta pesquisa. Mas isso não poderia acontecer com um texto que estava fechado em si mesmo. O texto precisou passar por um *processo de desnudamento*²¹.

A qualificação produziu um choque na pesquisa. O texto, então, foi explodido em mil pedaços. Ao recolher os cacos comecei a articular novas conexões, entrelaçando o que já havia escrito com os fragmentos que seriam coletados em novas experiências de campo. A banca tinha sugerido que as pesquisas de campo fossem retomadas. Quase um ano depois desde da última andança, iniciei uma nova leva de visitas de campo em outubro de 2023, uma em cada um dos estabelecimentos. Outro ponto sugerido foi escolher apenas um local e me aprofundar nas dinâmicas dele, tendo em vista a multiplicidade de divergências entre as tipologias dos espaços da pegação. Mas a nossa intenção nunca foi propor uma análise arbórea e verticalizada de um único lugar, era produzir uma investigação horizontalizada. Por isso, achamos que seria conveniente permanecer com uma certa variedade de locais dentro de um escopo, dos estabelecimentos comerciais, para poder produzir um confronto entre os fragmentos coletados em campo.

No total foram realizadas seis andanças, duas pelas ruas do Centro de Aracaju e quatro visitas internas nos espaços de pegação - na sauna, na lan house e no cinemão. Além disso, o percurso de coleta de fragmentos foi atravessado pelas narrativas de dois interlocutores

²⁰ Citação que se refere a ramificação *A erótica da linha* da [LINHA 2].

²¹ Citação que se refere a uma ideia discutida na [LINHA 3].

e pelos comentários de internautas que foram coletados nas varreduras online. Produziu-se um inventário difuso de múltiplas narrativas a partir dos quais foram montados seis diários de bordo, um vídeo-dissertação e diversas colagens que acompanham as páginas da dissertação.

Finalmente estamos chegando ao fim do percurso de leitura da [LINHA 1]. Não queria que aquela sensação de excitação de descoberta que me acompanhou pelas andanças nos espaços do Centro de Aracaju fosse perdida logo aqui na largada. Então, por via das dúvidas, achei melhor encerrar esta pretensa introdução sem descrever os platôs que estão por vir, mesmo que já tenha lançado algumas pistas sobre elas no decorrer do caminho que traçamos até aqui. Mesmo assim, para os leitores que sofrem por antecipação, sugiro que procurem essa descrição no desfecho da [LINHA DE FUGA]. Por hora, os convido a pensar em um possível método de apreensão das cidades.



História de Ninar

Hoje é o último dia
Em que estou usando palavras
Elas se foram, perderam o significado
Não funcionam mais

(Viajando) deixando a lógica e a razão
(Viajando) para os braços da inconsciência
(Viajando) deixando a lógica e a razão
(Viajando) para os braços da inconsciência

Vamos..
Vamos...
Vamos ficar inconscientes, querido
Vamos ficar inconscientes, querido

Palavras são inúteis
especialmente frases
Elas não representam nada
Como elas poderiam explicar como eu me sinto?

(Viajando, viajando) estou viajando
(Viajando, viajando) deixando a lógica e a razão
(Viajando, viajando) eu vou relaxar
(Viajando, viajando) nos braços da inconsciência

Vamos...
Vamos...
Vamos ficar inconscientes, querido
Vamos ficar inconscientes, querido

Bedtime Story – Madonna (intérprete)
(BJÖRK et al, 1994, tradução nossa)

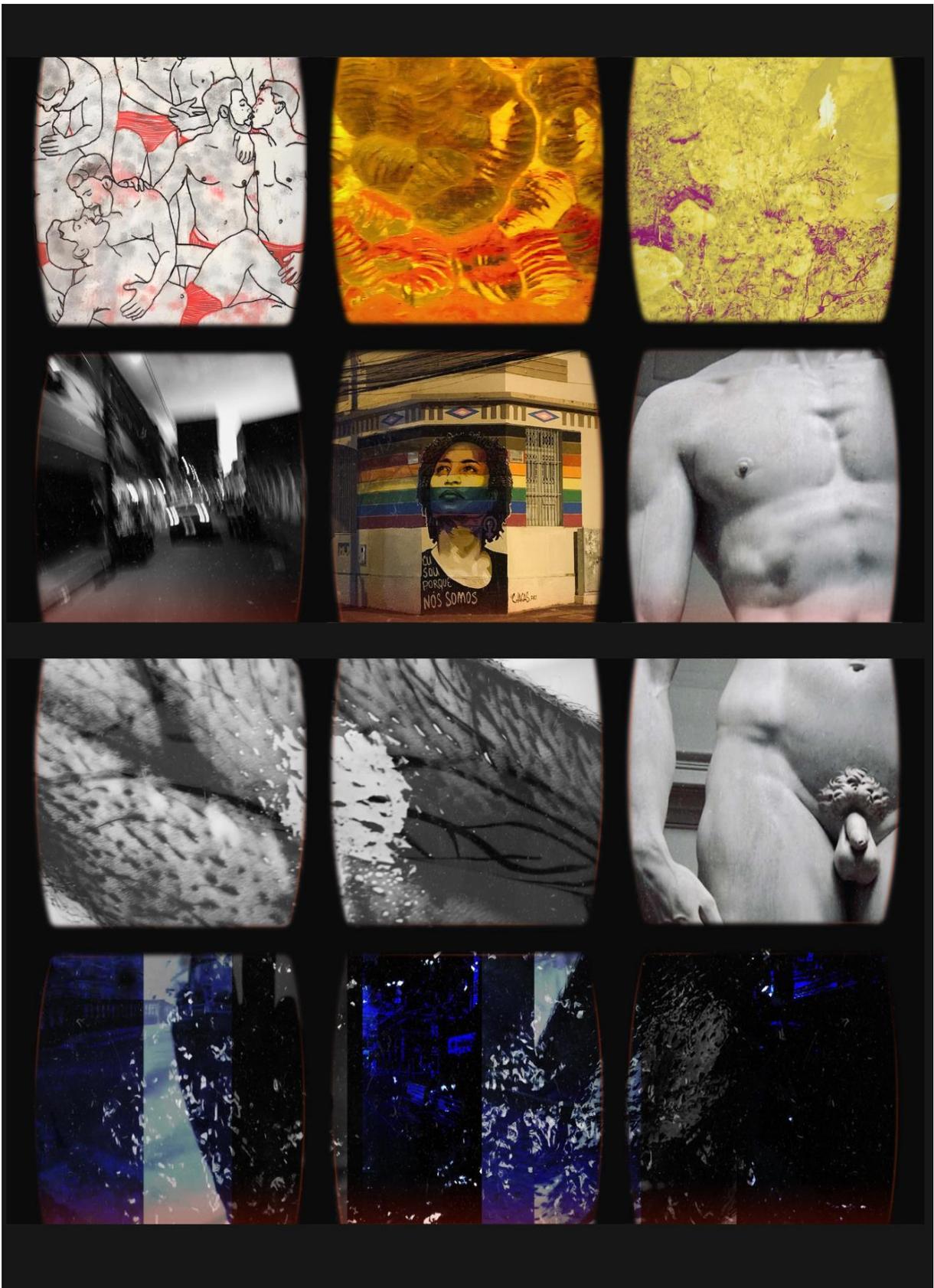
LINHA 2 CONVITE A UMA PRÁTICA ERÓTICA DA CIDADE

Figura 7 - Vídeo-dissertação. **Fonte:** mosaico produzido pelo autor (2021). Vídeo disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1kUh0YZuIqNaTCINPZIRZuI2tEWfcv3K/view?usp=sharing>

As imagens que compõem o mosaico acima foram extraídas de vídeos produzidos para duas disciplinas do mestrado, *Processos do Habitar*²² e *Corpo como Espaço Habitado*²³. Ambas propunham a tarefa de montar um registro audiovisual da pesquisa, um vídeo não como ilustração, mas como o próprio estado da coisa: um vídeo-dissertação. A seguir, o nosso percurso de leitura caminha através desse registro para explicar como o texto da dissertação funciona, abordando a ideia da erótica da linguagem. Tal abordagem aponta pistas sobre como foram conduzidas as experiências de apreensão pelos espaços do Centro de Aracaju.

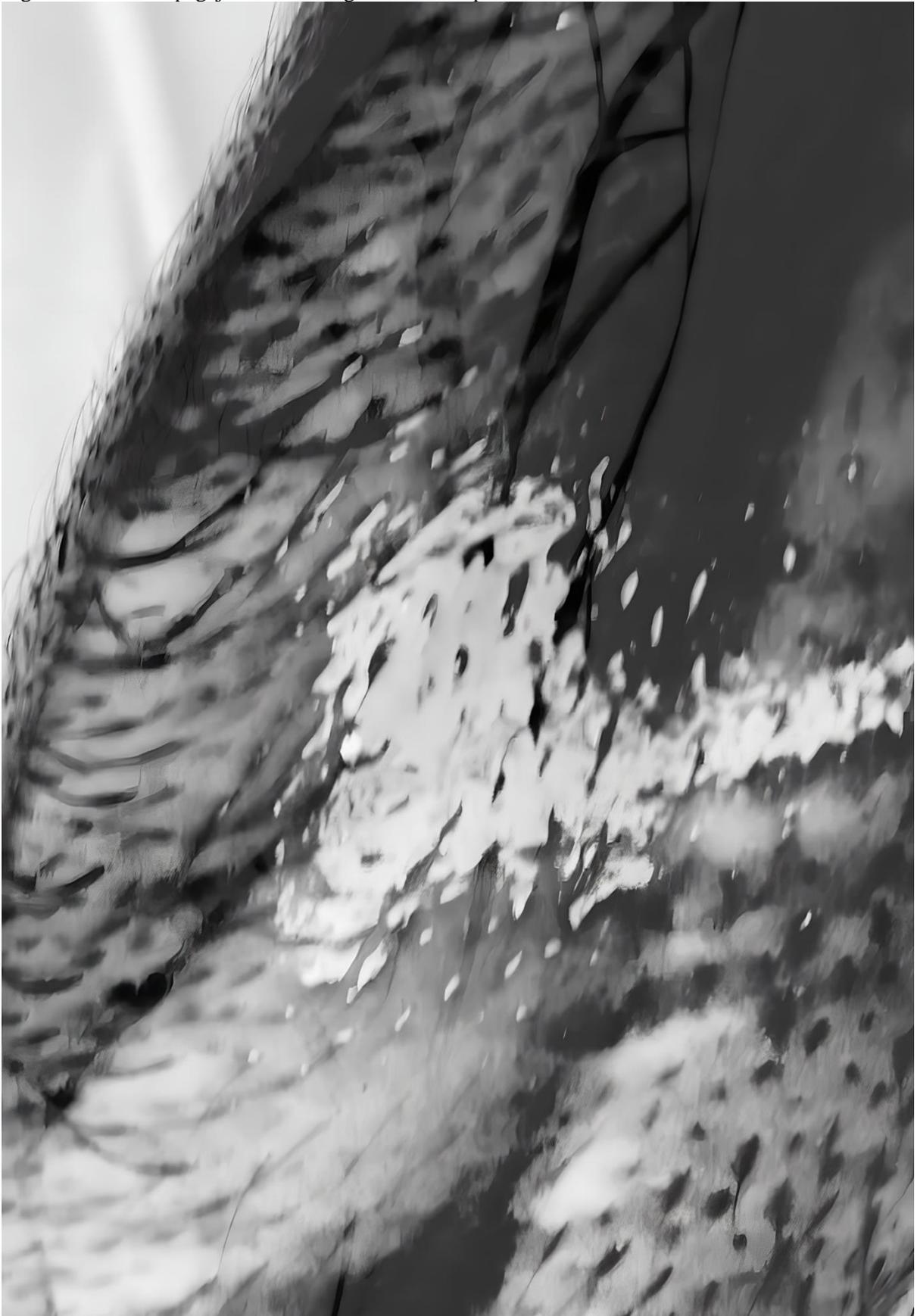
A primeira parte do vídeo começa com um piscar intermitente de luzes contrastantes, ao fundo podemos ouvir o som de um coração batendo. De repente somos confrontados com uma sequência de imagens que falam algo sobre a pegação, mas não conseguimos fazer essa leitura de imediato porque elas passam numa velocidade incessante, causando uma certa desorientação no espectador. Na mesma velocidade que surgiram elas desaparecem, produzindo uma pausa momentânea e incitando que algo está prestes a acontecer a qualquer momento. O piscar de luzes foi feito para simular a sensação de ansiedade que a experiência da pegação provoca no corpo. Já a sequência rápida das imagens aborda, por um lado, a efemeridade dessas vivências, por outro, a ilegibilidade desses espaços, tendo em vista que são territórios mais ou menos invisíveis da cidade.

As luzes voltam a piscar na segunda parte do vídeo, mas dessa vez são intercaladas por cenas abstratas mais longas que acompanham as batidas de uma música que sugere o ato sexual. Essas cenas são composições imagéticas produzidas pela sobreposição de tomadas do meu corpo, do rio e do Centro de Aracaju. Elas foram produzidas a partir de reflexões sobre a corporeidade da pesquisa: qual o corpo da dissertação, como e em que lugar do corpo a temática está inscrita. O intuito foi ressaltar as veias e pelos do meu braço para falar da pegação como um espaço pulsante (figura 8). A textura viscosa da pele fala sobre o vaivém dos amantes que se penetram na relação erótica, com isso produzem um lugar momentâneo: um espaço escorregadio, suado, salgado, apertado, estreito, pegajoso, úmido, quente, íntimo. Um espaço de sexo que percorre as veias pulsantes de um corpo em estado de excitação, de ansiedade.

²² *Processos do Habitar* foi uma disciplina ministrada pela prof^a dr^a Maria Angélica da Silva no segundo semestre de 2021. A disciplina compreende o espaço habitado e espaço vivido como categoria compartilhada com outros seres viventes. Por isso propõe investigações sobre modos de habitar e modos de vida nas suas dimensões temporais e espaciais, singulares e experienciais; a heterogeneidade da vivência cotidiana e a qualidade do habitar inclusivo e acolhedor no exercício e produção da cidadania em âmbito local e universal; e a sustentabilidade socioambiental.

²³ *Corpo como Espaço Habitado* foi uma disciplina ministrada pela prof^a dr^a Juliana Michaello Macedo Dias no segundo semestre de 2021. A disciplina propõe investigações acerca dos espaços habitados a partir de experimentos corporais sobre as seguintes temáticas: corpo como espaço e o espaço do corpo; o humano entre outros corpos; as possibilidades subjetivas, poéticas e ficcionais do corpo no espaço habitado, vivido e imaginado; e a dimensão pós-orgânica: ciberespaço, ciborgues, corpo e mídia.

Figura 8 – Textura pegajosa de um fragmento do corpo.

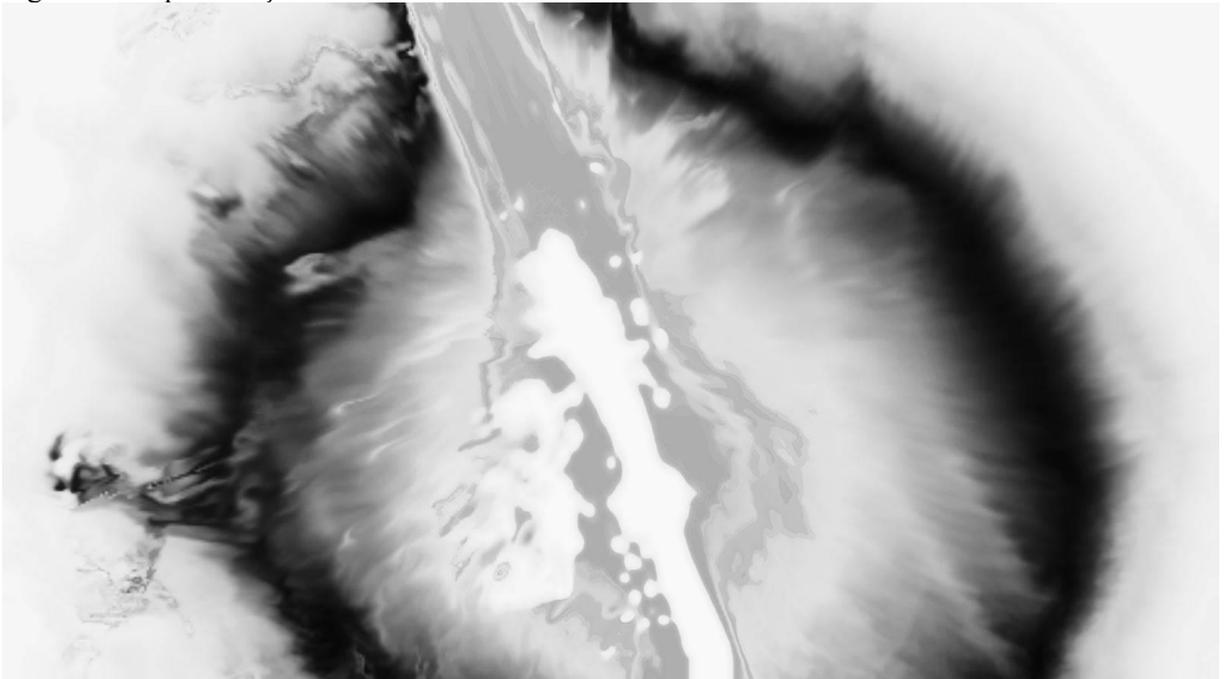


Fonte: acervo do autor (2022)

Flashes de sentido

A partir dessa leitura preliminar, proponho pensar o ritmo intermitente do vídeo a partir da ideia de flashe. O flashe é um clarão breve e intenso produzido no momento que tiramos uma foto para iluminar o objeto fotografado. Quando estamos diante da câmera, se olharmos direto para a luz, o flashe pode ofuscar a visão e produzir uma cegueira momentânea que nos leva a enxergar manchas luminosas, que persistem no campo visual por alguns minutos. Trata-se de um fenômeno entóptico chamado fosfeno (figura 9), que causa a sensação de ver padrões abstratos pela estimulação da retina. Então, os flashes têm uma intensidade provocativa que estremece o movimento das coisas e provovam choques na pretensa estabilidade do que enxergamos. E quando isso ocorre, nos levam a enxergar imagens abstratas que nos transportam para outros mundos.

Figura 9 – Representação artística de um fosfeno



Fonte: acervo do autor (2021)

A sucessão de planos entre sons e imagens aparecem no vídeo como flashes de sentido. Não se produz a compreensão de um todo, apenas uma leitura provisória e fragmentada das coisas. O vídeo não quer falar o que é a dissertação, o piscar intermitente foi feito para que o espectador tirasse as suas próprias conclusões. Então, uma composição por flashes de sentido produz a suspensão da soberania do significante, dando lugar à visão desfocada do espectador

atento a uma leitura polifônica da obra. Nesse percurso, o leitor é deslocado a enxergar outras coisas. Essa seria a primeira pista para se pensar em uma prática erótica da linguagem.

A erótica da linguagem

No prefácio da edição brasileira de *O erotismo* de Georges Bataille, Raúl Antelo (2021) escreve sobre *O lugar do erotismo* a partir da concepção do *prazer do texto* de Roland Barthes. O ponto de partida dessa reflexão propõe pensar uma experiência que Barthes relata sobre o prazer de ler algo e ser arrastado a ouvir outra coisa:

Estar com quem se ama e pensar em outra coisa: é assim que tenho os meus melhores pensamentos, que invento melhor o que é necessário ao meu trabalho. O mesmo sucede com o texto: ele produz em mim o melhor prazer se consegue fazer-se ouvir indiretamente; se, lendo-o, sou arrastado a levantar muitas vezes a cabeça, a ouvir outra coisa (BARTHES, 1987, p.35 apud ANTELO, 2021, p.20).

Com essas palavras, Antelo (2021) lança as pistas para uma compreensão do caráter erótico da linguagem. O leitor se entrega a uma prática erótica da linguagem quando incorpora o texto e a partir dele produz sentidos, interpretações, agenciamentos. Ou seja, o envolvimento erótico com a obra está relacionado com o conceito de significância, uma vez que os sentidos, as interpretações, os agenciamentos, são produzidos sensualmente em um percurso de leitura:

A significância que aí emerge situa o sujeito - sujeito entendido tanto enquanto escritor, quanto em seu caráter de leitor - no texto, porém, não como uma simples projeção, mesmo fantasmagórica, mas, acima de tudo, como uma perda, um dispêndio, um gasto, daí sua identificação com o gozo (ANTELO, 2021, p.21).

O erotismo do texto estaria, assim, atrelado à produção de flashes de sentido. Barthes fala sobre isso ao declarar que o seu objetivo ao ministrar um seminário sobre um texto de Freud "não era o estudo de uma tese, mas a produção de 'flashes de sentido', conforme a fórmula nietzschiana do 'sentido para mim" (ANTELO, 2021, p.20). O que está em jogo nessa fórmula reivindica a produção de um saber situado. A clássica pergunta do "o que é isso?" ou "o que é este texto?" é desmontada para incorporar o elemento do "o que é isto para mim?". Nesse sentido, o prazer do texto é despertado em uma leitura que provoca flashes de sentido, no momento que o leitor se questiona "o que é este texto, para mim, que o leio?". Ou seja, os flashes de sentido são as reflexões produzidas em uma prática erótica da linguagem.

Se o texto apresenta diferentes sentidos, tudo depende da forma como ele é interpretado, podendo variar de leitor para leitor. A tal "interpretação" existe "não como um

'ser', mas como um processo, um devir" (BARTHES, 1988, p.257 apud ANTELO, 2021, p.21). Um devir erótico do corpo-leitor que afeta o corpo-texto à medida que o lê, e vice-versa. Ao reconhecer a multiplicidade de correlações de que um livro é feito, a produção do saber deixaria de ser consagrada em “uma propriedade estreita” e passaria a “viajar ao longo de um espaço cultural aberto, sem limites, sem hierarquia” (ANTELO, 2021, p.23).

Suponho que Deleuze e Guattari (1995) nos convidam a uma prática erótica da linguagem na introdução ao pensamento rizomático ao sugerirem que não devemos perguntar o significado de um livro, em vez disso deveríamos experimentar agenciamentos. Em suas palavras:

Não se perguntará nunca o que um livro quer dizer, significado ou significante, não se buscará nada compreender num livro, perguntar-se-á com o que ele funciona, em conexão com o que ele faz ou não passar intensidades, em que multiplicidades ele se introduz e metamorfoseia a sua, com que corpos sem órgãos ele faz convergir o seu (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.18).

O livro que se propõe a determinar o significado das coisas empobrece a relação erótica da linguagem, porque a sua escrita serve apenas a função de comunicação e transcrição, esterilizando qualquer possibilidade de perda, de dispêndio, de gasto, de gozo. Nesse processo, a escrita correria o risco de negligenciar as tantas outras formas do livro se mostrar, as tantas outras interpretações que poderia provocar, produzindo leituras que não passam de simples consumo, leituras em que a significância é censurada (ANTELO, 2021).

Deleuze e Guattari (1995) usam a metáfora do orgasmo para falar sobre a estrutura do livro clássico. Este inicia apresentando o tema com uma breve descrição dos capítulos seguintes, depois segue o referencial teórico que será utilizado para analisar o objeto de estudo, até chegar no clímax do orgasmo quando são apresentados os resultados finais alcançados. Ou seja, trata-se de um formato repartido numa linearidade: formula-se um problema de pesquisa e disserta-se sobre ele de forma progressiva até a sua conclusão. No entanto, como seria um livro escrito por uma espécie difusa e prolongada de orgasmo, cuja intensidade é distribuída ao longo do texto?

Os autores propõem a substituição do livro feito de capítulos pelo livro feito de platôs. Não conseguimos reconhecer nele uma estrutura de começo, meio e fim porque as páginas são percorridas por um *continuum* sem convergir a eixos de centralidade.

Por exemplo, uma vez que um livro é feito de capítulos, ele possui seus pontos culminantes, seus pontos de conclusão. Contrariamente, o que acontece a um livro feito de “platôs” que se comunicam uns com os outros através de microfendas, como

num cérebro? Chamamos “platô” toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.32).

Ancorado numa perspectiva deleuziana, as páginas da dissertação foram escritas em platôs para que o leitor produzisse um mergulho erótico na experiência. Os platôs estão sendo chamados aqui de [LINHAS] em referência a trama de fios que alinhavam as narrativas da cidade. Cada [LINHA] inicia através de elementos disparadores, seja através de experimentos audiovisuais ou fragmentos dos diários de bordo. A escrita da dissertação também foi sendo tecida sensualmente: a partir da leitura desses elementos, fui escrevendo as ideias que eu era levado a pensar. A dissertação, então, não só instiga que o leitor produza uma prática erótica da linguagem, mas o seu próprio processo de confecção foi feito dessa forma. O texto não só abriga o lugar do erotismo em suas [LINHAS], mas também incita que estas sejam experimentadas através de uma leitura erótica, corporificada.

Deleuze e Guattari (1995, p.18) falam que “não há diferença entre aquilo que um livro trata e a maneira como ele é feito”. Então, o que o texto da dissertação está fazendo é incorporar o caráter erótico da pegação, produzindo uma espécie de dissertação-pegação: um texto fugaz, provisório, fragmentado, que se propõe não ao estudo de uma tese, mas a provocar flashes de sentido no leitor. O intuito é propor uma dissertação sem sentidos e questões fechadas e respondíveis, mas sim experimentáveis para incentivar o leitor a produzir um diálogo com o texto acadêmico. Assim, os convido a uma prática erótica da linguagem.

L2.1 Cidade-texto: o leitor-voyeur e o (c)am(inh)ante

.....não há diferença entre aquilo que um livro trata e a maneira como ele é feito.....não há diferença entre a forma como funcionam as dinâmicas do espaço habitado e este texto..... eis que surge uma cidade-texto.....

Se entendermos a cidade como um texto, poderíamos compreender que uma prática erótica da linguagem não se restringe a leitura de um livro, ela também se estende a um método de apreensão das cidades. Suponho que as andanças produzidas nos espaços do Centro de Aracaju tenham sido feitas, em certa medida, através de uma prática erótica da cidade, tendo em vista que o meu corpo foi produzindo uma leitura das dinâmicas espaciais, sendo atravessado por ocorrências que muitas vezes me levavam a levantar a cabeça e ouvir outras coisas. Se a prática erótica da linguagem não é a única forma de se produzir a leitura de um texto, sou instigado a pensar quais seriam as perspectivas de leitura de uma cidade-texto...

Cada cidadão escreve uma tessitura urbana, mas também lê, interpreta e atribui significados à cidade através das lentes que constitui ao longo de suas vivências. Isto é, um devir corpo-cidadão-escritor-leitor que produz agenciamentos com a cidade-texto, e vice-versa. No entanto, nem todos os códigos emitidos a partir da cidade dialogam entre si, porque nem todos os crivos de leitura são compatíveis, podendo haver não só divergências entre si, mas também tensões, embates e conflitos. Estamos diante de uma (pluri)cidade, não uma (uni)cidade. Desse modo, o espaço não tem um caráter natural, neutro ou permanente, nem possui um significado ou função inerente, porque o lugar é feito por processos de apropriação em recortes de temporalidade (CORTÉS, 2008).

A cidade é o espaço social pelo qual o sistema de significados é produzido, disseminado, negociado e desafiado. Nesse sentido, Duncan (1990 apud SILVA, 2009) afirma que a cidade tece as tramas de um livro, e como tal, é passível de ser lido e escrito. O autor considera a “cidade-texto” enquanto um veículo discursivo, emissor e receptor de sentidos, que evidencia a trama simbólica de representações sociais e relações de poder como elementos de compreensão do espaço. Essa concepção fornece uma abordagem política das dinâmicas espaciais ao evidenciar como “a vida social é organizada e como as relações de força são socio-espacialmente constituídas, reproduzidas e contestadas” (SILVA, 2009, p.138).

Se a cidade é um livro, quais tramas de cidades-texto existem por aí? E quais as suas perspectivas de leitura?

O pensamento deleuze-guattariniano oferece pistas nessa direção ao distinguir a existência de três tipos de livro: o livro-raiz, o livro-radícula e o livro-rizoma. Os filósofos utilizam termos oriundos da botânica para formular maneiras de pensar e encarar o indivíduo, o conhecimento, as ideias, os espaços, a relação que se estabelece entre as pessoas e o mundo. Em outras palavras, as dinâmicas do espaço habitado. A partir desses três livros, proponho traçar linhas para pensar diferentes tessituras de cidade (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

Cidade-texto-raiz

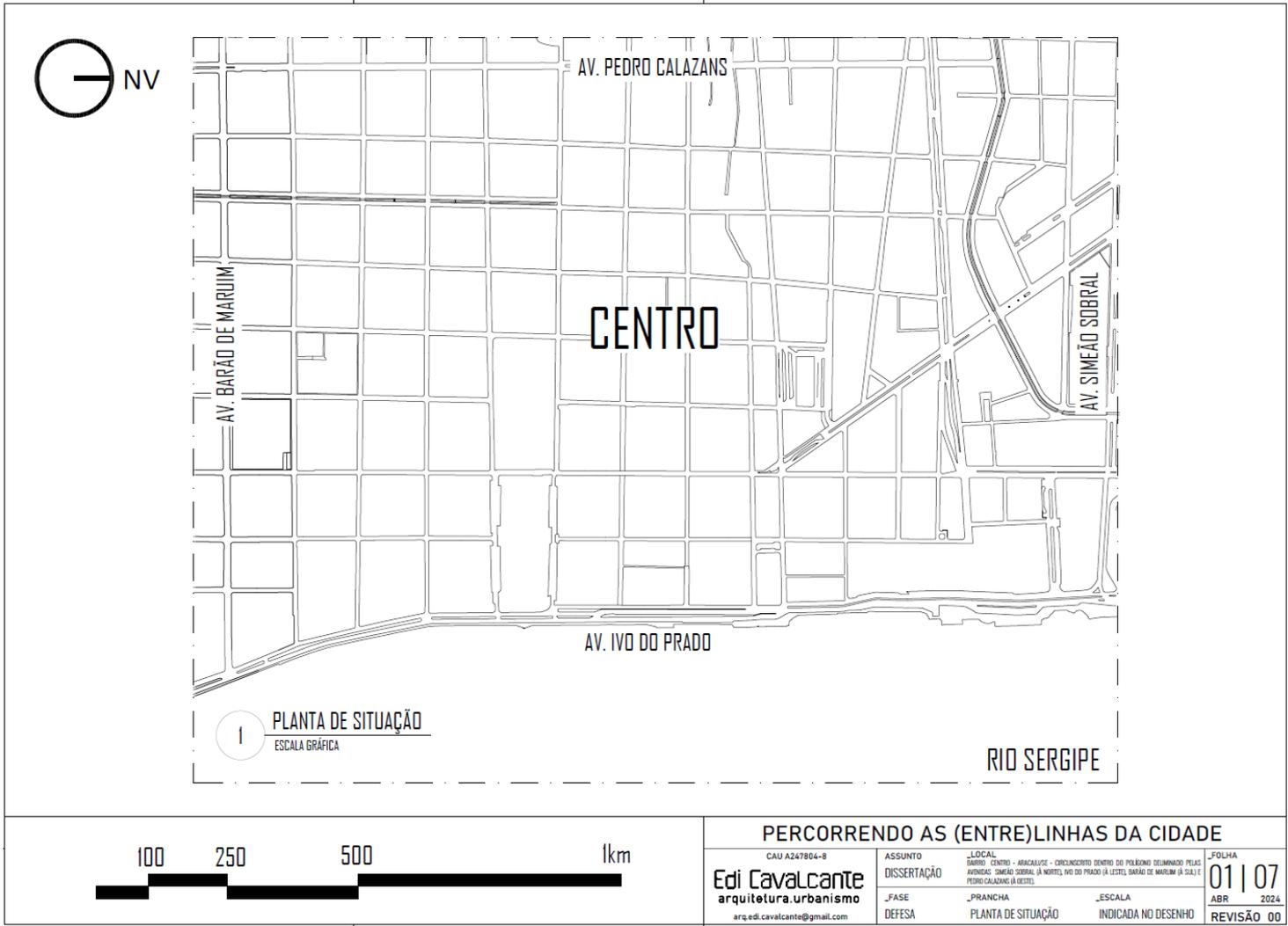
No primeiro tipo, o **livro-raiz**, a árvore figura a imagem do pensamento atrelado a essência platônica: "o mais clássico, o mais refletido, o mais velho, o mais cansado" dos pensamentos. É o livro significativo que atribui interpretações da realidade. Porém, ele não vive o mundo real, vive o mundo das ideias, onde as coisas são estáveis, não mudam. Por isso, age como se fosse uma entidade superior, o Deus todo poderoso que julga, avalia e articula as coisas existentes, como se fosse algo fora daquilo que estuda. A lei que o rege é a da reflexão, "o uno

que se torna dois". A partir de um eixo principal (o tronco da árvore) se ramificam ao seu redor eixos secundários (os galhos e folhas) por bifurcação. Então, "a lógica binária é a realidade espiritual da árvore-raiz". Esta lógica preside separações por procedimentos de análise, síntese, classificação, categorização e divisão: livro/mundo, homem/natureza, arte/ciência, corpo/alma, sujeito/objeto, público/privado, heterossexual/homossexual, homem/mulher. "Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal". Por isso, é um tipo de livro que segrega a realidade, porque opera diferentes formas de separação (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.19, 20).

A estrutura arborescente do livro-raiz converge em direção à cidade-conceito, ideia discutida por Michel de Certeau (1993) em *Andando na cidade*. Do alto do 110º andar das torres gêmeas, o filósofo observa a ilha de Manhattan. De repente, a complexidade de conflitos da vivência urbana é aplainada pelo olhar celestial que "tudo vê". Nessa posição, de cima para baixo, o ator se torna um espectador, o pedestre em um visionário, o cidadão em um leitor, o caminhante em um *voyeur*. Aquele que está em cima enxerga um livro sendo escrito pelos de lá de baixo, mas o contrário não acontece, porque os caminhantes estão abaixo do limiar onde a visibilidade começa, então não conseguem ler a tessitura que escrevem. Tal perspectiva se refere nem tanto a uma posição geográfica, mas principalmente a uma postura teórico/metodológica de compreensão e produção de saber das dinâmicas espaciais. Assim, o fator urbano é imobilizado diante do olhar totalizador, transformando-se no mais imoderado dos textos humanos: uma cidade-panorama. Ou seja, uma cidade vista de longe, que não se experimenta, mas que se interpreta. Em outras palavras, um simulacro-teórico, um recorte legível da realidade, uma ficção de cidade criadora de leitores-voyeur. Sobre a cidade-panorama, Certeau escreve:

Ser alçado ao topo do World Trade Center é ser surrupiado do aperto da cidade. O corpo do indivíduo não está mais nas garras das ruas que fazem voltas e retornos conforme uma lei anônima; nem está possuído, seja com o que joga ou como o que é jogado, pelo estrondo de tantas diferenças e pelo nervosismo do tráfego de Nova Iorque. Quando se sobe ali, deixa-se para trás a massa que carrega e mistura em si própria toda identidade de autores ou espectadores. Um Ícaro voando sobre essas águas, ele ignora os artifícios de Dédalo, movimentando-se em labirintos infinitos bem abaixo. Sua elevação o transfigura num *voyeur*. Coloca-o à distância. Transforma o mundo encantatório pelo qual ele foi "possuído" num texto diante de seus olhos. E lhe permite lê-lo, ser um Olho solar, olhando para baixo como um deus. A exaltação de um impulso abrangente está relacionada a essa luxúria de ser um ponto de vista e nada mais (CERTEAU, 1993, p. 21 e 22).

Figura 10 – A cidade-panorama: mapa do Centro de Aracaju representado através do modelo de uma prancha de um projeto arquitetônico



Fonte: representação gráfica produzida pelo autor (2024)

As concepções arquitetônicas e urbanísticas mais tradicionais são seduzidas pelo olhar de Ícaro. A economia técnica da arquitetura de projetos se distancia da realidade ao encerrar-se em seus atributos geométricos (figura 10), evitando abordar as singularidades e o problema da diferença, seja ela do tipo social, racial, sexual ou de gênero, para não contaminar sua teoria e prática (CORTÉS, 2008). Tais concepções materializam a utopia de um texto hegemônico que nivela a multiplicidade de vivências numa projeção plana e as organiza sob o domínio de uma palavra: A Cidade. A homogeneização do discurso de cidade converge a um crivo de leitura: uma cidade-conceito, que opera dicotomias arborescentes. Ou seja, uma *cidade-texto-raiz*, que se constitui por um tipo de escolha:

Por um lado, há uma diferenciação e uma redistribuição das partes e funções da cidade, como resultado de inversões, deslocamentos, acumulações etc; por outro, há uma rejeição de tudo que não pode ser tratado dessa maneira e assim constitui o “refugo” de uma administração funcionalista (a anormalidade, o desvio, a doença, a morte etc.) (CERTEAU, 1993, p.24).

O desejo de controle implícito nessa abordagem busca dispor corretamente as coisas, ordenar os movimentos e, sobretudo, fazer emergir um tipo específico de sujeito. Conseqüentemente, múltiplos aspectos da vida, dentre eles a sexualidade, são esterilizados pela cultura arquitetônica ortodoxa. Essa conjuntura se faz recíproca as estruturas de poder analisadas por Foucault (2009), convergindo à formação de uma *sociedade disciplinar*. Trata-se de uma máquina produtora de alteridades que perpetua discriminações, rejeitando o “outro”, o “invertido”, o “anormal”, o “desviante”, tudo aquilo que compromete o modelo imposto pela administração funcionalista. “Talvez as cidades estejam se deteriorando ao longo dos processos que as organizaram”, Certeau (1993, p.27) indaga. Por esse motivo, “uma das tarefas pendentes na cidade contemporânea é a reinvenção do erotismo em suas ruas e relações, transformando-a em um lugar de transparência e sentido, mas também de mistério e transgressão” (CORTÉS, 2008, p.124).

Ao levantar discussões sobre a cidade-conceito, Certeau explicita a relação de dominação que se exerce no desejo de ler o texto da cidade. Essa constatação me leva a questionar se a dissertação não sucumbe a esse desejo quando propõe realizar uma leitura da cidade. No entanto, suponho que exista uma diferença entre ler a cidade do alto e percorrer as suas (entre)linhas, o que converge a dois crivos de leitura urbana: a do leitor-*voyeur* e a do (c)am(inh)ante. O *voyeur* observa a cidade de longe, então ele sucumbe a uma leitura estéril da cidade. Ele está mais preocupado em interpretar o significado de uma (uni)cidade do que experimentar agenciamentos na cidade-praticada. Em contrapartida, o ato de percorrer as ruas encarna a experiência urbana, transformando a perspectiva do leitor-*voyeur* na de um (c)am(inh)ante. O (c)am(inh)ante pratica uma linguagem erótica com a cidade à medida que põe o corpo em jogo, vivencia o lugar, estabelece diálogos com o outro.

Considero outro ponto. A capacidade de leitura, seja ela a partir da perspectiva do leitor-*voyeur* ou do (c)am(inh)ante, somente se apresenta àquele que, de alguma forma, organiza, estratifica e territorializa a natureza processual do fator urbano. Então, a cidade-texto que a dissertação escreve é arborescente à medida que produz um discurso de cidades a partir dos espaços de pegação. No entanto, subverte o olhar totalizante quando explicita a existência de algo múltiplo, visto de cima, de baixo, dos lados, de dentro, de fora. Uma Multiplicidade Invertida, que não só olha, mas que também permite ser vista. Uma Multiplicidade em si, que

não se deixa ser suplantada por uma unidade superior, tal como ainda acontece no sistema fasciculado das cidades contemporâneas.

Cidade-texto-radícula

No segundo tipo de livro, o **livro-radícula**, a raiz fasciculada figura a imagem do pensamento “da qual a nossa modernidade se fez de bom grado. Desta vez a raiz principal abortou, ou se destruiu em sua extremidade: vem se enxertar nela uma multiplicidade imediata e qualquer de raízes secundárias que deflagram um grande desenvolvimento.” À primeira vista pode parecer que a radícula rompe com a estrutura hierárquica e dicotômica da árvore-raiz, considerando que os seus eixos são todos mais ou menos iguais, na espessura e no comprimento, porém ainda estão presos em uma estrutura totalizante que opera por centralidades. “A unidade não para de ser contrariada e impedida no objeto, enquanto que um novo tipo de unidade triunfa no sujeito”: [...] uma mais alta unidade, de ambivalência ou de sobredeterminação, numa dimensão sempre suplementar àquela de seu objeto”. Em outras palavras, as partes de um todo. A unidade do todo persiste sobre a pretensa “multiplicidade” das partes. Então, apesar de considerar múltiplas possibilidades, a radícula é um sistema fechado e em certa medida previsível, já que as suas partes são reduzidas às leis de combinação do todo (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20,21).

Ao examinar a modernidade, era que fez vigorar as dicotomias da árvore-raiz e do sistema fasciculado, Foucault (2000) investiga como os filósofos iluministas redefiniram o significado das palavras e dos conceitos, passando a adotar uma nova forma de pensar o mundo baseada na lógica racional e na ciência, em vez da religião e da superstição. A subjetividade moderna, então, constituiu-se por um tipo de escolha:

Por um lado, a afirmação da razão, da inteligência, do método, do pensamento, por outro a negação dos instintos, das paixões, das contradições, dos afetos, do corpo que precisaram ser negados para que este humano pudesse se tornar razoável, estável, previsível; em síntese, racional (MOSE, 2019, p.37).

Criou-se uma fábula diante dessa convenção: a ilusão que a razão poderia criar um mundo melhor pelo controle da natureza, que o ser humano poderia alterar a si e ao seu redor, que o desenvolvimento científico e a revolução tecnológica trariam o progresso. Em suma, que a ciência levaria à salvação da humanidade. Mas o que vimos acontecer nos últimos anos foram requintes de crueldade. A busca desenfreada pelo alto desempenho, movido na corrida pelo progresso, devastou o meio ambiente (KRENAK, 2020) e impulsionou os limites do corpo até

às últimas consequências, até a completa exaustão, produzindo aquilo que Han (2017) denomina como uma *sociedade do cansaço*.

O filósofo sul-coreano elabora um diagnóstico sobre a contemporaneidade que padece com um processo de desaparecimento da alteridade. A pretensa idealização de uma vida pacífica e controlada fez a sociedade de desempenho construir uma gama de procedimentos, em múltiplos aspectos da vida, inclusive nas dinâmicas do espaço habitado, que dissipam a negatividade do outro. Mas o tiro saiu pela culatra: ao negar a alteridade, o sujeito narciso recai no inferno do igual e sofre a violência angustiante e exaustiva do excesso de positividade, o que causa os infartos psíquicos de uma sociedade cheia de depressivos e fracassados. Toda essa dinâmica se processa dentro da lógica do sistema capitalista que busca formas de maximizar o nível de produtividade do corpo, e consequentemente, aumentar a capacidade de produção e circulação do capital (HAN, 2017).

O adoecimento neuronal da sociedade de desempenho apontaria uma condição de esgotamento da arquitetura urbana contemporânea?

Em *Abriu-se uma janela, que horas são?* (TAVARES, 2022, p.12), meu TFG, eu comecei a tecer uma crítica, a partir de Brito e Jacques (2009), sobre o panorama das cidades contemporâneas ao identificar uma perda no valor da experiência corporal, frente ao processo de compressão espaço/temporal, que conduz o ritmo desenfreado da sociedade contemporânea. Dentre as inúmeras consequências dessa aceleração generalizada, destaca-se a influência particular na maneira de habitar as cidades, que sofrem um processo de espetacularização urbana²⁴. Paralelamente, outro fator que impacta as dinâmicas do habitar refere-se aos padrões de fuga e isolamento causados pela espetacularização da violência²⁵. Cada vez mais o cidadão relega a vivência urbana pelo temor ao outro, preferindo frequentar espaços privados, habitado

²⁴ O processo de espetacularização urbana faz alusão “às desastrosas consequências do processo de privatização dos espaços públicos pela especulação imobiliária e a consequente gentrificação (enobrecimento de áreas com expulsão da população mais pobre) das cidades contemporâneas”. In BRITO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. Corpocidade: arte enquanto micro-resistência urbana. **Fractal: Revista de Psicologia**, v. 21 – n. 2, Maio/Ago. 2009, p.338.

²⁵ Segundo Marcelus Ferreira (2011, p. 87 e 88) “o papel da mídia quanto à espetacularização da violência resulta em duas situações distintas, uma delas seria a banalização dos atos violentos, tornando-os corriqueiros e sem importância no dia a dia das pessoas, ou então, a criação de um estado de alerta coletivo, em que são adotadas posturas de suspensão das vivências urbanas em favor de experiências seguras. Neste cenário, o que parece ocorrer também é a apropriação capitalista desta situação de envolvimento do cidadão com seus temores e, assim, se estabelece mais um foco de produção e mercado de consumo, o do seguro e da proteção. A mídia, neste contexto, fortalece a construção dessas representações nas associações entre violência e pobreza, marcando cada vez mais as desigualdades sociais, quando, ao mesmo tempo, potencializa a sensação de medo e insegurança com a exposição diária da violência. Gera assim, um ambiente propício para o cidadão consumir produtos relacionados ao se proteger”. In FERREIRA, Marcelus Golçaves. *Corpo/Cidade: uma corpografia do medo*. **Contemporânea**, Rio de Janeiro, ano 2011, v. 9, n. 2, ed. 18, p. 86-98, 2011.

por iguais, em nome de experiências ‘seguras’. A consolidação de tais processos é um efeito colateral do projeto de racionalização da modernidade. O ideal modernista de homogeneização e compartimentação das cidades foi apoderado pela cultura de consumo do capitalismo tardio no atual estágio de globalização. Com efeito, suplantou a crise do sujeito corporificado: o empobrecimento da participação cidadã na vida política de cidades que dissipam a diferença. Fato que me leva a questionar: se as cidades contemporâneas já não proporcionam mais o encontro com o outro, a arquitetura urbana sucumbe a uma experiência estéril do habitar?

Figura 11 – As linhas da cidade “conhecida”: fragmentos de edificações históricas do Centro de Aracaju.



Fonte: @arbour.arquitetura (2019)

Como vimos, na trama da *cidade-texto-raiz*, a unidade triunfava no olhar totalizante da administração organizacional. Entretanto, o edifício conceitual do projeto de modernidade entrou em colapso no terreno movediço da pós-modernidade. As metanarrativas foram

substituídas por uma diversidade de jogos de linguagem que operam através da lógica do desempenho. A (uni)cidade arbórea desaba diante de uma sociedade de desempenho que saiu “da linha do raciocínio para as complexas conexões em rede, do material para o imaterial, da dualidade para a complexidade, do sucessivo para o simultâneo” (MOSÉ, 2019, p.33). À primeira vista pode parecer que a cidade contemporânea fez proliferar uma (pluri)cidade ao romper com olhar totalizante da *cidade-texto-raiz* (até porque ela não para de gritar “Viva o múltiplo!”). No entanto, nas entrelinhas passou a suplantar uma nova totalidade: o inferno do igual. A cidade da sociedade do desempenho, uma *cidade-texto-radícula*, feita de “academias de fitness, prédios de escritório, bancos, aeroportos, shopping centers e laboratórios genéticos”, dissipou os resquícios de negatividade do outro (HAN, 2017, p.23). Ela fez desaparecer “o outro como mistério, o outro como sedução, o outro como Eros, o outro como desejo, o outro como inferno, o outro como dor. A negatividade do outro dá lugar, hoje, à positividade do igual” (HAN, 2022, p.7).

Na contramão desse processo, Francesco Careri (2013) aponta o ato de caminhar pelas ruas da cidade como uma forma de reestabelecer o encontro com o outro – o que, por sinal, quase sempre vem acompanhado de dissensos e conflitos. Os vários outros urbanos habitam as (entre)linhas da cidade e muitas vezes constroem espaços outros que não estão nos mapas oficiais das cidades. O autor, então, afirma que uma das formas de estabelecer o reencontro com a alteridade nas cidades contemporâneas seja através de andanças pelos espaços que estão ao redor dos muros da cidade conhecida: os espaços “visíveis ou invisíveis, nas margens da cidade tradicional, espaços que não aparecem nos guias turísticos, espaços urbanos indeterminados, marginais, periféricos, territórios em plena transformação, espaços mutantes que se parecem com a zona” (CARERI, 2013, p.14). Tais zonas apontam pistas para pensar as tramas textuais da cidade subterrânea.

Cidade-texto-rizoma

Chegamos, então, ao terceiro e último livro, o **livro-rizoma**. O rizoma é um caule horizontal em forma de raiz, geralmente subterrâneo, capaz de multiplicar-se em diversos caminhos e direções à medida que produz conexões entre os seus nós. A grama, por exemplo, é um rizoma. Não conseguimos reconhecer nela uma estrutura de começo, meio e fim, porque os seus ramos coexistem sem necessariamente convergir a eixos de centralidade. Em outras palavras, trata-se de um sistema em aberto, desierarquizado, descentralizado e heterogêneo. Por isso, distingue-se das raízes e radículas, mas não as anula, as incorpora: “plantas com raiz ou

radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica". O ponto não é se desfazer do sistema arbóreo e fasciculado, mas relacioná-los inversamente (mas não simetricamente) a um rizoma (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.21).

Figura 12 – As (entre)linhas da cidade: fragmentos diversos do Centro de Aracaju



Fonte: montagem produzida pelo autor (2022). Colagem inspirada na coleção *Atlântico Vermelho* da artista visual Rosana Paulino (2016). A colagem utiliza imagens de Vitória Santos (2020), André Carvalho (2019), Lineu Lins e registros do acervo do autor.

Conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura a-significante, cartografia e decalcomania são algumas das características do pensamento rizomático. A partir da perspectiva das potências, dos fluxos, da *multiplicidade*, o livro-rizoma concebe uma forma de pensar que possibilita *conectar* pontos de naturezas distintas através de *rupturas a-significantes*, produzindo cadeias semióticas *heterogêneas* cujas unidades de medida (linhas,

estratos, segmentaridades, planos de consistência) são passíveis de serem *cartografadas* em um tipo de mapeamento em aberto, “conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.30).

O sistema rizomático se constrói de forma recíproca à natureza processual das práticas cotidianas do espaço vivido. Apesar da ação dos mecanismos e discursos da organização do espaço, existem práticas singulares e plurais que resistem à deterioração e deslizam sob as entrelinhas do texto da cidade planejada. Longe de serem eliminadas pela administração funcionalista, tais práticas ganham força numa ilegitimidade proeminente. São “táticas ilegíveis, mas estáveis a ponto de se constituírem em regulamentos cotidianos e criatividade sub-reptícias” (CERTEAU, 1993, p.27). Estamos diante de uma *cidade-texto-rizoma*, cujas “escrituras que se movem e se entrecruzam compõem uma história múltipla sem autor nem espectador, formada de fragmentos de trajetórias e alterações de espaços: em relação a representações, permanece diária e indefinidamente outra (CERTEAU, 1993, p.23). O que seria a figura 12 senão uma tentativa de cartografar as vivências de uma *cidade-texto-rizoma*?

No percurso da [LINHA 2], viemos apresentando diferentes tramas de cidade-texto no intuito de tatear possíveis métodos de apreensão da cidade. As perspectivas de leitura da cidade-texto, a do leitor-*voyeur* e a do (c)am(inh)ante, lançam pistas para pensarmos em uma prática erótica da cidade. Tal abordagem seria uma forma de reestabelecer o encontro com o outro, apontando possíveis caminhos para suplantar a crise do sujeito corporificado que impera sobre o panorama das cidades contemporâneas. Além disso, percorrer as ruas seria uma forma de reinventar o erotismo das cidades, as transformando em um lugar de mistério e transgressão. Assim sendo, os convido a uma prática erótica da cidade, os convido a me acompanhar em algumas experiências de errância pelas ruas e pelos espaços de pegação do Centro de Aracaju, com o intuito de produzir um mergulho nas entrelinhas de uma cidade submersa ao longo dos [DIÁRIOS DE BORDO].



Durante uma deambulação noturna, a noite é descrita [por Louis Aragon] como o lugar "onde se escondeu o inconsciente da cidade", um terreno de experiências em que é possível se ter surpresas e revelações extraordinárias (CARERI, 2013, p.80, grifo nosso).

Domingo, 27 de junho de 2021

Estou planejando fazer uma andança pelas ruas do Centro amanhã à noite, mas só de pensar nisso sinto calafrios. Não sei explicar, um medo irracional toma conta do meu corpo. Fico até surpreso com essa reação, eu vivo em Aracaju a mais de 15 anos, já estou familiarizado com as ruas do Centro, andar por lá nunca foi um problema. Por outro lado, também não tenho questões em sair de casa pela noite, as vezes até prefiro, acho mais tranquilo. Então, o problema não é o Centro nem a noite, é andar pelo Centro à noite.

Acredito que esse medo tenha surgido a partir de uma crença que ronda o imaginário aracajuano: **cresci ouvindo falar que não existe vida à noite no Centro, como se nesses horários ali se tornasse um território sem lei, uma terra de ninguém**. Tanto é que sempre evitei passar por lá fora do horário comercial. Isso me fez lembrar das vezes que fiquei no comércio até o fim de tarde, agia com um certo alvoroço para terminar de resolver as coisas e voltar logo para casa, antes que as lojas fechassem as suas portas. **É como se as portas abertas fossem os últimos resquícios de segurança, uma vez fechadas, as ruas esvaziariam e aquele lugar viraria ao avesso**, a partir daí qualquer coisa poderia acontecer.

Agora você imagine ter que ir para um lugar que não tem vida. Isso fez com que eu imaginasse um cenário distópico, um lugar marginalizado, inseguro, propício à violência. **As palavras que me vem à cabeça quando penso no Centro à noite são "moradores de rua, prostitutas, tráfico de drogas, assaltos, bordel, sauna, travesti"**. Mesmo de longe já consigo constatar que sim, existe vida no Centro à noite. Parando para pensar, desde cedo fui ensinado a evitar o Centro noturno por conta desse estigma, por isso sempre mantive distância. O estigma produz distanciamentos.

Pensei em escrever esse relato prévio para trazer à tona essa sensação de desconforto. Quem sabe a escrita me ajude a lidar com o medo de enfrentar a experiência. Enquanto isso continuo em casa me questionando, uma dúvida consome os meus pensamentos: o que esperar dessa visita?

Segunda-feira, 28 de junho de 2021



Finalmente a visita aconteceu. Achei melhor ir no fim da tarde, dessa forma conseguiria ir aos poucos tateando a noite, vendo como o meu corpo reagiria. O trajeto inicia no Mercado Antônio Franco às 17:30h, segue em direção aos calçadões João Pessoa e Laranjeiras, entra no complexo de praças entre a Catedral Metropolitana e o Palácio Fausto Cardoso, percorre as ruas ao redor do comércio e termina o percurso na Praça Camerino às 19:30h. Adianto que a experiência foi diferente do que havia imaginado.

Desci no terminal do Mercado, por aquela região iniciei as andanças. Contornei a avenida Antônio Cabral e fui em direção ao Mercado de Artesanato. Não percebi nada de mais nesse trajeto, apenas aquele burburinho de fim de expediente. Gradativamente as ruas vão ficando mais vazias, o fluxo de pessoas e carros já não é o mesmo. Os últimos raios do pôr-do-sol começam a se dissipar.

Antes de dobrar a esquina do G Barbosa, vejo um homem bêbado sentado na calçada. Algumas mulheres pairam ao redor dele, o aconselham a voltar para casa. Sigo o caminho pela rua João Pessoa. Dois marcos verticais tomam o protagonismo da minha visada, o antigo prédio do INSS e o Maria Feliciano, prédios notórios que marcam a paisagem do Centro. O do INSS teve um fim trágico, foi deixado às moscas após ser interditado. Hoje está todo mutilado, retiraram-lhe os revestimentos e as esquadrias da fachada, resta apenas uma carcaça de concreto que ressoa os ecos do abandono.

Entro no Calçadão a partir da praça General Valadão. De imediato, percebo um ambiente bem iluminado. No horizonte, restam algumas pessoas, o que me deixa mais tranquilo, seguro.

Ao andar pelas ruas, observo os que cruzam o meu caminho: funcionários das lojas fechando as portas, garis varrendo as ruas, seguranças observando o movimento, vendedores ambulantes jogando conversa fora. Dentre eles, os que mais me chamam a atenção são os seguranças. Suponho que tenham sido contratados pelas lojas para fazer a ronda dessas ruas. Eles estão parados feito sentinelas nas esquinas, desses pontos conseguem vigiar os quatro cantos. **A claridade do ambiente é outro fator de vigilância. Ninguém passa por aqui despercebido, a luminosidade põe em evidência qualquer movimento.**



Quando passo pelos seguranças fico imaginando o que aconteceria se eu decidisse parar e ficasse sentado sozinho em um dos bancos, sem nenhum motivo aparente, simplesmente olhando para as lojas no meio da noite. Isso seria uma atitude suspeita? Como isso seria recebido pelos seguranças? Seria abordado por eles para prestar contas? Por via das dúvidas, apresso os passos e sigo com aquele ar de quem caminha com algum destino. Se antes os meus passos vagavam vagarosamente, agora eles seguem um ritmo contínuo, preciso e linear. O fato de estar sendo vigiado (ou pelo menos a sensação de estar sendo vigiado) produziu um impacto na forma como interajo com o ambiente. Aquela

[d]



sensação de segurança, que descrevi quando entrei no calçadão, veio com um custo, o controle da livre expressão dos movimentos.

Dou algumas voltas até chegar na Praça Teófilo Dantas, entro por aquela região atrás da Catedral Metropolitana. **A copa das árvores escurece os cantos da praça criando algumas zonas opacas.** Caminho de uma forma cautelosa, em estado de alerta. Vejo alguns gatos-pingados aqui e ali, mas por alguns instantes fico completamente sozinho. Nesses instantes, sinto um mix de sensações: por um lado, uma sensação de liberdade, poderia fazer o que quisesse, ninguém poderia ver; por outro, uma sensação de temor, a ameaça de um perigo eminente.

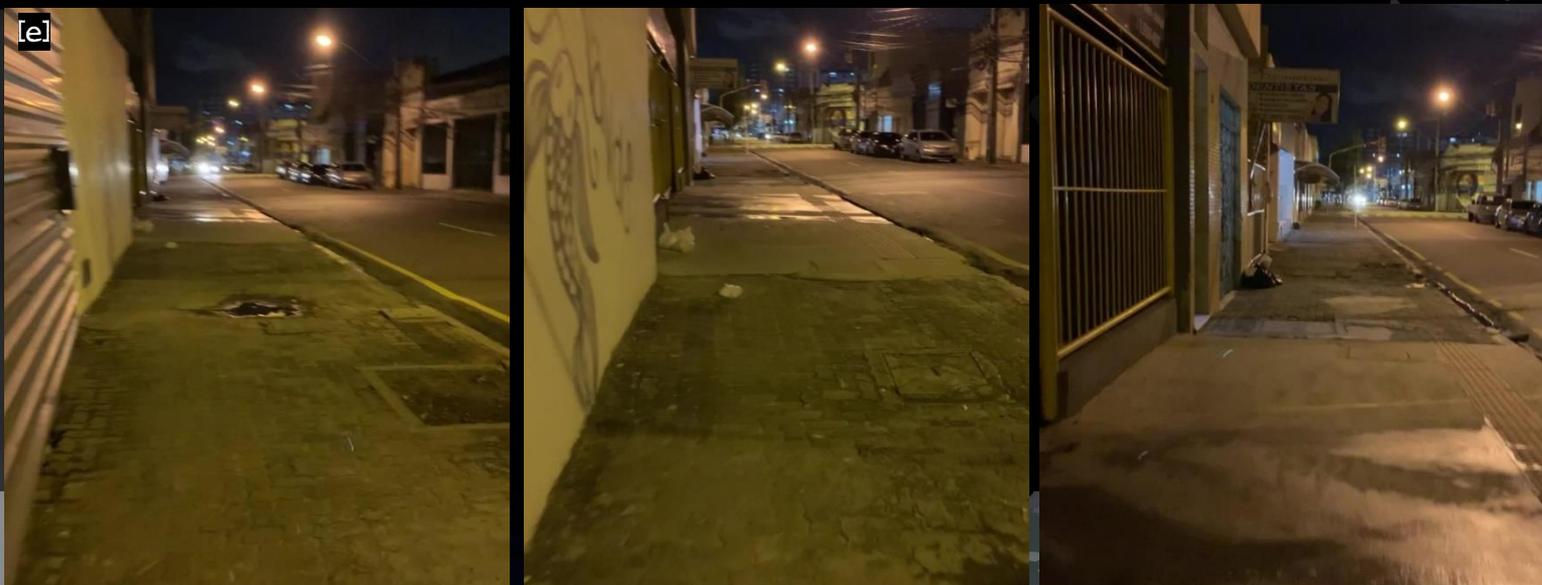
Quando atravesso a Catedral vejo dois homens caminhando em minha direção. Fico um pouco apreensivo, sinto como se estivesse sendo perseguido. A minha reação automática foi manter distância, então fiz um zig-zag no percurso para contorná-los e seguir adiante. Olho com o canto dos olhos para ver se ainda estavam atrás de mim, mas percebo que foram por outro caminho. Acabou não dando em nada. Pensando melhor, talvez aquela sensação de perseguição tenha sido coisa da minha cabeça. Eu já estava um pouco apreensivo, bastou aparecer dois corpos estranhos para produzir aquela suspeita.

Continuo remoendo aquele fato... eles não fizeram nada suspeito, simplesmente estavam caminhando, não teria porque ter reagido daquela forma. Mesmo assim, existia algo neles que produziu uma certa estranheza. Seria o fato de serem homens negros e (aparentemente) moradores de rua? Um ato proteção ou de discriminação?

Atravesso a pista e entro na Praça Almirante Barroso. Adiante vejo alguns grupos de moradores de rua, eles

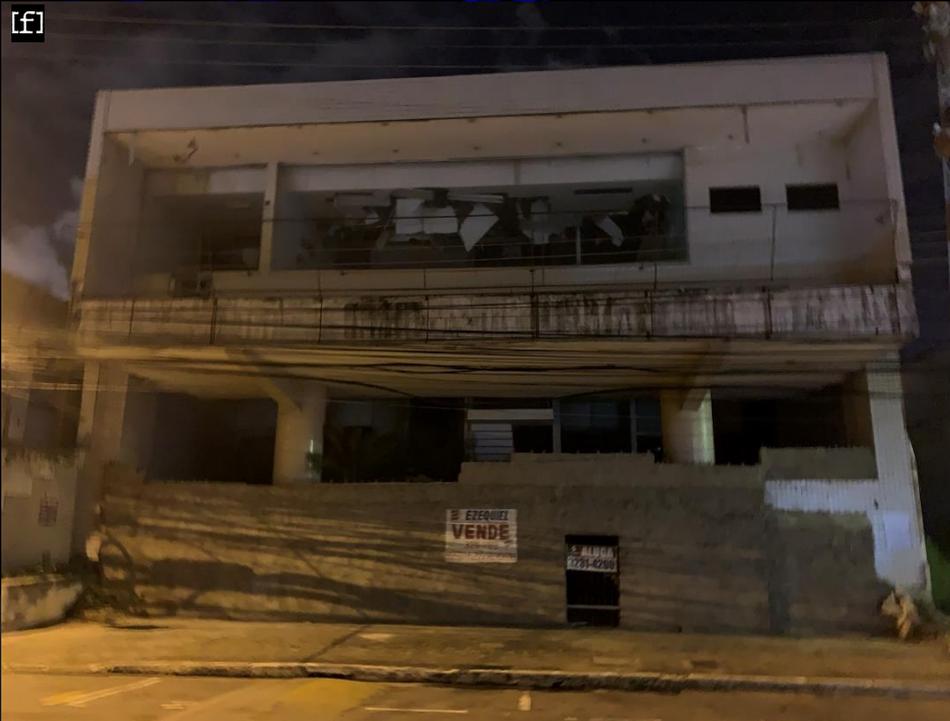
habitam os cantos desse quadrante. Observo um ponto de doação de alimentos do outro lado da rua, o pessoal da igreja está distribuindo sopa e tocando músicas com um violão.

Os edifícios históricos me conduzem em uma breve viagem no tempo, sou levado a pensar nos primeiros anos de formação da cidade. Começo a enxergar a realidade com outros olhos, as lentes do passado fazem com que eu perceba algumas imagens contrastantes. Existia um código de posturas que regulamentava a forma de se portar nesse lugar. Ou seja, aqui era um espaço higienizado, frequentado apenas pela elite da época. Os moradores de rua que hoje habitam a praça provavelmente não poderiam nem chegar perto dela a um século atrás.



Adiante percebo outra imagem dessas. Caminho até o Palácio Olímpio Campos, uma edificação eclética suntuosa que por muito tempo simbolizou o desenvolvimento econômico de Sergipe. Esse foi um dos exemplares arquitetônicos que passou pelas mãos da missão artística italiana no início do século XX, responsável por trazer os ares de modernidade para a então recém capital. Curioso pensar que nos pés desse marco do progresso há uma senhora pedinte com uma criança no colo: a imagem de uma modernidade excludente.

O meu corpo retorna ao momento presente. Deixo a ambiência das praças. Dou algumas voltas até entrar na Rua Pacatuba. De longe vejo algumas mulheres nas esquinas, quando me aproximo percebo com o canto dos olhos que são garotas de programa. Mas nem todas estão nas esquinas, uma delas está com os peitos de fora na varanda de um edifício.



É como se a varanda se convertesse numa vitrine, ela dispõe o seu produto à espera de um cliente. Se o comércio era o território dos seguranças, o conjunto das praças o território dos moradores de ruas, essas ruas são o território das prostitutas.

Sigo o caminho até a Praça Camerino. Em alguns instantes, as ruas ficam vazias. O silêncio das ruas revela sinais de vida dentro das casas: uma novela passando na tv, uma mãe conversando com o filho, o grito de um bebê. Talvez se fosse pela manhã não conseguiria perceber isso. **O silêncio da noite permite escutar ecos que tendem a ser silenciados pelos ruídos da manhã.** Chego ao meu destino final pensando nisso...



CAPA

Figura 13 - A cidade submersa: reflexo dos edifícios da av. Beira-mar sobre as águas do Rio Sergipe - nº 1 Fonte: acervo do autor (2021)

IMAGEM DE FUNDO

Figura 14 - Representação abstrata produzida pela sobreposição dos registros da visita de campo. Fonte: acervo do autor (2021)

IMAGENS NO CORPO DO TEXTO

[a] - Figura 15 - Esquina da Rua Antipas Costas com a Rua José do Prado Franco. Fonte: acervo do autor (2021)

[b] - Figura 16 - Calçadão da Rua João Pessoa. Fonte: acervo do autor (2021)

[c] - Figura 17 - Segurança no calçadão da Rua João Pessoa. Fonte: acervo do autor (2021)

[d] - Figura 18 - Parque Teófilo Dantas. Fonte: acervo do autor (2021)

[e] - Figura 19 - Rua Pacatuba. Fonte: acervo do autor (2021)

[f] - Figura 20 - Imóvel abandonado na Rua Pacatuba. Fonte: acervo do autor (2021)

[g] - Figura 21 - Grafite com o desenho do rosto da vereadora Marielle Franco, localizado na rua Pacatuba. Fonte: acervo do autor (2021)

[h] - Figura 22 - Rua Lagarto. Fonte: acervo do autor (2021)

O espaço apresenta-se como um sujeito ativo e pulsante, um produtor autônomo de afetos e de relações. É um organismo vivente, com um caráter próprio, um interlocutor que tem repentes de humor e que pode ser frequentado para instaurar um intercâmbio recíproco. O percurso desenvolve-se entre insídias e perigos, provocando em quem caminha um forte estado de apreensão, nos dois significados, de sentir medo e apreender. Esse território empático penetra nos extratos mais profundos da mente, evoca imagens de outros mundos em que realidade e pesadelo vivem juntos, transporta o ser a um estado de inconsciência. **A deambulação é um chegar caminhando a um estado de hipnose, a uma desorientação perda do controle, é um médium através do qual se entra em contato com a parte inconsciente do território** (CARERI, 2013, p.80, grifo nosso).



DIÁRIO 2 ANDANÇA PELO ROTEIRO DA PEGAÇÃO

26.04.22

No fim de tarde de uma terça, retorno as ruas do Centro de Aracaju para uma nova visita de campo. Nada de novo sob o sol. Como você já deve saber, eu já percorro as linhas desse texto há anos, a paisagem tabular está inscrita em minha bagagem de experiências, tanto do eu cidadão quanto do eu pesquisador. Quer dizer, não seria nenhuma novidade a não ser pelo fato que hoje venho até aqui fazer algo fora do comum: produzir uma andança guiada pelo mapa da pegação.

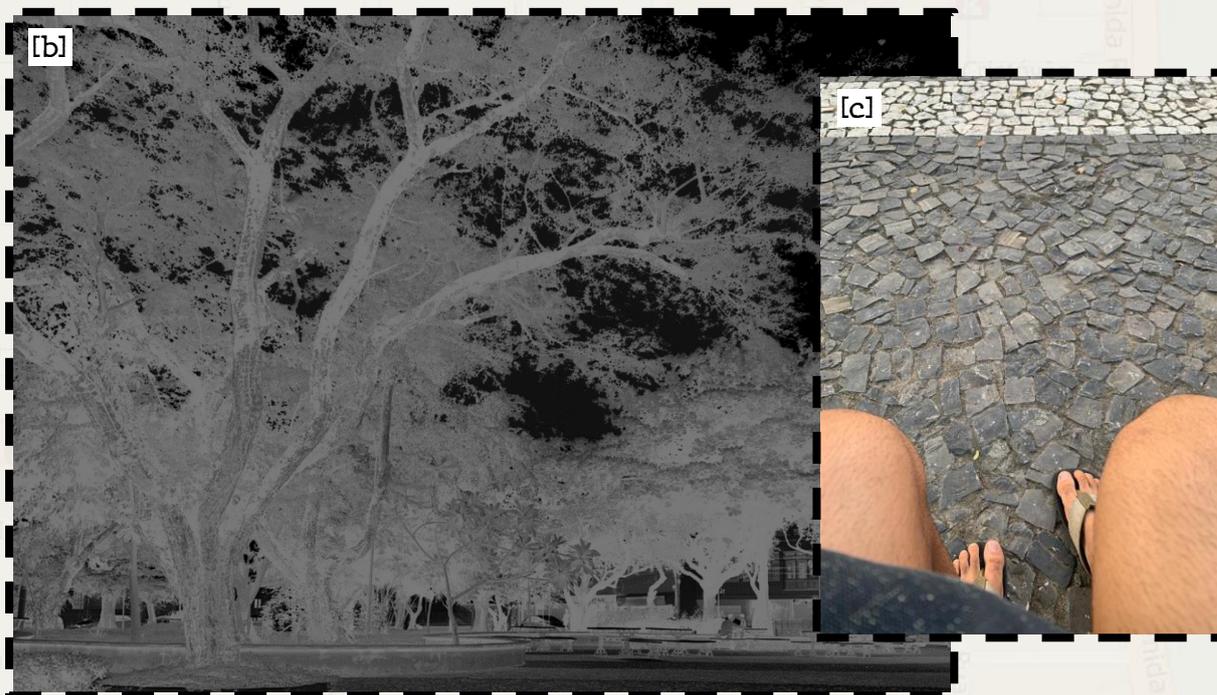


Com os desdobramentos da pesquisa, descobri a existência de um mapa virtual colaborativo que aponta a existência de alguns entornos eróticos por entre os letreiros luminosos e propagandas publicitárias que inundam as fachadas do Centro. Trata-se de uma cidade oculta habitada por homens que buscam relações sexuais com outros homens. São pontos de encontro, locais de pegação: quatro estabelecimentos comerciais (lan house, sauna, cinema) e três banheiros públicos, para ser mais preciso. O mapa indica não só o endereço, mas também uma breve descrição de como as coisas funcionam em cada ponto. Além disso, a plataforma dispõe uma aba de comentários onde os internautas compartilham as suas vivências, a fim de fornecer instruções para os novatos da pegação.

Como eu já conheço o Centro, poderiam achar que eu estaria familiarizado com os jogos de pegação dessa região (há de se esperar que um homem gay seja entendido dessas coisas), mas como nunca fui um frequentador assíduo da pegação (sem querer quebrar expectativas), eu não conhecia nenhum desses lugares, no máximo tinha ouvido falar de um e de outro. Talvez por isso, ao iniciar essa visita, senti como se estivesse adentrando as fronteiras de um "território estrangeiro", um lugar desconhecido prestes a ser desbravado. Em outras palavras, talvez sejam contornos desconhecidos que habitam os interstícios de um território familiar. Dessa forma, hoje visto uma lente à procura de

rastros que não se mostram de imediato, apenas se subentendem nas entrelinhas da cidade. Dessa forma, o objetivo dessa visita é fazer um reconhecimento inicial, em especial nos estabelecimentos comerciais, para eu começar a me familiarizar com a cara desses lugares. Em paralelo a visita de campo, também desenvolvo uma busca on-line à procura de narrativas que possam me ajudar a entender como eles funcionam.

O meu percurso inicia na Praça Camerino por volta das 16:30h. Sentado em um dos bancos, observo a paisagem. O vai e vem de carros começa a intensificar à medida que o sol começa a esfriar. Alguns transeuntes seguem o caminho de sombra das árvores, alguns moradores passeiam com os seus cachorros, alguns adolescentes fazem algazarra nos brinquedos da praça. Enquanto isso, volto o meu olhar para um estabelecimento de andar do outro lado da rua. Em baixo, do lado da porta, uma placa de LED piscando: "aberto", aberto, aberto, aberto; em cima, através das janelas, uma luz azul irradia. Trata-se do primeiro ponto do meu itinerário, a lan house.



A descrição do mapa fala que a pegação rola no piso superior. As instruções sugerem que devemos pedir uma cabine na recepção e depois subir uma escada que fica logo ao lado. A pegação rola o dia todo, mas o melhor horário é entre as 17h e 19h. Os preços das cabines são cobrados por hora e variam entre R\$5,00 e R\$10,00. Internautas descrevem como as coisas funcionam por lá:



[d]

Apesar de ser um local discreto, quando eu fui na parte de cima vi que a maioria das cabines não tem tranca na porta, movimentação normal, mas recomendo que marque com alguém pra ir caso contrário não vai rolar nada, marquei com um cara e transamos bem gostoso.

Local é bonzinho, já foi mais movimentado mas ainda rola bastante coisa. Público é bem diversificado na faixa etária, geralmente ficam por volta dos 20 aos 40 anos. Atualmente a cobrança é valor único de R\$13.

[1]

De volta a realidade. Daqui de longe observo um homem que acabou de chegar na porta da lan house. Ele se encosta no portão, acende um cigarro e observa a movimentação. Em seguida, apaga a bituca e entra no recinto. Não restam mais dúvidas, aquele lugar está em pleno funcionamento.

— Devo ir até lá ou não? Melhor não, né?! Será? — eu me pergunto. **A questão é que não me sentiria confortável em entrar lá por conta da quantidade de pessoas que estão ao redor da praça.** A sensação de estar sendo vigiado me inibe. —Então está decidido, fica para a próxima! De certeza na próxima! — logo penso. **Enquanto isso permaneço aqui sentado observando de longe, imaginando o que se passa naquele lugar.**



[e]



Sigo em direção ao segundo ponto, a sauna, porém sou recebido pelas portas fechadas quando chego lá. Por estar fechada, fico em dúvida se a sauna ainda está funcionando, tempos depois descobriria que sim. É que o horário de funcionamento daqui é das 16h às 22h, de quarta a domingo. Nos fins de semana o expediente fica até um pouco



mais tarde, a depender das atrações do dia. Fazendo um apanhado sobre o horário de funcionamento dos pontos, percebo que uma parte deles funcionam pela manhã e pela tarde, ou seja, a pegação não se restringe aos horários noturnos. Então, fico me perguntando se ainda faz sentido falar sobre a pegação como uma “vivência noturna” do Centro. Talvez seja uma noite mais em termos simbólicos do que temporais.

Na fachada da sauna, tapumes de aço disfarçam como uma máscara as esquadrias, dando o ar de algo abandonado. Começo a pensar, será que a arquitetura desses locais se esconde de propósito ou se deixa à mostra? De qualquer forma, **suponho que eles se escondem sob uma máscara quando os estabelecimentos disfarçam o uso a que são destinados com um nome fantasia.** É uma coisa que pretende ser outra: eles se vendem ao público como uma lan house, um cine, uma sauna, não existe uma placa na fachada dizendo “aqui é um local de pegação”, isso fica nas entrelinhas, apenas o bom entendedor saberia identificar que ali tem outra função. Então, é como se eles usassem um disfarce para se camuflar na paisagem e passar despercebido para a maioria da sociedade. Mas vendo essa questão por outro ângulo, talvez não seja um disfarce, como se fosse um faz de contas, **talvez seja um espaço ambíguo, um lugar com múltiplos sentidos, algo que varia de leitor para leitor.**

Nos comentários do mapa, alguns internautas compartilham as suas impressões do local:

O local é Top, bem estruturado, enorme, porém alguns frequentadores não são lá grande coisa não, a maioria velho, bom é marcar com alguém.

CUIDADO! A sauna tem boa estrutura e espaço legais que poderia fazer com que fosse top, mas é mal pensada, parece estar velha e sem cuidado. Porém com muitos ambientes. O público é fraco, faltam jovens, sobram idosos. Se você for turista tome cuidado, pois cobraram um valor acima do da comanda pra mim. Alegaram que o valor do cardápio tava errado, que iriam mudar, mas o valor era outro mais caro. Porém enquanto eu esperava o Uber, alguém já conhecido da casa pagou o valor normal, eu fiquei com medo de questionar e levantar uma briga, pois não sou da cidade e estava sozinho. Ai preferi pagar e sair sem grandes problemas. Mas você for de fora, principalmente, com outro sotaque, tenham esse cuidado com a comanda. Não gosto desse tipo de atitude, mancham o nome da cidade e do estabelecimento. Não recomendo pra pessoas de fora e eu não penso mais em retornar.

[2]

[3]

O terceiro ponto é uma casa térrea, o gradil abre as portas para um cômodo escuro, uma garagem convertida em bilheteria. Trata-se de um cinemão com darkroom ao fundo. Uma placa na fachada indica que o recinto também aluga quartos, possivelmente para o atendimento de GP's ou para aqueles que preferirem um lugar mais íntimo. O horário de funcionamento é das 15h às 21h, mas segundo a descrição do mapa a pegação é mais intensa nos fins de semana ou após às 18h durante a semana. Segundo os internautas:

[4]
O local é grande, porém desorganizado na parte do Dark Room, aquela escuridão toda atrapalha, parei de frequentar pq o nível de ativos caiu muito.

Só tem coroas! Fiquem espertos, tem meio que olheiros no local passando informações pra pessoas do lado de fora te roubarem na saída. Não conselho ninguém a ir nesse lugar

Sigo em direção ao quarto e último ponto. Dentre todos, o mais difícil de achar. Ele não mostra indícios, nenhuma placa, nenhum letreiro. Os edifícios desse quarteirão formam um grande bloco homogêneo, difícil precisar onde um termina e onde o outro começa. Como as calçadas são estreitas, caminho do outro lado da rua tentando visualizar as fachadas, mas os carros estacionados e o tráfego intenso de ônibus bloqueiam a minha vista. A descrição do mapa dizia que a entrada fica do lado de um salão de beleza, embaixo de uma placa "Restaurante D'comer". Vou até o final da rua, mas nada desse salão nem dessa placa. Dou outra olhada no mapa para checar o endereço. Dessa vez, vou voltar a rua indo de porta em porta até chegar no número indicado. Olho para cima e vejo uma estrutura triangular, o esqueleto de um toldo, talvez a lona que o cobria foi levada com o tempo. Enquanto isso, **um homem de máscara se aproxima e entra por uma porta entreaberta.** Essa era a pista que faltava. Com o canto dos olhos, tento bisbilhotar os seus passos. De lá de dentro, só consigo enxergar uma lona verde indicando que ali era uma "lan house".

Na verdade, trata-se de uma lan house com cine privê e darkroom, funciona das 15h às 22h e a entrada custa R\$10,00, como descrito no mapa. A recepção fica mais ao fundo, do lado de uma escada. As atrações principais ficam no andar de cima, são duas salas de tv erótico, uma de pornô hétero e outra de pornô gay. O darkroom fica do lado do banheiro,

após uma cortina. São duas salas de darkroom, uma mais clara, perto da entrada, e outra mais escura mais para dentro. Segundo os internautas:

[5] O público que frequenta lá é um pessoal mais velho, e os mais novos são GPs. Na parte de cima tem dois ambientes passando filmes pornôs e a pegação rola no dark room.

Na parte superior eu nunca fui, mas já fui nas cabines de baixo, há alguns anos fiquei com dois caras em diferentes dias, mas hoje em dia só permitem uma pessoa por cabine, a pegação só acontece na parte de cima.

Muito perigoso! Fui uma vez e quase fui roubado. Quem me salvou foi um cara me trazendo em casa.

Chamou-me a atenção esse último comentário sobre a ocorrência de assaltos (por sinal, isso foi algo que apareceu em dois outros pontos, como vimos), trazendo à tona alguns dos riscos que envolvem a experiência da pegação. Esse comentário acabou agravando ainda mais a apreensão que estava sentindo em ter que entrar nesses locais. Por isso, decidi encerrar a visita de hoje caminhando pelas ruas do centro, do lado de fora, olhando de longe.



ABA DE DIÁLOGOS RELATO SOBRE O CINEMA DA RUA CAPELA²⁶

Então, é uma casa como qualquer outra do centro, né? Tem aquela configuração de fachada na rua. E eu lembro que ainda era... tipo meio que tem a garagem onde a gente acessa, e depois vem uma ante sala que é onde fica ali o caixa, onde também tem uma geladeira com bebida, e aí você vai adentrando um pouco mais e ver aquele corredor externo lateral que toda casa do centro tem que elas são super estreitas, e aí no fundo da casa que eu acho que deveria ser o quintal porque a cobertura é muito efêmera, é uma cobertura de... de... acho que é uma telha metálica, havia uma sala, que é um galpão, com cadeiras, cadeiras de plástico e duas TVs. Uma TV com pornô gay, outra com pornô hétero. E aí essa que era a configuração do cinema, que a TV passava ininterruptamente filmes eróticos. E aí mais ao fundo, o que seria meio que um... Aquela casinha, o quartinho de costura, sabe? Como que a gente fala na arquitetura? É a Edícula? É onde funcionava o Dark Room.

Foi no cinema da capela. Juro, eu juro. Tipo, ele tinha acabado de sair do Dark room. Eu acho que até ele tava bebendo, não lembro se era uma água ou se era uma cerveja. E aí o celular tocou. Eu acho que tinha tocado dentro do Dark Room, ele não atendeu e saiu. E eu acho que ele pegou uma bebida. E tava meio que sentado na minha frente, mas eu conseguia ver o celular dele. E quando ele pegou o celular, aquela tela brilhando no 100%, era tipo o nome de uma mulher e a foto dela. Mas era a esposa dele, e ele falou, "eu tô ocupado, posso falar agora", e ai desligou. Mas isso não é um recorte, isso é muito frequente, eu acho. Porque a gente não consegue se aprofundar muito na vida pessoal de quem frequenta, né? Justamente porque não há muito diálogo. E das vezes que eu consegui dialogar com alguém é porque a pessoa de fato era gay. E se permitia dialogar.

Interlocutor 2 (2023)

²⁶ O cinema da Rua Capela refere-se ao terceiro ponto descrito no relato do [DIÁRIO 2]. O estabelecimento encerrou as atividades ao longo dos anos da pesquisa.

CAPA

Figura 23 - As vivências homoeróticas no Centro de Aracaju. Fonte: colagem produzida pelo autor (2022). A colagem foi produzida com uma representação gráfica coletada no site do Studio Raphael Hubner e com os registros da visita de campo.

IMAGEM DE FUNDO

Figura 24 - Mapa virtual da pegação. Fonte: <<https://www.gays-cruising.com/en/aracaju/sergipe/brazil/#map-zoom=18&map-lat=-10.9105262796455&map-lng=-37.052925825119026>> (2022)

IMAGENS NO CORPO DO TEXTO

[a] - Figura 25 - Copa das árvores na Praça Camerino. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[b] - Figura 26 - Praça Camerino. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[c] - Figura 27 - Fragmento do corpo-pesquisador. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[d] - Figura 28 - Letreiro luminoso de um estabelecimento comercial na Rua Capela. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[e] - Figura 29 - Fissuras de uma calçada rachada na Rua Propriá. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[f] - Figura 30 - Rua Capela. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[g] - Figura 31 - Grafite em um imóvel demolido na Praça Camerino. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[h] - Figura 32 - Percurso na Praça Olímpio Campos. Fonte: produzida pelo autor (2022)

[i] - Figura 33 - Perspectiva noturna da copa das árvores na Praça Camerino. Fonte: produzida pelo autor (2022)

COMENTÁRIOS DOS INTERNAUTAS

[1] - Disponível em <https://www.gays-cruising.com/en/cruising/lan_house_point_net_aracaju_brasil_11372>. Acessado em 25 abr. 2022.

[2] - Disponível em <https://www.gays-cruising.com/en/cruising/saunaju_aracaju_brasil_16827>. Acessado em 25 abr. 2022.

[3] - Disponível em <[\[4\] - Disponível em <\[https://www.gays-cruising.com/en/cruising/tv_cine_aracaju_brasil_16829\]\(https://www.gays-cruising.com/en/cruising/tv_cine_aracaju_brasil_16829\)>. Acessado em 25 abr. 2022.](https://www.google.com/search?q=saunaju&oq=saunaju&gs_lcrp=EgZjaHJvbWUqCggAEAAAY4wIYgAQyCggAEAAAY4wIYgAQyEAgBEC4YrwEYxwEYgAQYjgUyCAgCEAAAYBRgeMggIAxAGAUYHjIICAQQABgFGB4yCAgFEAAAYBRgeMgYIBhBFGDwyBggHEEUyQdIBCDE4NzRqMGo0qAIAsAIB&sourceid=chrome&ie=UTF-8/#lrd=0x71ab370c201a9b7:0x161946b5dcd8aba8,1,,>. Acessado em 25 abr. 2022.</p></div><div data-bbox=)

[5] - Disponível em <https://www.gays-cruising.com/en/cruising/antigo_cinema_green_house_aracaju_brasil_13625>. Acessado em 25 abr. 2022.



Toda a operação do erotismo tem por fim atingir o ser no mais íntimo, no ponto em que o coração desfalece. A passagem do estado normal ao de desejo erótico supõe em nós a dissolução relativa do ser constituído na ordem descontínua. Esse termo, dissolução, corresponde à expressão familiar *vida dissoluta*, ligada a atividade erótica (BATAILLE, 2021, p.42, grifo nosso).

Num sábado à tarde, pós feriado de São João, estava em casa conversando com um cara que conheci no app. Papo vai, papo vem, acabei descobrindo que ele frequentava uma das saunas do Centro, inclusive tinha ido no dia anterior, mas “ficou de boa”, só conversando, porque só tinha coroas. Mencionei que estava desenvolvendo uma pesquisa sobre os locais de pegação no Centro e que tinha curiosidade de conhecer um deles. Ele então se prontificou em me apresentar a sauna, marcamos um encontro lá naquele mesmo dia. Uma oportunidade única, um frequentador assíduo iria guiar o meu primeiro contato com o mundo da pegação.

Chegamos no estabelecimento por volta das 19h. Desde da calçada ouço uma música alta, um eletrônico tribal house. Luzes de buatchy despontam pelas frestas do tapume de aço que cobre a fachada. Ao abrir os portões, um corredor escuro. No percurso até a recepção troco olhares com um homem de toalha sentado num sofá. Inclusive, antes que eu esqueça de falar, o dress code do recinto é uma toalha branca e um par de havaianas azul, itens que pegamos no caixa/bar da recepção. Atravessamos uma sala em direção ao vestiário. Nesse trajeto, vejo uma série de G Magazines espalhadas em cima do rack da TV, o que instantaneamente me transporta para os anos 2000.

Ao entrar no vestiário vejo dois caras se trocando. Temporariamente os pudores sobre o corpo nu são suspensos, como se as leis desse território concedessem tal prática. Sinto um pouco de vergonha para me despir, não me sentiria confortável em ficar só de toalha na frente de desconhecidos. Por um segundo cogito a possibilidade de ficar de bermuda, mas isso seria muito estranho. Se eu não tirasse a roupa chamaria a atenção porque destoaria de todo mundo. Curioso pensar que em qualquer outro lugar seria o inverso. Então, assim o fiz, tirei a roupa e me enrolei na toalha. Não durou dois segundos e aquele desconforto foi logo se dissipando.

Tive que deixar os meus óculos no armário porque eles embaçariam com o vapor da sauna. Depois disso não conseguiria enxergar as coisas com muita nitidez, um dos males de ser míope. Parando para pensar, o fato de “não enxergar nada” talvez tenha possibilitado uma outra forma de apreender o espaço, aflorando sentidos como o tato, o olfato, a audição; ou talvez proporcionando uma experiência visual distinta. Como não vejo as coisas com

nitidez, também não sinto aquela sensação de estar sendo vigiado, então, de certa forma, por um acaso do destino, esse fato se tornou um aliado.

O meu acompanhante me apresenta as atrações da casa e explica como cada uma delas funciona. Logo após a recepção tem um salão com bar, onde os caras podem sentar, trocar uma ideia, paquerar e etc. O salão também comporta um pequeno palco onde acontece eventos esporádicos (no instagram eles anunciam, por exemplo, apresentações de *strep tease* de go-go boys e shows de drags). Ao redor do salão se distribui as demais ambiências: a sauna, o darkroom, a tv erótica e as cabines privativas. Ao atravessar o salão em direção a sauna, observo os caras ao redor do bar. Hoje a casa está cheia, em torno de 25 a 30 pessoas, todos homens, nenhuma mulher. Predomina um público mais velho, em torno de 40 a 50 anos, mas isso não é regra. Segundo o meu guia, não encontraríamos corpos sarados e malhados por aqui.

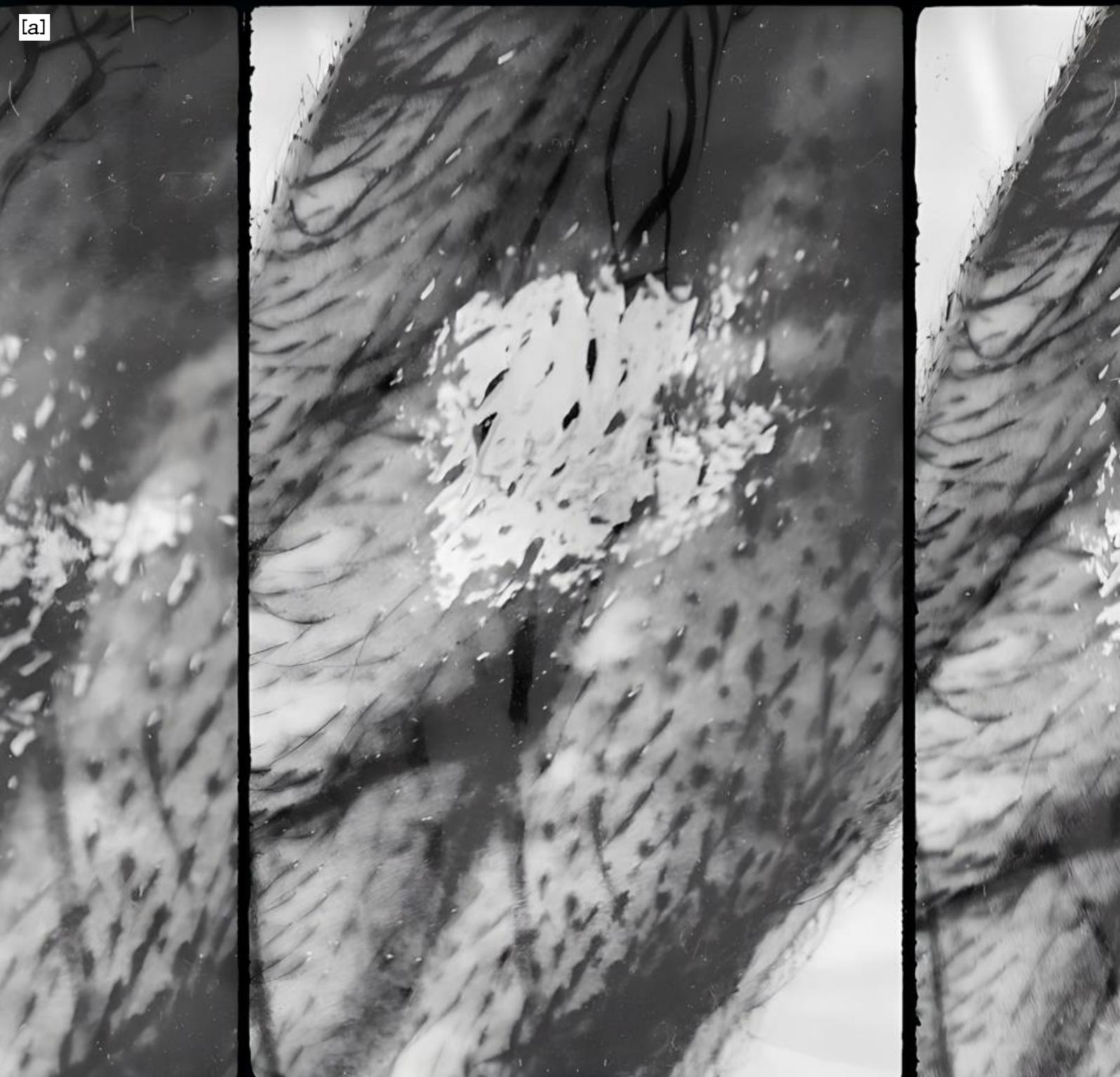
Ao entrar na sauna uma nuvem quente e densa paira sobre o meu rosto, o que me deixa sufocado. Fico extremamente agoniado. A sensação de calor é acentuada pela luz vermelha que irradia no ambiente. Para completar, um cheiro forte de aromatizante, como um daqueles desinfetantes artificiais. A cada respiração, o ar quente queima os meus pulmões. A cada passo, a minha pele derrete com o mormaço. — Hoje o vapor está na potência máxima! —, alguém acabou de dizer. Achei que não aguentaria ficar ali por muito tempo, cogitei sair, mas aos poucos fui me adaptando ao clima. Logo começo a me situar no ambiente. Algo trêmulo e embaçado cujas bordas são indefinidas. Um ambiente escorregadio, úmido, quente e pegajoso. Há mais quatro caras aqui. Por conta do vapor não enxergo as coisas com muita nitidez, apenas vultos de corpos que pairam sob a névoa vermelha. Não acontece muita coisa, eles estão quietos, cada um na sua. Mas de vez em quando algumas conversas esporádicas rompem o silêncio. Um deles quase escorrega na quina de um dos bancos, mas — não era essa quina que gostaria de acertar — falou imediatamente.

Nos sentamos no fundo da sala, onde era possível ter um pouco mais de privacidade. Começamos a nos beijar. Não permanecemos por muito tempo, logo depois seguiríamos para uma das cabines reservadas. Saímos da sauna e passamos na ducha para esfriar o corpo. No percurso até lá, vejo alguns caras no corredor à espreita de um pretendente. As cabines são cantos mal iluminados que se convertem em quartos

improvisados. Chegando lá, corta a cena. Algo escorregadio, apertado, estreito, pegajoso, úmido, íntimo, mofo. Recorro as palavras do Norpon para me ajudar nessa descrição:

Pele, perna, puta, porra
Poro, pelo, pau duro
Dedo, dildo, dono, dobra
Demo, dada, dor, dom
Boca, buça, barba, bunda
Beijo, braço, baba, bombom
Saco, sebo, sangue, seio
Sombra, suco, ser, som

[a]





Voltamos para o salão, sentamos em uma das mesas de plástico para tomar uma água e conversar. Papo vai, papo vem, ele começa a compartilhar algumas de suas experiências que teve aqui e em outras saunas. Ele falou que teve um dia que uma travesti fez um aniversário e saiu distribuindo brigadeiros. Ou então, quando ele morava no Rio, ia todas as quintas na sauna depois do trabalho, as vezes só para beber, conhecer outros caras e jogar conversa fora, o sexo nem sempre era o objetivo. Nesse momento, recordo daquele filme "Um estranho no lago", que de tanto frequentar um desses lugares, o personagem desenvolvia uma rede de sociabilidade. Fico me perguntando se essa rede também existe aqui na sauna. Talvez os locais de pegação não sejam só para encontros fortuitos, talvez eles dão margem para desenvolver algo a mais.

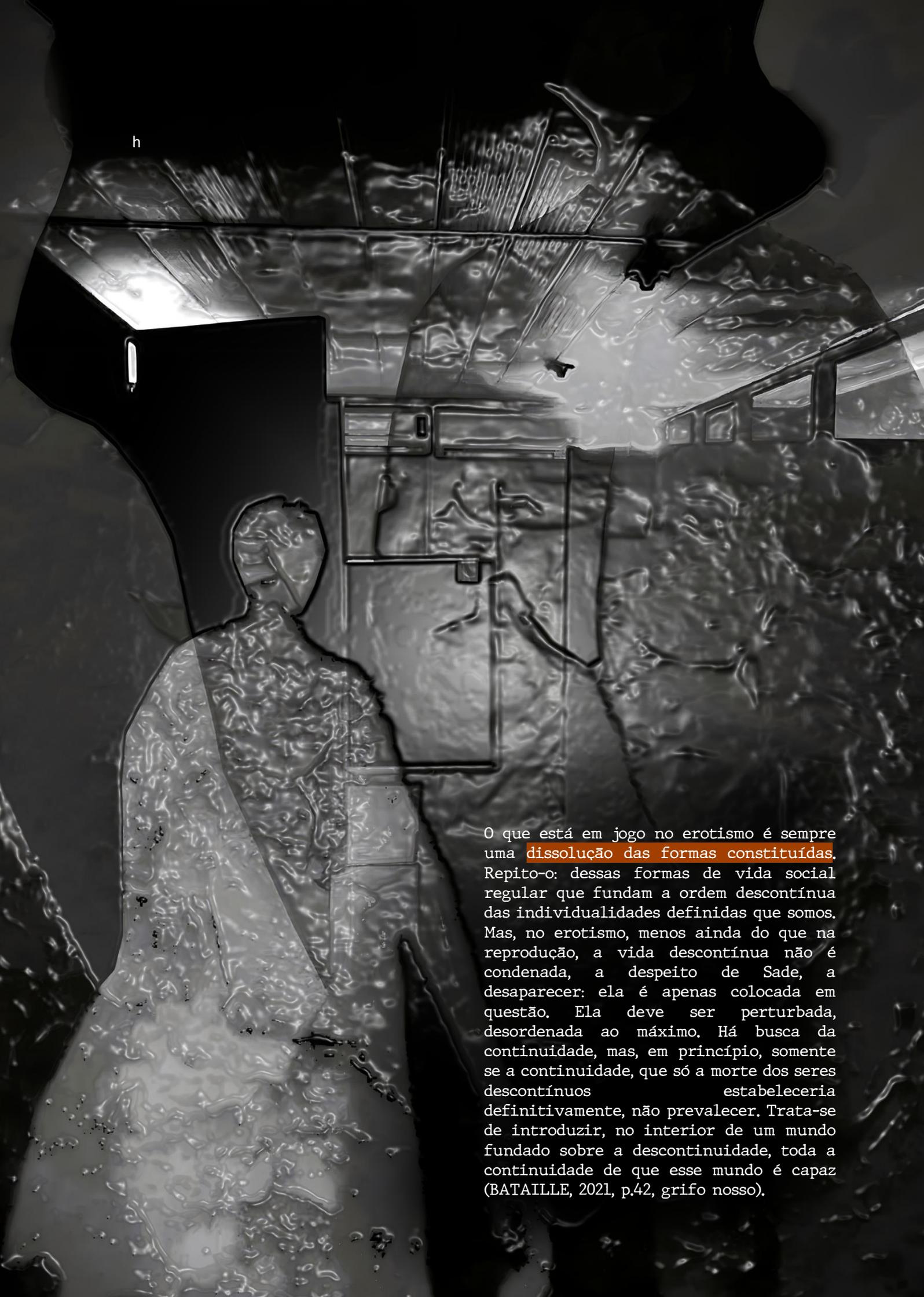
Antes de ir embora, ficamos mais alguns instantes na sauna. Em certo instante, fixo o olhar na lâmpada vermelha. O excesso de luminosidade ofusca a minha visão. O meu corpo reage ao incômodo fechando as pálpebras. De olhos fechados, começo a enxergar padrões abstratos circulando o horizonte vazio da minha visão, são flashes que me transportam para outros espaços. Quando abro os olhos, aquelas manchas continuam a estremecer o movimento das coisas. Uma cegueira momentânea surge com uma intensidade provocativa, provocando um choque na aparente estabilidade do que se pensava "ser". Talvez as coisas nunca voltem a ser o que eram antes...

CAPA E IMAGEM DE FUNDO

Figura 34 - Representação artística da sauna - nº 1. Fonte: colagem produzida pelo autor (2022). A colagem foi montada com registros do acervo do autor.

IMAGEM NO CORPO DO TEXTO

[a] - Figura 35 - Textura pegajosa de um fragmento do corpo, Fonte: acervo do autor (2022)



h

O que está em jogo no erotismo é sempre uma **dissolução das formas constituídas**. Repito-o: dessas formas de vida social regular que fundam a ordem descontínua das individualidades definidas que somos. Mas, no erotismo, menos ainda do que na reprodução, a vida descontínua não é condenada, a despeito de Sade, a desaparecer: ela é apenas colocada em questão. Ela deve ser perturbada, desordenada ao máximo. Há busca da continuidade, mas, em princípio, somente se a continuidade, que só a morte dos seres descontínuos estabeleceria definitivamente, não prevalecer. Trata-se de introduzir, no interior de um mundo fundado sobre a descontinuidade, toda a continuidade de que esse mundo é capaz (BATAILLE, 2021, p.42, grifo nosso).

Apenas um prelúdio: foi tudo muito rápido. Assim que piso os meus pés na calçada me deparo com uma porta entreaberta, aberta o suficiente para convidar à entrada, mas fechada o suficiente para esconder o que tem dentro. Suponho que o espaço entreaberto seja uma zona de transição entre a perspectiva do leitor-voyeur e a do (c)am(inh)ante.

Deixo para trás o meu eu de costume e assumo uma outra persona. Ao adentrar o recinto, antes que eu pudesse me situar no ambiente, um senhor se aproxima e pergunta: "Pix, crédito ou débito?". Algo impessoal, repentino, direto ao ponto. Quase como um preâmbulo de como a pegação seria nesse lugar. Existe uma certa rispidez em sua abordagem – poucas palavras, frase seca, sem contato visual – como se ele soubesse exatamente porque eu vim até aqui e justamente por isso quisesse manter uma certa distância para respeitar a minha privacidade. Talvez ele só estivesse fazendo jus ao lema do estabelecimento de ser um "local discreto e sigiloso para encontros secretos", como está descrito na bio do instagram. Não deixo de me perguntar quais atributos perpassam a construção material, simbólica e discursiva de um "local discreto e sigiloso". Demoro para processar uma resposta. "Pix... não, crédito!", respondo. Teria que pagar R\$20,00 pela entrada, o que não deixa de ser, parando para pensar, um filtro que restringe o acesso àqueles que conseguem custear esse valor. Enquanto a maquineta processa, as coisas vão se assentando, começo a olhar os arredores. Trata-se de um estabelecimento de andar: em baixo a recepção com uma sala de espera e uma sala de massagem; em cima, dois lances de cabines privativas, semelhante as divisórias de banheiros públicos, onde a pegação rola a solta. A logo do estabelecimento informa que o estabelecimento funciona desde 1996. Soube, em um dos diálogos, que antigamente aqui era uma Lan House, aberta ao público no andar de baixo e reservado para pegação no andar de cima. As cabines com computadores já não existem mais. A Lan House sofreu modulações ao longo do tempo, mas mesmo assim preserva em seus cantos os ares da pegação. Hoje assume a identidade de um "Pub Masculino". Talvez a única coisa que tenha restado daquela época seja o nome "PointNET". A ambientação da sala tem um ar meio rústico, meio retrô, meio industrial, ou seja, a materialidade espacial evoca símbolos do imaginário que exalam uma pretensa masculinidade. Não há espaço para traços de feminilidade. Em seguida, o recepcionista me oferece uma bala. Logo saberia que a pegação tem até um sabor: o gosto

refrescante de menta. Daqui de baixo já dá para ouvir dois caras trepando. Os tapas e gemidos se tornam mais altos à medida que eu vou subindo a escada espiralada. Adentro um ambiente parcialmente escuro, iluminado apenas pela luz que vem da escada e das janelas da fachada. Um lugar situado entre o opaco e o translúcido. De imediato, não consigo enxergar nada. Sinto-me um pouco disperso, talvez por conta da ansiedade. O meu olhar se esquiva. Não consigo prestar atenção em muita coisa. Capturo apenas flashes que despontam na penumbra. Mas nada se fixa, a experiência se dissipa, escorre pelas minhas mãos. À medida que a visão se acostuma com a baixa luminosidade, silhuetas de corpos anônimos começam a despontar na escuridão. São corpos anônimos porque são difíceis de reconhecer, são ilegíveis. Tem um cara à direita com as calças abaixadas limpando o pau com papel toalha. Tem outro parado na frente de uma cabine, à espera de um pretendente. Por sinal, percebo como essa gestualidade é recorrente: corpo parado em pé, postura ereta, mãos nos bolsos. As cabines são convertidas em quartos improvisados que propiciam o ato sexual. É possível encontrar um pouco de "privacidade" dentro delas. Os tapas e gemidos tornam-se mais frenéticos, estão saindo de um dos cantos e ecoam pelo ambiente, um verdadeiro espetáculo. Apesar disso, trata-se de um ambiente calado, um espaço silencioso. Apesar das ambiguidades, a escuridão propicia uma estranha sensação de liberdade. Assim como os outros, ela me converte em um corpo anônimo. A penumbra dissipa a vergonha, as restrições, o controle; potencializa a vontade, a sedução, o desejo. Ela torna-se uma aliada. Aproveito a oportunidade de não estar sendo "vigiado" para explorar a experiência. A essa altura, o meu corpo se entrega ao ritmo da penumbra. Dou uma volta para ver o que tem disponível. A cada passo, uma possível descoberta. A cada canto, uma promessa de aventura.

Algumas cabines estão abertas, outros caras aguardam parados dentro delas. Aproximo-me de um deles. Percebo que ele me corresponde e faz um gesto para eu me aproximar. Começamos a nos beijar, entramos na cabine e começamos a transar em um daqueles cantos escuros, assim desse jeito, sem conversa, sem rodeios, direto ao ponto.





A experiência produziu um abalo, explodiu-me em mil pedaços. Desço a escada um pouco desconcertado tentando processar o que acabou de acontecer. Ao atravessar a porta, um retorno à realidade. Se a realidade está aqui fora, o que era aquilo lá dentro? Sinto como se estivesse regressando ao meu eu, como se nesse meio tempo eu tivesse dado uma pausa de mim mesmo. Será que isso é possível, perde-se de si e depois se reencontrar? Talvez o que está em jogo nesse movimento de saída e retorno seja um processo de montagem, um rearranjo de si, uma possibilidade momentânea de experimentar outras formas de ser, de viver, de habitar o espaço. Suponho que uma das potências da pegação seja fazer com que as coisas saiam dos seus lugares habituais. Em termos bataillianos, uma experiência erótica por excelência.

Sigo em direção à praça, sento em um dos bancos. Algumas cenas ecoam em meus pensamentos. **Tento lembrar do cara com quem acabei de transar, talvez nunca mais o veja, também nem sei se o reconheceria.** Talvez nem faça sentido pensar nisso, aquele encontro já se foi. **A efemeridade conduz o ritmo da pegação, os encontros são transitórios, existem apenas brevemente. Não há perspectivas de futuro, as circunstâncias criam uma ênfase no aqui e no agora.** Isto é, a temporalidade da pegação ancora o corpo no momento presente. O que conduz a montagem desse tipo de relação não é a lógica do acúmulo nem da reprodução, é a lógica da vontade, do desejo, da sedução. Então se trata de uma experiência espaço-temporal que se desenvolve em oposição às instituições da família, da monogamia, da heterossexualidade. Por isso, suponho que a pegação também tenha o potencial de abrir novas narrativas de vida e relações alternativas com o tempo e o espaço.

O espaço físico dessa... é... É Lan House, né? Eu acho que não tem como utilizar outro nome. É basicamente cabines, são basicamente cabines. Mas são cabines fechadas, tipo biombos de banheiro. Cada cabine possui um computador. E aí eu percebi que as pessoas que estavam lá meio que se apropriavam de uma cabine. Tanto que em outros momentos que eu fui, havia uma superlotação e meio que todo mundo já tinha se apropriado da cabine e as pessoas que iam chegando, elas meio que iam saindo. Ficava algo mais privativo. Então não era um contato, não existia contato verbal. Era uma coisa muito mais prática, de você se interessar por alguém entrar na cabine, transar e tchau. É diferente do cinema, que tinha uma interação muito maior, havia um bar que você conseguia se servir, beber, trocar um diálogo com outra pessoa. Cadeiras que você sentava e que você conseguia ter essa comunicação. É claro que nem todo mundo está no ambiente para se comunicar, né? Tem gente que é mais efetivo no sentido de ir e fazer sexo e sair, outras pessoas que estão lá estão dispostas realmente para se comunicar e conversar.

Eu lembro que meu amigo sempre pedia pra ficar quieto, porque eu tentava puxar assunto, tentava falar alguma coisa. Eu tava vendo, curiosidade, e ele pedia pra eu ficar calado. Porque isso tecnicamente espantaria os boys, né? [...] Eu acho que essa questão do não falar também é uma forma de você inibir a sua feminilidade. É um ambiente unicamente masculino, não entram mulheres trans, não entra uma mulher cis, e isso faz com que qualquer outra pessoa que esteja lá dentro, que configure, ou que performe qualquer possibilidade de feminilidade, é apagada. Então, se você não fala, se você não gesticula, se você não se movimenta, você inibe todos esses traços de feminilidade.

Trabalhar com gestos, por exemplo, olhar fixamente para a pessoa, isso já dá indício que você está afim... Muita gente... Tipo, os caras pegam no pau para demonstrar que estão excitados... É... Justamente por ter a cabine e fica aquela coisa meio que de vitrine porque todo mundo fica na porta da cabine, né? E no momento que você troca um olhar mais incisivo com a pessoa, a pessoa entra na cabine, ela lhe dá a entender que ela quer que você acompanhe. É basicamente isso que acontece. E aí você imagina um ambiente escuro, lembra até que tinha uma fita de led azul? Que ainda dá uma entonação maior de secreto, de algo proibido, ou algo assim. Mas aí é uma gesticulação muito simples, muito básica, muito primitiva.

Interlocutor 2 (2023)

CAPA E IMAGEM DE FUNDO

Figura 36 - Representação artística da lan house. Fonte: colagem produzida pelo autor (2022). A colagem foi montada com uma imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento e com registros do acervo do autor.

The image shows an art installation. A large circular screen in the foreground displays a person's body, possibly a woman, in a dark, abstract setting. Above it, a smaller circular screen shows a grid pattern. The background is a wall with a grid pattern, and the floor is covered with a checkered pattern. The lighting is dim, with some blue and green hues. The text is overlaid on the right side of the image.

Toda operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo. A ação decisiva é o desnudamento. A nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação, que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo. Os corpos se abrem à continuidade através desses canais secretos que nos dão o sentimento da obscenidade. A obscenidade significa a perturbação que desordena um estado dos corpos conforme à posse de si, à posse da individualidade duradora e afirmada. Há, ao contrário, despossessão no jogo dos órgãos que se derramam na renovação da fusão, semelhante ao vaivém das ondas que se penetram e se perdem umas nas outras. (BATAILLE, 2021, p.41, grifo nosso).

Depois de um ano desde a última visita retorno a uma nova experiência na sauna, só que dessa vez venho sozinho. Chego no estabelecimento no início da noite, por volta das 19h. Como já estou familiarizado com este local, sinto-me mais tranquilo e desinibido, sem aquela sensação de temor e vergonha que me acompanhou nas primeiras visitas. Assim que adentro pelo portão percebo que houve uma pequena reforma no recinto: a recepção e o bar mudaram de lugar, o salão de festas foi ampliado. Pelo murmurinho de vozes já dá para perceber que hoje a sauna está fervendo. Como de praxe, pego a toalha e o par de havaianas azul na recepção e sigo em direção ao vestiário para me trocar. Vejo dois caras conversando assim que chego lá. Enquanto me dispo e me enrolo na toalha ouço um deles falar para o outro: as vezes é mais prático ficar em casa e bater uma punheta do que conseguir foder na sauna. Talvez isso fale algo sobre como a pegação funciona neste lugar. Talvez aqui as coisas não sejam tão direto ao ponto. Talvez existam outras camadas que vão além do ato sexual. Guardo os meus itens no armário, só que dessa vez decido ir de óculos: uma nova descoberta, passaria a enxergar os entornos eróticos da pegação com outros olhos, os corpos anônimos ganhariam novos contornos.

Passo pelo corredor e vejo um grupo de amigos conversando. Um deles sai de galho em galho cumprimentando os conhecidos que encontra pelo caminho. Aparentemente muitos daqui já se conhecem, como se já tivessem uma rede formada. Sinto como se estivesse em um clube às avessas. Por isso, fico me perguntando: até que ponto as relações da pegação são impessoais? Pela forma com se tratam, aqueles corpos "anônimos" (que antes os havia intitulado) não parecem ser tão anônimos entre si. O ambiente fala pelos cotovelos. Se a Lan House era o espaço do silêncio, aqui é o das gargalhadas. Para completar a algazarra, uma música alta ecoa pelo ambiente: hey, hey, hey, hey, Moskau, Moskau. Chama-me a atenção um cara que está com uma toalha roxa envolta no corpo, amarrada de um dos lados dos ombros como um daqueles trajes gregos. Ele desfila seminu pelo ambiente com naturalidade. Suponho que essa seja uma das chaves para se pensar a experiência da sauna: a percepção do espaço atrelada ao desnudamento do corpo. Mas claro, a sauna é apenas uma das atrações daqui. Além dela, o estabelecimento oferta outros ambientes: salão de festas com bar, darkroom, cine erótico e cabines privativas. Ou seja, são microcosmos da pegação condensados em um único recinto. Cinco ambiências distintas, para ser mais preciso. Penso

em percorrê-las para traçar um esboço das suas singularidades, buscando investigar como os atributos materiais do espaço e as dinâmicas da pegação se coadunam.

A andança inicia pelo salão de festas. Um globo de discoteca reflete fechos de luzes pelo ambiente. A cada giro os cacos espelhados do globo configuram novos padrões de cores, novas formas, novas texturas. A cada rodada se desfaz uma ordem e se forma uma outra. Por isso, penso que se trata de um espaço caleidoscópico dado em processos de montagem, variando a depender das combinações, dos reflexos, dos ângulos que se formam a cada momento. Sento-me a uma das mesas e fico observando o movimento, enquanto isso tomo uma cerveja. Sinto que estou sendo observado pelo cara da outra mesa. Ele demonstra interesse. Trocamos alguns olhares. Penso que aqui seja um lugar propício ao encontro, a paquera, a sedução. A malha reticulada, tipo tabuleiro de xadrez, que reveste o piso, dá suporte aos jogos de flerte. As peças desse jogo deslizam pelo tabuleiro sob o fecho de luzes caleidoscópicas sendo conduzidas pela coreografia dos olhares. Imagino que esse poderia ter sido um dos pontos de partida para explorar o percurso da pegação: encontrar um parceiro no salão e depois partir para as salas da pegação. Inclusive, a própria distribuição espacial sugere isso porque as demais ambiências gravitam em torno do salão. Mas acabo não dando continuidade com aquele flerte. Esquivo o olhar e sigo em direção a sala da sauna.

Uma névoa vermelha paira sobre o ambiente. Alguns caras sentados e outros em pé. Alguns vestidos e outros despidos. O mormaço abraça o meu corpo num profundo estado de relaxamento. Por alguns instantes me desligo da experiência até o meu corpo evaporar por completo. Mas aos poucos vou recuperando os sentidos e me situando no ambiente. Existe algo de reconfortante em se perder na neblina. Talvez por não ter que carregar aquele fardo de sempre ter que estar em evidência. Assim como a escuridão, o vapor dissipa os sentidos da visão, não há como estabelecer aquela troca de olhares, por isso a pegação na sauna difere dos jogos de flerte que acontecem no salão. O envolvimento aqui acontece de uma forma mais tátil. Um cara sentou-se ao meu lado e aos poucos foi se aproximando. A cada movimento esperava cautelosamente uma resposta de consentimento para dar o passo seguinte. Quando percebeu que estava sendo correspondido abriu as pernas até que o seu joelho tocasse o meu. Como não conseguia enxergar com nitidez, o reconheci através do toque. Esse foi o gatilho que fez com que começássemos a nos beijar. As suas mãos tateiam o meu corpo, e vice versa.

Deixo a ambiência dispersa da sauna e sigo em direção ao cine erótico. Assim que levanto as cortinas da porta percebo que o ambiente é marcado pelo contraste nítido entre o brilho intenso da tela e a sala escura. Dessa forma, cria-se um ponto focal no ambiente: o filme pornô gay que está sendo exibido. Os elementos espaciais ficam em segundo plano: as paredes, piso e teto são aspirados pelo que está sendo projetado pela tela. A linha que divide o real e o virtual se dissipa à medida que o filme produz efeitos sobre os espectadores: olho para o lado e vejo um cara de pau duro se masturbando. Ele abre as pernas se insinuando, olha para mim e solta um elogio: *nossa, você é lindo!* Então, a pornografia não é um mero pano de fundo, ela estimula as dinâmicas da pegação à medida que o espaço excita o corpo. A essa altura, suponho que não exista mais diferença entre espaço e pornografia. Ambos se misturam, se inter cruzam, se penetram. O espaço se constitui pela pornografia.

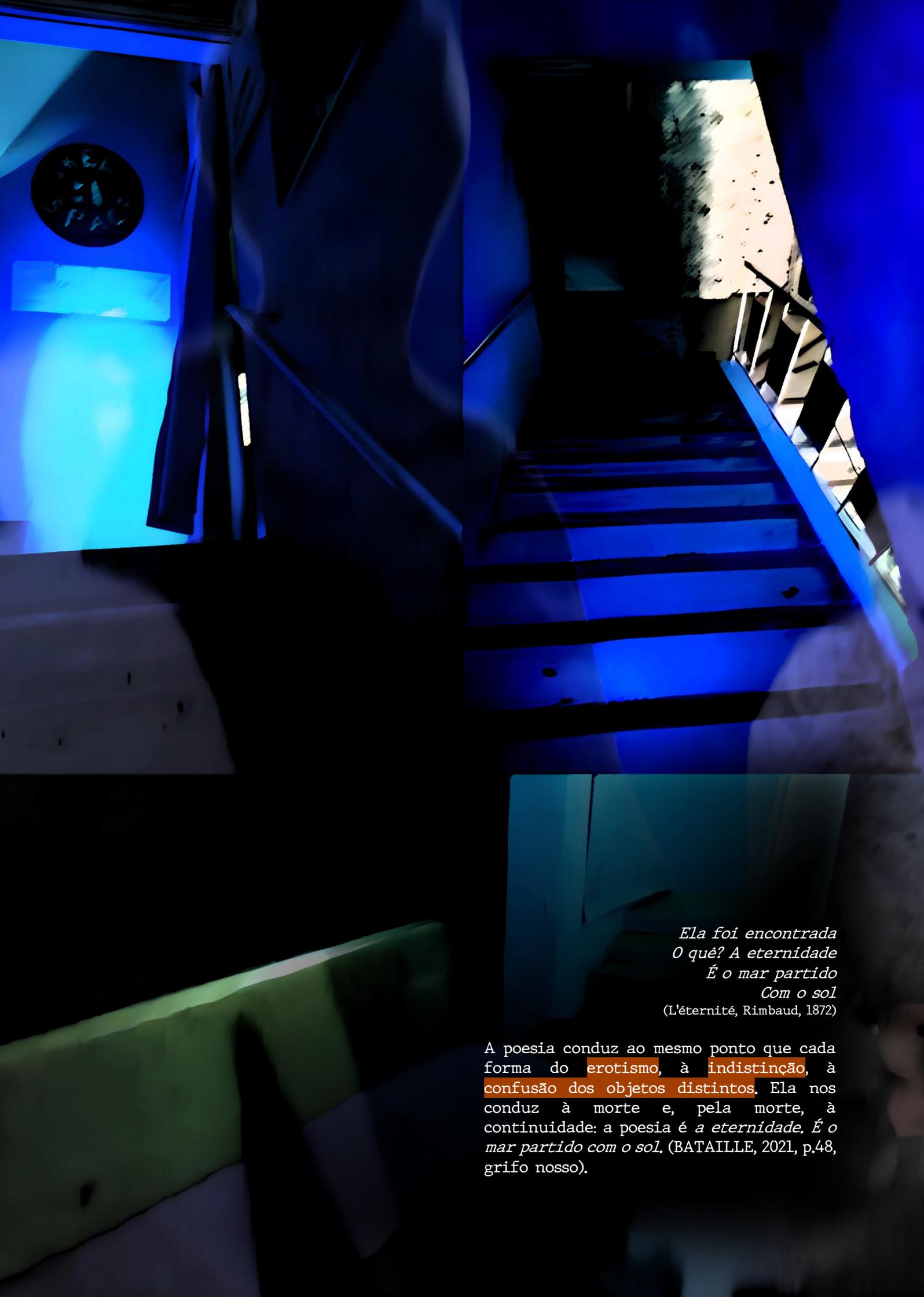
O meu percurso finaliza na sala do *darkroom*. O nome fala por si próprio, trata-se de uma sala escura onde a pegação rola a solta. Antes de entrar pensei que poderia estar familiarizado com essa ambiência por conta de outra experiência com a escuridão que ocorreu na lan house. Na verdade, o que existia ali era uma zona de penumbra, ou seja, o ambiente ainda tinha uma certa claridade, era um ponto de transição da luz para a sombra, as coisas ainda eram legíveis. Mas agora se trata do estágio final: duas cortinas fazem a transição para o abismo do breu. Penso como o corpo da pegação se transforma nas ambiências: existia um corpo nítido no salão, ele começou a embaçar na sauna, tornou-se um vulto ao adentrar a zona de penumbra, e agora desapareceu por completo no *darkroom*. Não que a sua materialidade tenha extinguido do ambiente. Na verdade, o que existe é uma dissolução por fusão. Ou seja, por não conseguir enxergar os que estão aqui comigo, não consigo diferenciar corpo e ambiente, então eles se fundem sob a escuridão. Dou alguns passos cautelosos, tateio as paredes. De repente, sinto uma mão passando nas minhas costas. Repenso a questão do corpo do *darkroom*. Não existe a percepção de um corpo total, apenas fragmentos. Sente-se apenas uma mão, um braço, uma perna, um peito, um pau, uma bunda, um rosto. Sinto-me um pouco apreensivo com aquele toque. Para aproveitar a experiência do *darkroom* é preciso se jogar no abismo. Mas ainda não estou disposto a soltar os fios que ainda me carregam. Decido sair da sala, mas antes disso escuto um – Volte aqui! –.

CAPA

Figura 37 - Representação artística da sauna - nº 2. Fonte: colagem produzida pelo autor (2022). A colagem foi montada com uma imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento e com registros do acervo do autor.

IMAGEM DE FUNDO

Figura 38 - Representação artística da sauna - nº 3. Fonte: acervo do autor (2022)



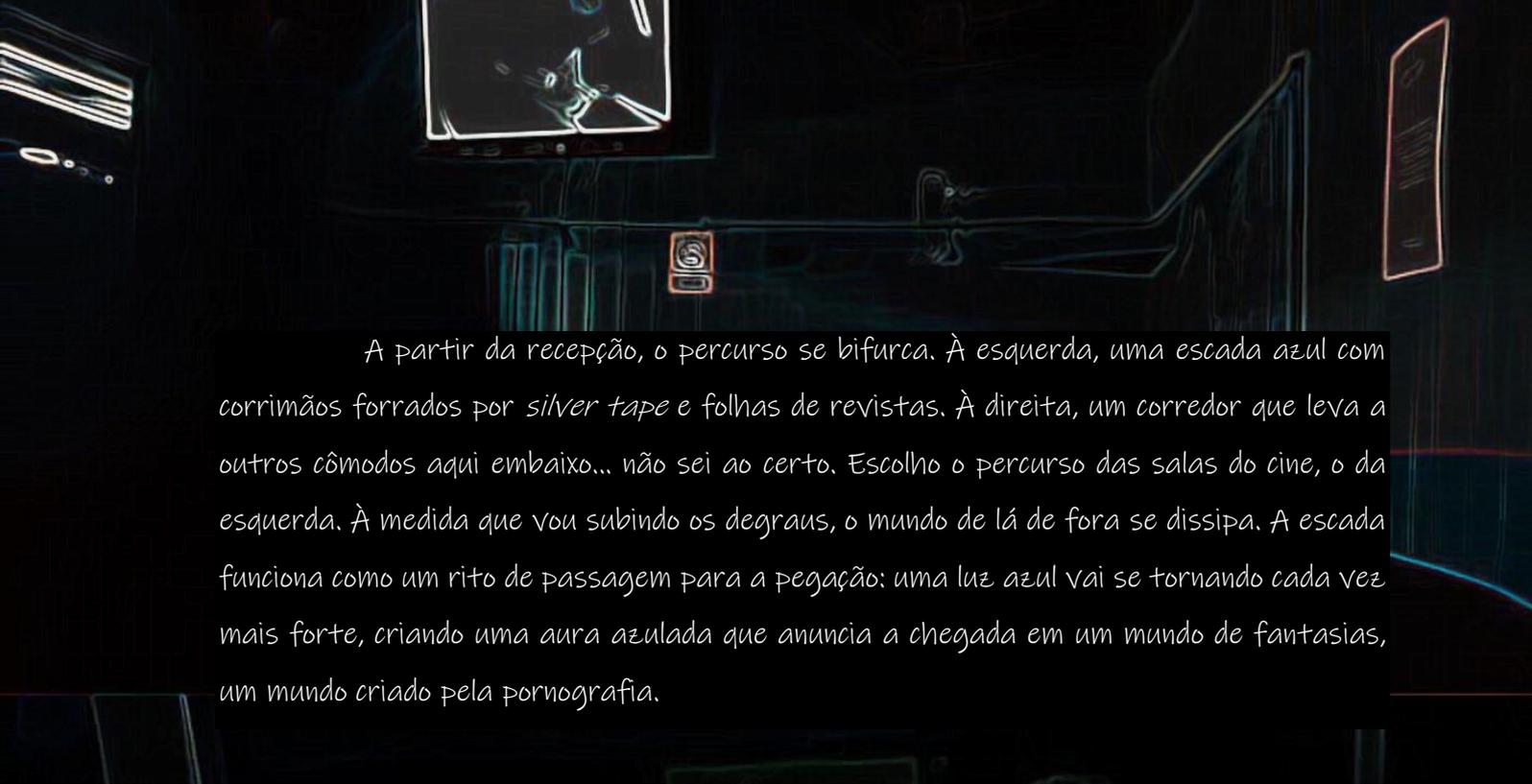
*Ela foi encontrada
O quê? A eternidade
É o mar partido
Com o sol
(L'éternité, Rimbaud, 1872)*

A poesia conduz ao mesmo ponto que cada forma do erotismo, à **indistinção**, à **confusão dos objetos distintos**. Ela nos conduz à morte e, pela morte, à continuidade: a poesia é a eternidade. *É o mar partido com o sol*. (BATAILLE, 2021, p.48, grifo nosso).

Chego no Cine no início da noite, por volta das 18:30h. Atravesso a porta de entrada e caminho em direção a recepção, nesse percurso quase trombava com um cara que estava de saída. Quando chego no balcão troco algumas palavras com o recepcionista. Deixo a entender que era a minha primeira vez no recinto, pergunto sobre as atrações da casa. Ele responde que lá em cima tem duas salas de tv erótica e outras salas. — *Você sobe a escada e vai descobrindo...* — ele complementou.

[a]





A partir da recepção, o percurso se bifurca. À esquerda, uma escada azul com corrimãos forrados por *silver tape* e folhas de revistas. À direita, um corredor que leva a outros cômodos aqui embaixo... não sei ao certo. Escolho o percurso das salas do cine, o da esquerda. À medida que vou subindo os degraus, o mundo de lá de fora se dissipa. A escada funciona como um rito de passagem para a pegação: uma luz azul vai se tornando cada vez mais forte, criando uma aura azulada que anuncia a chegada em um mundo de fantasias, um mundo criado pela pornografia.

[b]



Entro em uma sala que está exibindo pornô hétero. É um salão escuro com cadeiras de plástico e uma espécie de palco onde o filme é projetado. Mas as cenas do filme não se restringem as bordas do telão, os reflexos do sexo ultrapassam os limites do palco e percorrem o ambiente pelos espelhos das paredes. O cômodo está praticamente vazio, só tem um cara sentado ali no fundo. Pelo visto o movimento está fraco, achei que esse fosse

o horário mais agitado porque pega o fim do expediente das lojas do Centro. Sento em uma das cadeias e fico assistindo ao filme por alguns instantes. Acho curioso pensar que eles exibem filmes héteros num lugar de pegação entre homens. Não seria mais conveniente transmitir apenas filmes gays? Mas talvez essa seja uma estratégia que atenda a um público específico ou a sexualidade é complexa mesmo...

Nas extremidades do salão vejo mais duas outras portas, abre-se uma segunda bifurcação. Sou levado a tomar uma decisão sobre qual rumo tomar. É como se a cada momento eu tivesse que fazer uma escolha e a combinação dessas escolhas conduzissem a experiências distintas. Dessa vez, decido seguir pela porta da esquerda.

[c]

Entro em uma sala menor que está exibindo filmes gays. É um cômodo estreito com uma televisão ao fundo. De um lado da sala, vejo uma porta que dá acesso a uma escada vedada, provavelmente aqui abriria passagem para outro lugar. Do outro lado, tem uma cabine semiaberta com buracos, estilo *glory-hole*. Quando entro nela vejo várias camisinhas espalhadas pelo chão, são os rastros de sexo que passaram por aqui. Aqui oferece um canto

mais reservado para assistir ao filme. De um lado, o espectador excitado poderia enfiar o pau pelo buraco para alguém do outro lado se divertir. Nesse caso, existiria uma barreira entre os corpos que interagem entre si no anonimato, sem serem reconhecidos. O único contato seria entre os órgãos que se tocam pelo buraco. O buraco como um espaço de encontro, tá aí uma coisa que nunca tinha pensando. Também consigo perceber o lado "glorioso" do buraco, ele instiga uma curiosidade, uma excitação de descoberta, de algo que está prestes a acontecer. Não sei se seria a coisa mais prudente, mas sinto uma vontade de olhar através dele para descobrir os mundos que estão do outro lado. O que seria essa vontade senão o reflexo de um dos objetivos que me motiva fazer esta pesquisa?

[d]

Tem dois caras na sala, estão sentados um do lado do outro nas cadeiras, decido ficar em um banco logo atrás deles. Ninguém fala nada, nenhum piu. O ambiente está em silêncio. Os únicos ruídos que ouço são os gemidos do filme e as turbinas dos ventiladores. Eles se entreolham, se levantam e em seguida vão para outro cômodo. Por alguns instantes tenho a sala só para mim. Nesse meio tempo, as cenas do filme capturam a minha atenção.

Cada vez mais me desligo do ambiente e entro num estado de transe. As cenas que projetam da tela tomam conta do ambiente. Lembro de uma sensação que tive no cine erótico da sauna, como se não existisse mais diferença entre espaço e pornografia. Como as salas são vedadas, sem aberturas para o exterior, perco a noção do tempo, o que intensifica esse efeito hipnótico. Não que o tempo tenha deixado de existir, ele apenas passou a ser percebido de uma forma diferente. A noção do tempo está sendo marcada pela passagem das cenas do filme. A pornografia conduz a experiência espaço-temporal nesse lugar.



Entro num estado automático e começo a andar de uma forma desorientada, como uma daquelas deambulações surrealistas que os artistas caminhavam em um estado de hipnose. Retorno a bifurcação da primeira sala e entro naquela segunda porta. Um corredor me leva a uma outra bifurcação: à esquerda, cortinas pretas; à direita, uma luz acesa. Sigo o caminho da luz e desemboco num banheiro escancarado, sem portas nem divisórias. A luz branca e os azulejos verdes criam uma ambiência fria e úmida. Regresso os passos e entro pelo outro caminho.



INTERNET



Entro numa zona de penumbra. Dou de cara com dois caras transando lá no fundo. Talvez sejam aqueles que encontrei na sala dos filmes gay. Vou caminhando aos poucos até o fundo da sala. Para minha surpresa ali não era o fim do meu percurso, uma porta surgiria no meu caminho. Como a sala está escura não tinha enxergado que tinha um acesso para um darkroom. Assim que entro começo a sentir um arrepio porque não consigo enxergar nada. Não sabia o que poderia encontrar no caminho. A incerteza me provoca uma sensação de temor. O meu corpo entra num estado de alerta, como se estivesse se preparando para alguma ameaça. Não dá nem para ouvir o que tem aqui dentro porque o barulho da turbina dos ventiladores atrapalha. Dou alguns passos, vou tateando as paredes até chegar num banco no fundo da sala. Quando passo a mão no estofado sinto uma textura úmida de plástico, uma camisinha usada. Esse estalo me faz sair do estado de hipnose e recobrar os sentidos. Quando dei por mim, eu era o único que restou no estabelecimento. Todos já foram, por hoje já deu, decido ir embora...

CAPA

Figura 39 - Representação artística do cine erótico. Fonte: colagem produzida pelo autor (2022). A colagem foi produzida com imagens coletadas nas redes sociais do estabelecimento e com os registros do acervo do autor.

IMAGEM DE FUNDO

Figura 40 - Sala de exibição do Cine erótico - nº 1. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em: <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471096247456/?type=3>>.

IMAGEM NO CORPO DO TEXTO

[a] - Figura 41 - Recepção do Cine erótico. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em: <https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471089580790/?type=3>

[b] - Figura 42 - Sala de exibição do Cine erótico - nº 2. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em: <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471206247445/?type=3>>

[c] - Figura 43 - Sala de exibição do Cine erótico - nº 3. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em: <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471142914118/?type=3>>

[d] - Figura 44 - Banheiro do Cine erótico. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973472332913999/?type=3>>

[e] - Figura 45 - Acesso às cabines privativas do Cine Erótico. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471222914110/?type=3>>

[f] - Figura 46 - Placa do Cine erótico. Fonte: imagem coletada nas redes sociais do estabelecimento (2018). Disponível em <<https://www.facebook.com/1973460216248544/photos/pb.100067452083491.-2207520000/1973471146247451/?type=3>>



Só se expõe - poética, visual, musical ou filosoficamente - a política ao mostrar os conflitos, os paradoxos, os choques recíprocos dos quais toda história é tecida. É por isso que a montagem aparece como o procedimento, por excelência, dessa exposição: as coisas só aparecem aí ao tomarem posição, elas só se mostram aí ao se desmontar [*démonter*] inicialmente, como falamos da violência de uma tempestade "brava" [*tempête "démontée"*], onda contra onda, ou de um relógio "desmontado" [*démonté*], isto é, analisado, explorado e, portanto, disperso pelo furor de saber posto em prática por qualquer filósofo ou criança baudelairiana (DIDI-HUBERMAN, 2007).

LINHA 3 DESNUDANDO O CAMINHAR-NARRAR: O AVESSO DA PESQUISA

Os diários de bordo são registros que narram experiências vividas nos espaços do Centro de Aracaju, produtos de uma prática erótica da cidade. Como as andanças foram produzidas enquanto a pesquisa redesenhava o recorte de estudo, cada diário enxerga os espaços da paisagem tabular a partir de posições, perspectivas, escalas distintas. Tendo em vista que a dissertação não deixa de ser um discurso de cidade e como tal é passível de cometer discriminações metodológicas, o intuito da [LINHA 3] é propor uma revisão crítica sobre o processo de articulação dos diários de bordo, descrevendo tanto a forma como as andanças foram produzidas quanto o processo de confecção desses registros. Não buscamos apenas analisar os dados levantados *in loco*, mas também problematizar as entrelinhas do seu processo de articulação trazendo à tona o avesso da pesquisa.

Por que reivindicar um desnudamento do caminhar-narrar?

Para tatear possíveis respostas, retomo as ideias de Bataille sobre o conceito de *erotismo*. Segundo o autor,

toda operação erótica tem por princípio uma destruição da estrutura do ser fechado que é, no estado normal, um parceiro do jogo. A ação decisiva é o desnudamento. A nudez se opõe ao estado fechado, ou seja, ao estado de existência descontínua. É um estado de comunicação, que revela a busca de uma continuidade possível do ser para além do fechamento em si mesmo. (BATAILLE, 2021, p.41).

Traçando uma linha entre a montagem benjaminiana, revisada por Didi-Huberman, e o pensamento de Bataille, podemos observar que o desnudamento do ser fechado pode ser compreendido como uma forma de situar o caráter de montagem das ideias e das coisas, afinal só se desnuda algo que é passível de ser desmontado. Nesse sentido, pensamos em produzir um desnudamento dos diários de bordo como uma forma de evidenciar os choques pelos quais as nossas narrativas foram criadas. Por outro lado, suponho que olhar o avesso da pesquisa também seja uma forma de produzir uma prática erótica da linguagem, uma vez que ao explicitar a forma como os textos foram escritos, o livro deixa de ter aquele espírito arborescente, o estado do ser fechado em si.

Diário 1

O primeiro diário narra uma andança realizada pelas ruas do Centro de Aracaju à noite. Essa experimentação foi uma das atividades propostas pela disciplina *Práticas e*

*Instrumentais de Pesquisa em Temporalidades e Apropriações*²⁷. Naquele momento, estudávamos o ato de caminhar como método de apreensão das dinâmicas espaciais. Tínhamos a tarefa de produzir uma errância nos nossos objetos de estudo, culminando na produção de um registro audiovisual de cinco minutos²⁸. Mas antes de pôr em prática esse método, seria necessário definir algumas diretrizes.

A primeira pista foi traçada a partir de um jogo de palavras que Careri (2013, p.26) apresenta na introdução de *Walkscapes – o caminhar como prática estética*. Trata-se de uma lista de palavras dividida em três colunas, o leitor é convidado a montar frases entrelaçando os fragmentos. O autor sugere que esse jogo seja usado como um instrumento estético para explorar e transformar os espaços nômades das cidades contemporâneas. Frases como “inventar uma aventura caminhando” ou “seguir os perigos se perdendo” poderiam ser montadas, por exemplo. Para a nossa experiência foi eleita a frase “navegar os ecos do silêncio”, explico o porquê dessa escolha. A metáfora do mar e do “navegar”, segundo Careri (2017), é normalmente utilizada no relato de viajantes para descrever os territórios percorridos. Já a ideia dos “ecos do silêncio” remete aos espaços silentes da noite e as vozes silenciadas da cidade. Assim, o intuito da andança seria navegar à deriva pelas ruas, como um veleiro que se move ao sabor das correntezas, para escutar os ecos que reverberam pelos cantos da paisagem tabular.

Por que produzir uma escuta dos “ecos do silêncio” e não das “vozes silenciadas”?

Por um simples fato, existem vozes silenciadas que não querem ser ouvidas, a pegação, em alguns momentos, pareceu ser uma delas. Por isso, elas podem passar facilmente despercebidas. A escuta do eco seria uma forma de lidar com esse esquivamento, porque o que está em jogo não é produzir a escuta do centro do som, mas o que vem das margens do som. O eco não é a voz em si, não é o primeiro movimento sonoro. Ouve-se aquilo que ressoa, os rastros que reverberam pelo ambiente.

A metáfora da escuta dos ecos pode ser utilizada para falar sobre o nosso processo de coleta de fragmentos. Como vimos, uma das questões que tivemos que lidar foi a escassez de relatos sobre os espaços de pegação do Centro de Aracaju. As pistas foram despontando ao longo do percurso, algumas delas eram rastros fortuitos (e até banais), como os relatos na aba de comentários dos internautas, que despontaram de forma imprevista, mas que relatavam histórias desses lugares. Dessa forma, o nosso processo de aproximação com o contexto da

²⁷ Disciplina ministrada pela prof^ª dr^ª Juliana Michaello Macedo Dias no primeiro semestre de 2021. A disciplina propõe o estudo de estratégias metodológicas do campo da Arquitetura e do Urbanismo, com ênfase nas práticas e instrumentais adotados pela Linha 1 do programa.

²⁸ As imagens que despontam no [DIÁRIO 1] foram retiradas desse vídeo.

pegação foi sendo conduzido por uma trilha de rastros, com o meu corpo atento aos ecos que reverberavam pelo caminho. Nesse sentido, pensamos que a escuta do eco poderia se desdobrar em um método (ou estratégia) de apreensão para acessar as narrativas subterrâneas da cidade.

Apesar da errância ter como mote *navegar os ecos do silêncio*, naquele momento não sabia ao certo o que observar no local. A andança não teve um itinerário previamente programado, a experiência ocorreu como uma livre apreensão do espaço. O intuito foi lançar o corpo nas ruas, deslocando-o como as peças de um jogo de tabuleiro, atento aos lugares que a partida conduziria. O meu corpo navegou as ambiências noturnas, guiado tanto pelo trajeto dos monumentos quanto pelas reações que foram sendo despertadas ao longo do percurso - o medo, o temor, a curiosidade. Como um campo gravitacional, os trajetos foram sendo articulados por um sistema que se estabelecia através das interações que o meu corpo produzia com os demais corpos - sejam eles humanos ou não - e objetos espaciais. Determinadas interações produziam movimentos de atração, outras de repulsa, fazendo com o itinerário fosse constantemente reformulado a cada esquina.

Por mais instigante que a errância soe, uma das impressões que tive durante o percurso foi que a experiência parecia ser algo comum, banal, trivial. Não via nada de mais no que estava sendo observado. Os fatos começaram a ganhar potência durante o processo de escrita dos diários, momento em que as inquietações começaram a ser formuladas, quando comecei a olhar a experiência com outros olhos. O registro da experiência não é uma ação automática, a escrita sempre envolve uma ação reflexiva. Outro aspecto a ser ressaltado é que a narrativa não necessariamente segue o mesmo fluxo de ocorrência dos fatos. Houve um processo de seleção e descarte, alguns fatos foram ocultados e outros trazidos à tona.

Diário 2

Após a reformulação no recorte da pesquisa, os nossos percursos começaram a caminhar em direção ao contexto da pegação. Esse movimento foi produzido quando o mapeamento da plataforma virtual foi trazido à tona, atestando a existência de sete pontos de encontro no Centro de Aracaju. Seria, então, necessário produzir uma andança para reconhecer os pontos indicados no mapa. A produção dessa visita culminou na montagem do segundo diário, que relata primeiro o movimento de aproximação da pesquisa com os estabelecimentos investigados.

A andança tinha o objetivo de percorrer as entrelinhas da cidade com o foco voltado às relações homoeróticas. O ponto de partida foi pensar: o que um homem gay precisaria fazer

para achar possíveis pretendentes na região? A estratégia utilizada foi seguir os passos do mapa da pegação. Esse instrumento não só ajudou a traçar o itinerário da andança, mas também abriu uma porta de acesso aos estabelecimentos investigados, em especial através dos relatos escritos na aba de comentários. Assim, a experimentação foi sendo tecida através de duas perspectivas de leitura: a primeira, com o corpo *in loco* olhando de longe os estabelecimentos investigados, e a segunda, um olhar de dentro, através da perspectiva dos internautas.

Como a andança foi guiada pelas informações disponíveis em uma plataforma virtual, uma das reflexões trazidas à tona foi pensar os tensionamentos estabelecidos entre corpo, ciberespaço e cidade, abordando as implicações dos meios digitais sobre as novas fronteiras postas a experimentação da cidade. Reflexão que ainda trouxe outras questões: essa abordagem remota de acessar os espaços da cidade poderia ser compreendida como uma experiência urbana corporificada? Quais aspectos espaciais os comentários ressaltam e quais deles são deixados de lado? Como as instruções dos sites, aplicativos e mapas virtuais podem ou não influenciar as dinâmicas urbanas? O que se perde e o que se ganha em uma experiência urbana conduzida por um instrumento digital? Seria possível se perder em um espaço com um instrumento que é tão fácil de se achar?

Após a experiência, iniciou-se o processo de escrita do segundo diário, que produz uma narrativa alinhando fragmentos coletados tanto na andança quanto nas pesquisas online. É interessante chamar atenção sobre um detalhe da diagramação das páginas. A forma como o texto, as imagens e os comentários foram articulados, produz pelo menos três percursos de leitura. Além da ordem cronológica, o leitor poderia cortar caminho pelas linhas tracejadas. Dessa forma, a depender do percurso de leitura escolhido ou pensando os choques produzidos pela justaposição entre os fragmentos distintos, poderíamos tecer múltiplas interpretações.

Diário 3

O terceiro diário marcou uma mudança de perspectiva no decorrer das investigações, porque narra a primeira experiência interna no contexto da pegação dentro da sauna. No primeiro diário a luminosidade dos espaços foi recorrentemente utilizada para descrever as ambiências da cidade noturna. O segundo diário trouxe à tona alguns elementos do espaço construído com uma breve descrição das fachadas no intuito de avaliar se os estabelecimentos se faziam presentes na cidade, ou seja, se eram visíveis ou invisíveis na paisagem. Já a experiência do terceiro diário sensibilizou o olhar para algumas singularidades do ambiente: o espaço embaçado, escorregadio, quente, pegajoso, trazendo à tona aspectos

espaciais pautados em sentidos que extrapolam o campo da visão. Essa mudança não só diz respeito a localização do corpo-pesquisador, que antes estava do lado de fora e agora passaria a estar dentro, mas também remete a forma de se locomover no ambiente. Nas duas primeiras experiências, o meu corpo estava em um estado incessante de movimento pelas ruas da cidade, mas na sauna ele teria a oportunidade de parar, escutar as conversas alheias, sentir os sons, as texturas, os cheiros do ambiente.

Em *Caminhar e parar*, Careri (2017, p.32 e 33) fala sobre essa mudança de perspectiva ao discutir que

para quem navega, o andar é tão importante quanto o parar. Quem levanta a âncora para uma longa viagem, além das velas e dos remos, leva certamente consigo também a âncora: a possibilidade de parar e conhecer de perto outros territórios e outras gentes. [...] Quem navega aprende os perigos do mar e do aproximar-se da costa sem dar com os baixios, mas deve saber onde parar, como construir uma relação com o território onde resolveu fundear, como desembarcar e como falar com a população autóctone, quais sinais enviar, quais palavras dizer, como comportar-se para não vir a ser morto, para não ser percebido como hostil, mas sim como hóspede bem-vindo. Quem navega em águas estrangeiras deve ter uma clara visão da modalidade com a qual saudar o Outro, a ir a seu encontro.

O ato de navegar, de percorrer, de atravessar apresenta algumas limitações para a experiência de apreensão, porque determinados aspectos do território podem passar despercebidos pelo corpo que está em constante movimento. Dessa forma, Careri (2017) reivindica o ato de *parar* como uma forma de complexificar a compreensão de um território. O que está em jogo nessa abordagem diz respeito a relação de aproximação do pesquisador com os seus respectivos companheiros/sujeitos do estudo, porque nos instiga, dentre outros aspectos, a pensar como o pesquisador deve articular estratégias para se aproximar das dinâmicas investigadas sem “ser percebido como hostil”.

A partir desse ponto, podemos tensionar alguns aspectos metodológicos diante das especificidades das vivências da pegação. Tivemos que articular instrumentais de pesquisa para lidar com a natureza anônima, efêmera e sigilosa dessas dinâmicas. Uma delas envolveu a forma de abordar e tratar as experiências narradas com a colaboração dos *companheiros de investigação*²⁹. Por exemplo, o modelo tradicional de aplicação de entrevistas se mostrou impraticável nesse contexto. Não poderia simplesmente chegar em um desses lugares com uma prancheta, com um formulário estruturado e pedir uma entrevista para algum praticante

²⁹ Os sujeitos envolvidos na pesquisa não são pensados como objetos de estudo, mas antes, como companheiros de investigação.

aleatório. Uma ação dessas poderia perturbar a forma como aquelas dinâmicas se processam, além disso poderia me colocar ou coloca-los em uma situação de constrangimento e/ou risco.

Além disso, para descolonizar a discussão, ficamos pensando se ao invés de tratar a investigação como uma *entrevista*, que termina apartando o pesquisador/arguidor e o entrevistado/depoente, não seria mais interessante produzir uma relação de *escuta*, de *diálogo*, pensando os demais sujeitos da pesquisa como interlocutores. Dessa forma, o diálogo poderia ser pensado como um método capaz de subverter o caráter direcional do questionário estruturado, circunstância que possibilitaria explorar aspectos que, a princípio, não estão à vista do pesquisador (CERTEAU, 1998). Mas isso não significa dizer que as declarações dos interlocutores devam ser aceitas de forma acrítica, a questão é respeitar e mostrar um interesse genuíno nos eventos que estão sendo relatados, estabelecendo um canal de comunicação, uma relação não hierárquica entre pesquisador e interlocutor, “onde há experiências compartilhadas, igualdade social e envolvimento com a problemática” (KILOMBA, 2019, p.82).

Tendo em vista as perspectivas do ato de *parar* e do *diálogo*, como eu estava hesitando em realizar as visitas de campo, uma das estratégias que articulei para me aproximar dos locais de pegação do Centro de Aracaju foi estabelecer um contato prévio com um interlocutor que estava habituado a frequentar um daqueles pontos. Como vimos, o contato com o Interlocutor 1 ocorreu através de um aplicativo de relacionamentos, foi uma visita inesperada, não havia um script pronto, a intenção era lançar o corpo na experiência e produzir a livre apreensão das dinâmicas espaciais.

A experiência, então, se desenrolou como uma espécie de diálogo *in loco*, articulando duas perspectivas distintas, a de um frequentador assíduo e a de um passageiro. Em determinados trechos, o terceiro diário narra algumas memórias do Interlocutor 1, mas considera que elas tenham sido marcas da experiência que ficaram inscritas no meu corpo. Ou seja, não se trata de transcrever a fala de um “entrevistado”, o que o diário faz é relatar com as minhas próprias palavras as ocorrências e fatos que foram trazidos à tona e ficaram retidos em meu corpo. Tal abordagem suscitou algumas questões: qual as vantagens de ser sido guiado nesse primeiro momento?

Em *Memórias da plantação*, Grada Kilomba (2019), uma pesquisadora negra, examina a atemporalidade do racismo cotidiano utilizando, dentre os métodos de investigação, entrevistas narrativas biográficas com outras mulheres negras. No decorrer da tese, a autora discute como os pesquisadores que investigam membros de seu próprio grupo social conseguem ter acesso a determinadas camadas das dinâmicas estudadas que os pesquisadores alheios não conseguem ter. Por exemplo, "foi mostrado repetidamente que informantes negras/os são

reticentes em discutir suas experiências de racismo com uma/um entrevistadora/entrevistador branca/o”. Então, “ser uma pessoa ‘de dentro’ produz uma base rica, valiosa em pesquisas centradas em *sujeitos*” (KILOMBA, 2019, p.83). Tendo em vista essa questão, podemos observar que a experiência na sauna foi facilitada, dentre outros aspectos, por eu ser um homem cis gay, circunstância que permitiu estabelecer um contato prévio com um frequentador do estabelecimento e possibilitou produzir um mergulho na experiência da pegação sem que houvesse um estranhamento por parte dos demais frequentadores do recito, como aconteceria se a experiência tivesse sido realizada por uma pesquisadora.

Diários 4, 5 e 6

A pesquisa começou a mergulhar a fundo no contexto da pegação depois da primeira experiência na sauna. O diálogo com o Interlocutor 2 suscitou algumas pistas sobre a ocorrência de pegação em outras regiões de Aracaju. Então, o corpo-pesquisador foi instigado a seguir o percurso pelos novos caminhos que se abriam, fazendo com que o recorte de estudo começasse a se distanciar da região do Centro. Mas antes que essa ação tivesse se consumado, chegou o exame de qualificação. A banca não poupou esforços em ressaltar os riscos de se navegar em mar aberto, então foi sugerido que o recorte de estudo fosse afinado e que as pesquisas de campo fossem retomadas. Assim, quase um ano depois desde da visita guiada à sauna, o corpo-pesquisador retorna às ruas do Centro para uma nova leva de andanças, dessa vez com o foco voltado aos estabelecimentos comerciais da pegação. Foram produzidas três novas experiências em dias diferentes, uma em cada ponto.

O objetivo das últimas andanças permaneceria o mesmo, lançar o corpo na cidade para a livre apreensão do espaço, a diferença é que agora eu estaria desacompanhado. No entanto, é importante ressaltar que a errância urbana não é uma prática completamente às cegas, não é neutra nem imparcial³⁰. Por mais que o intuito desse método seja se deixar ser levado pela experiência, para que traga à tona aspectos que não estão à vista, a percepção espacial está sendo realizada por um corpo situado geo-historicamente, ou seja, a realidade está sendo apreendida pelo crivo de leitura de um ponto de vista.

O quarto diário relata a visita à Lan House. Como essa seria a minha primeira experiência solo, a ansiedade marca as entrelinhas dessa narrativa. Como descrito, foi um episódio curto, rápido e intenso. Ao escrever o texto, a intenção era transmitir as sensações de

³⁰ A problematização sobre a produção do saber situado será retomada na [LINHA 5].

agitação, velocidade, ansiedade que acompanharam o meu corpo na andança, então na primeira parte do diário a estratégia foi escrever um parágrafo corrido, sem pausas, indo direto ao ponto, e em seguida relatando os desdobramentos da experiência.

O quinto diário relata uma nova visita à sauna. Além do fato de não estar acompanhado, existe outro aspecto que o distingue da experiência anterior: o fato de produzir uma errância em um ambiente que àquela altura já era familiar. Essa circunstância adicionou uma nova camada ao experimento, porque me instigou a buscar os detalhes que teriam passado despercebidos na primeira ida. Como não tinha acessado todas as ambiências, o intuito agora seria percorrer todos os cômodos do estabelecimento percebendo como cada um deles funciona. Dessa forma, a escrita deste diário trouxe à tona alguns aspectos singulares sobre a interação entre os corpos e como variavam em cada sala, o que permitiu tecer uma descrição espacial através das coreografias da pegação.

O sexto diário relata a última visita, a experiência no Cine Erótico. Se o corpo da Lan House era ansioso, o da sauna relaxado pelo mormaço do vapor, agora o do cinemão se transforma em um corpo hipnotizado que deambula pelo espaço. No decorrer da narrativa, as linhas do percurso se desdobram em bifurcações. A distribuição espacial do estabelecimento faz com que o trajeto siga em ramificações, não em linha reta. Cada sala abre passagem para outras salas, e assim por diante. A experiência, então, se constrói pelo conjunto de escolhas que são tomadas ao longo do percurso. Esse aspecto da narrativa nos levou a produzir uma leitura crítica sobre o próprio movimento de construção da pesquisa, o que instigou a dissertação mais tarde a disparar uma [LINHA DE FUGA].

Como vimos no percurso de leitura da [LINHA 3], uma gama de reflexões foi despertada a partir da leitura dos diários, que versam não só sobre a ocorrência dos fatos observados, mas também sobre o próprio movimento de montagem desses registros. Tais circunstâncias transparecem que os nossos esforços além de propor análises sobre as dinâmicas investigadas atuaram no sentido de articular e testar diferentes métodos de apreensão no decorrer das andanças. Ao desnudar os atos de caminhar e narrar, um dos nossos intuítos foi enfatizar que os diários não são meros apêndices, eles foram trazidos à tona no centro da dissertação, porque eles se constituem tanto como produtos da pesquisa quanto como elementos disparadores das considerações pós visitas de campo.

LINHA 4 FLASHES DE SENTIDO

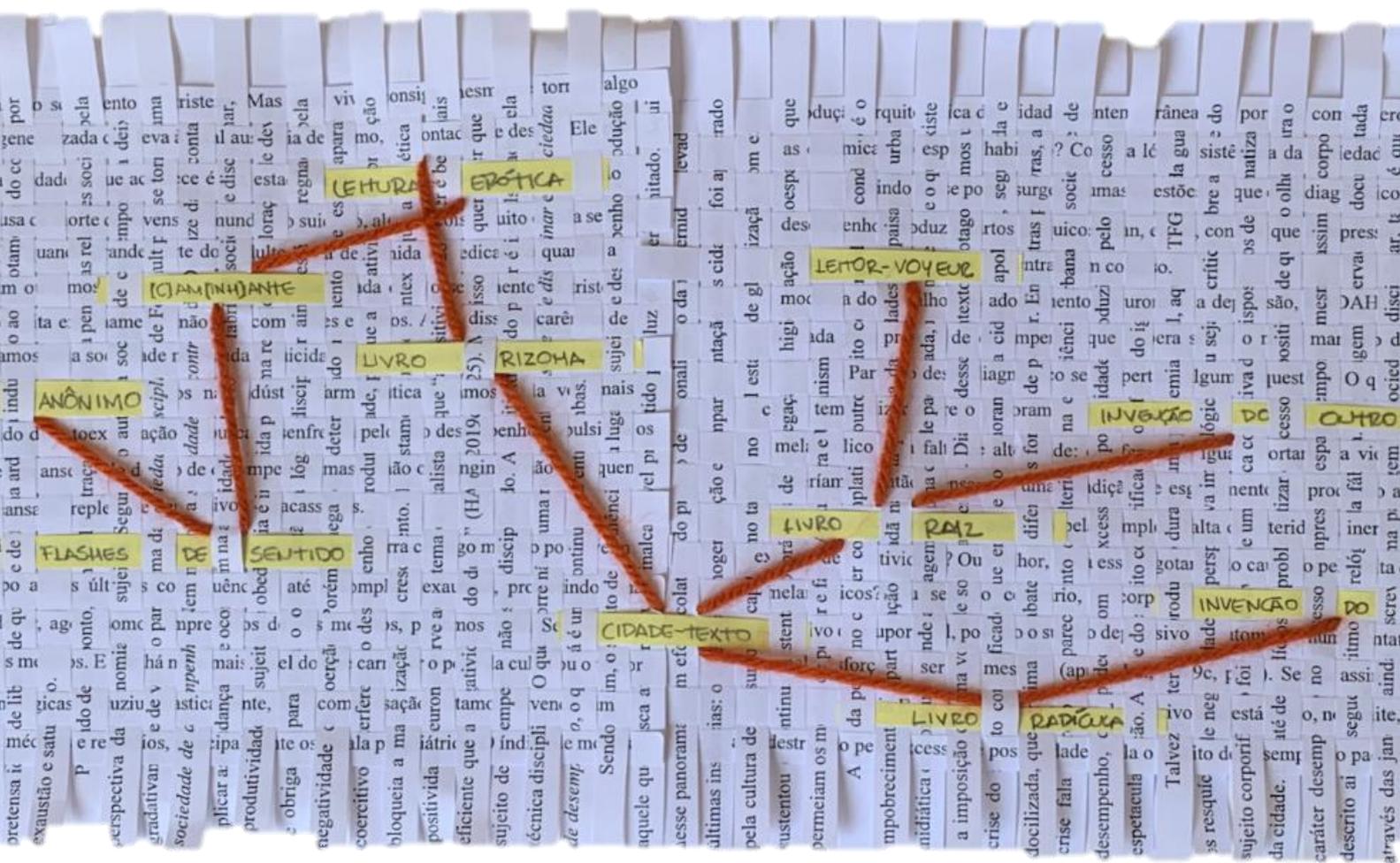


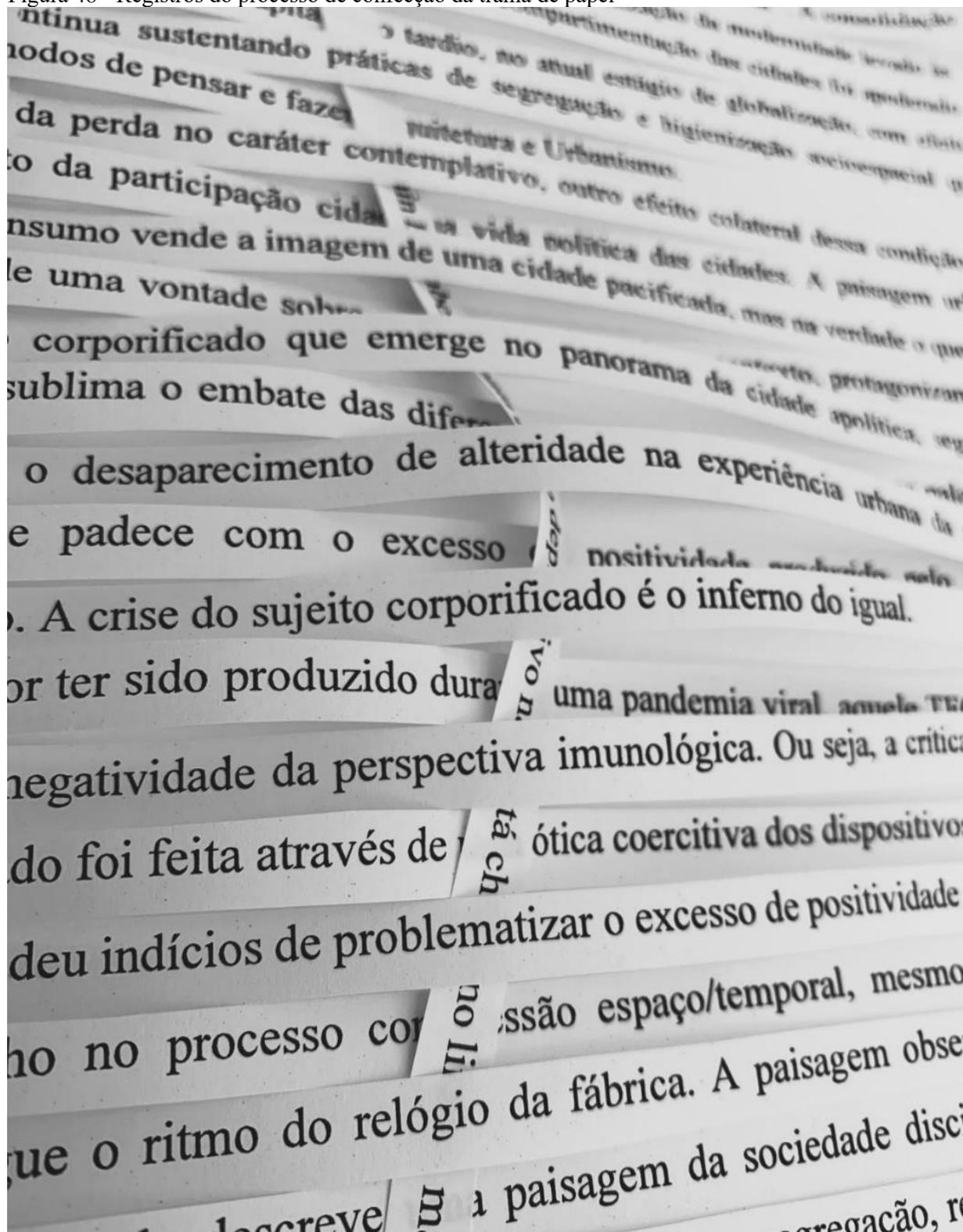
Figura 47 – Bordado sobre trama de papel. Fonte: montagem produzida pelo autor (2023)

A imagem acima retrata um experimento produzido durante a escrita dos diários de bordo. Podemos observar o desenho de uma constelação de palavras-chaves, destacadas em amarelo, bordadas com fios de lã sobre uma trama de papel. O intuito inicial do bordado era produzir um mapa dos trajetos que percorri nos espaços do Centro de Aracaju, mas quando a trama ficou pronta percebi que não tinha espaço suficiente para isso. A solução alternativa foi produzir um decalque do fluxo de ideias do texto, destacando os conceitos que estavam sendo percorridos naquele momento.

É importante chamar atenção que a experimentação citada não se trata apenas de um procedimento formal de montagem, mas também se refere ao método de conhecimento utilizado no processo de articulação das considerações que foram tecidas pós visitas de campo. Nesse sentido, o intuito deste platô é apresentar adiante tais considerações, disparadas como flashes de sentido a partir da leitura dos diários de bordo. Mas antes, gostaria de abordar o

processo de concepção dessas questões, tratando a confecção da trama de papel como metáfora para entender o processo de escrita textual.

Figura 48 - Registros do processo de confecção da trama de papel



Fonte: produzida pelo autor (2023)

A base da trama foi confeccionada como a urdidura de um tecido: as páginas dos diários foram impressas, as linhas dos textos cortadas em tirinhas, misturadas e minuciosamente entrelaçadas, fio a fio. Como as tirinhas não estavam sendo presas ou coladas, estavam apenas entrelaçadas umas nas outras, a urdidura da trama se tornou um processo trabalhoso, porque os enlaces se afrouxavam toda vez que uma nova tirinha era inserida no restante da malha (figura 48). À medida que as tirinhas iam sendo entrelaçadas, algumas regiões da trama ficavam mais firmes - mais estáveis no centro e mais instáveis nas franjas. Apesar de elas continuarem em um movimento incessante, deslizando-se umas sobre as outras durante o processo de urdidura, os enlaces começaram a se ramificar e produzir um *plano de consistência*³¹. Mesmo assim, bastava apenas puxar uma ponta solta das franjas para desestabilizar a malha, o arranjo entre as tirinhas começar a se desfazer e a urdidura ter que ser refeita. Trata-se, então, de um sistema em aberto, um rizoma de papel, sem qualquer possibilidade de haver uma versão final ou fixa, porque os enlaces são sempre provisórios e efêmeros.

Como podemos observar, o procedimento de remontagem exercido pelo experimento cria um abalo no movimento dos diários de bordo. Quando as tirinhas foram cortadas e misturadas, as linhas do texto saíram dos seus lugares habituais, foram entrelaçadas com outras linhas, formando assim uma outra tessitura textual. O arranjo de ideias, a ordem dos fatos, a cronologia dos acontecimentos foi reconfigurada, sem ficarem subordinados aos diários de onde surgiram. Fragmentos escritos em lugares/momentos distintos foram justapostos, confrontando as suas diferenças. Dessa forma, o experimento produz choques entre os textos, que nos instigam a pensar outras histórias do Centro de Aracaju a partir das experiências narradas nos diários de bordo.

A partir dessas inquietações, iniciou-se o processo de formulação das questões com base no material levantado nas visitas de campo. Quando os diários de bordo terminaram de ser escritos, os textos começaram a ser revisados através de uma *prática erótica da linguagem*. Como vimos na [LINHA 2], o erotismo do texto está atrelado a produção de *flashes de sentido*: as interpretações, as sensações, os agenciamentos que são despertados durante um percurso de leitura, ou melhor, resgatando as palavras de Barthes, quando o texto nos instiga a levantar a

³¹ Plano de consistência é um dos termos utilizados por Deleuze e Guattari. Segundo os autores, um rizoma ou multiplicidade “não se deixa sobrecodificar, nem jamais dispõe de dimensão suplementar ao número de suas linhas, quer dizer, à multiplicidade de números ligados a estas linhas. Todas as multiplicidades são planas, uma vez que elas preenchem, ocupam todas as suas dimensões: falar-se-á então de um *plano de consistência* das multiplicidades, se bem que este ‘plano’ seja de dimensões crescentes segundo o número de conexões que se estabelecem nele” (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p.20, 21).

cabeça e ouvir outra coisa. Dessa forma, a interpretação dos diários teve como mote a seguinte questão: o que sou levado a pensar quando leio esse texto?

No decorrer dessa prática, algumas pontas soltas começaram a despontar na trama dos diários: determinados fragmentos chamavam a atenção porque suscitavam uma série de reflexões. À medida que o percurso de leitura progredia, também começou a ocorrer interseções entre os textos. Os fragmentos de um diário despertavam reflexões sobre os fragmentos de outros diários, tanto pelas similaridades quanto pelas diferenças. Os fragmentos começaram a ser destacados no texto e as reflexões registradas em um caderno de anotações (decidi deixar as marcas dessa ação deixando as páginas dos diários grifados). Dessa forma, o compilado de anotações fez surgir um catálogo de fragmentos, uma espécie de fichamento que ajudou a atar as anotações avulsas aos fragmentos recortados.

Como as tirinhas do experimento supracitado, os itens do catálogo de fragmentos começaram a ser articulados como a urdidura de um tecido, entrelaçando fio a fio, produzindo a trama textual dos tópicos que serão apresentados adiante. Essa forma de montagem dá a liberdade para alinhar fragmentos que as vezes estão no primeiro e no último diário, produzindo tramas complexas, heterogêneas. Trata-se de um texto fragmentado, efêmero, fugaz, como a ocorrência dos flashes de sentido, por isso não constitui um bloco coeso. As tramas disparam linhas que vão para diferentes contextos, diferentes concepções. Os enlaces entre os fragmentos não são fixos, portanto, as conclusões são sempre efêmeras e provisórias.

O intuito não é concebê-los como se integrassem uma ordem cronológica e linear de evolução, porque eles foram escritos simultaneamente. Cada trama foi sendo alinhavada em um constante processo de revisões. Não há uma hierarquização entre os itens que articulam esta [LINHA], uma vez que a escrita deles se constituíram em processos de remontagem.

L4.1 Devir leitor-voyeur

Fragmento 1 – Relato do pesquisador

[...] ao iniciar essa visita, senti como se estivesse adentrando as fronteiras de um “território estrangeiro”, um lugar desconhecido prestes a ser desbravado.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.67)

Ao falar sobre um “território estrangeiro”, o fragmento 1 retrata a postura de alguém que não pertence ou que não se sente pertencente a um lugar ou um grupo, circunstância que desperta nele uma vontade de saber, de desbravar, de desvendar aquilo que lhe é estranho. Podemos notar que essa passagem situa a posição de um espectador perante um objeto que está sendo observado. Nas entrelinhas dessa dinâmica, se estabelece um processo de divisão, de

distanciamento entre o “eu” e os “outros”, que se configura em torno das figuras do forasteiro e do nativo, do familiar e do desconhecido, do igual e do diferente.

Sabemos que essa passagem remete ao primeiro movimento de aproximação da pesquisa com o contexto da pegação, no momento em que as andanças percorriam as ruas do Centro de Aracaju à procura dos locais indicados no mapa virtual da pegação. É interessante perceber como os pontos de encontro estavam sendo descritos naquele momento, como algo “estrangeiro”, o que transparece a relação que o meu corpo (o corpo-pesquisador) tinha com o mundo da pegação. Em outras palavras, a investigação estaria sendo tecida pelas lentes de um de um pesquisador que não participa ou que não se reconhece como parte integrante das dinâmicas investigadas.

Fragmento 2 – Relato do pesquisador

Enquanto isso permaneço aqui sentado observando de longe, imaginando o que se passa naquele lugar.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.69)

O fragmento 2 evoca uma imagem que territorializa o ponto de observação desse olhar estrangeiro. O corpo está do lado de fora, sentado no banco da praça, observando de longe os locais de pegação. Nesse caso, a apreensão do espaço se limita aos sentidos da visão e da imaginação. É interessante perceber que o distanciamento inerente a posição desse lugar impõe um crivo de leitura, a partir do qual o corpo-pesquisador enxerga a cidade. Talvez o que está em jogo nessa abordagem seja a perspectiva de um *leitor-voyeur* distanciado, que apenas observa os outros sem participar. Haveria resquícios dessa perspectiva nos desdobramentos da pesquisa? Como a perspectiva do olhar estrangeiro interfere na produção de um discurso acadêmico sobre a pegação?

Grada Kilomba (2019) nos leva a questionar as implicações do “eu” na pesquisa ao problematizar o mito universal do conhecimento. Tendo em vista que o pesquisador articula as lentes pelas quais investiga o mundo, a posição que ele ocupa interfere não só na forma como as dinâmicas investigadas são enxergadas, mas também na forma como se processa a relação com os objetos/sujeitos do estudo. Tal concepção põe em xeque a pretensa imparcialidade propagada pelo meio científico ortodoxo ao evidenciar que todo e qualquer conhecimento, inclusive o conhecimento científico, é um saber localizado, pois é produzido através de uma corporeidade geo-histórica situada (TAVARES; BONADIO, 2021). Nesse sentido, a ciência é passível de reproduzir a assimetria e desigualdade das relações de poder que atravessam o corpo pesquisador. Por isso, “a academia não é um espaço neutro nem tampouco simplesmente um espaço de conhecimento e sabedoria, de ciência e erudição, é também um espaço de violência”

(KILOMBA, 2019, p.51). A autora, então, reivindica uma epistemologia que inclua o pessoal e o subjetivo como parte do discurso acadêmico, como uma das formas de suplantar as discriminações e violências epistêmicas propagados pelo meio científico ortodoxo.

Em vez de assumir uma postura universal, a dissertação assume a produção de um saber situado, tecido a partir da perspectiva de um pesquisador gay: o meu corpo. Inevitavelmente, tal perspectiva tende a produzir uma interpretação parcial da realidade, uma leitura que reproduz as relações micro-ético-políticas de poder inscritas em meu corpo. Se a pegação estivesse sendo observada a partir de outro ângulo - por uma mulher cis ou trans, por um homem hétero ou até por outro homem gay que fosse um frequentador assíduo da pegação, por exemplo – talvez levantaria outras questões, outras interpretações, outras leituras. Por isso, é necessário situar o “eu” na pesquisa, referenciar o meu corpo e as minhas questões e como elas interfeririam no processo de aproximação e produção de um discurso sobre a pegação. Ressalto que o intuito não é produzir uma autobiografia, ao compartilhar algumas vivências pessoais adiante, busco situar a minha relação com as dinâmicas investigadas explicitando e problematizando as circunstâncias que confluíram à constituição do crivo de leitura do leitor-*voyeur*, o olhar estrangeiro.

Fragmento 3 – Relato do pesquisador

Como eu já conheço o Centro, poderiam achar que eu estaria familiarizado com os jogos de pegação dessa região (há de se esperar que um homem gay seja entendido dessas coisas), mas como nunca fui um frequentador assíduo da pegação [...], eu não conhecia nenhum desses lugares, no máximo tinha ouvido falar de um e de outro.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.67)

Por eu ser um homem cis gay, existe um ponto de interseção entre as minhas vivências com as que são foco deste estudo, mas a minha primeira reação foi tratá-las como algo estrangeiro, porque não tinha experiência com o mundo da pegação. Isto se deve por alguns motivos.

Em um trecho do diálogo com o Interlocutor 2, quando perguntei sobre como ele tinha descoberto os pontos de encontro da região e sobre como tinha sido a sua primeira experiência, foi trazido à tona que a sua inserção no mundo da pegação ocorreu através de uma rede de amizades. Aquela velha história da “boca a boca”, um amigo que contava para o outro e assim por diante.

Fragmento 4 – Relato do Interlocutor 2

Eu frequentava a saída C do Shopping Jardins e ali eu começava a fazer contatos, pegar MSN, foi lá que eu dei o meu primeiro beijo, inclusive. E aí, dessa saída C, depois que expulsaram a gente de lá, a gente

passou a frequentar o Parque da Sementeira, e foi quando se formou também um grupo de vôlei. E nesse grupo de vôlei já eram bichas mais velhas. [...] Tipo, gays adultos, com 18, 20 anos, que tinham conhecimento muito mais abrangente do cenário, né? E aí eu comecei a ir pra balada, que eu comecei pra festa, que eu comecei a conhecer esses outros... ambientes mais alternativos. Eu não lembro, eu acho que a primeira vez que eu ouvi falar do kartódromo [local público de pegação em Aracaju] foi através de "João". Eu acho que a primeira vez que eu ouvi falar e aí me despertou a curiosidade, obviamente fui pesquisar. E aí em outra situação, eu estava com amigos na Orla, a gente estava caminhando ali pela região dos lagos. E aí eu lembro de ter, eu lembro que um, passou um rapaz, ele estava tipo, acho que fazendo uma corrida, não sei, ele encarou muito um dos meus amigos. E a gente acabou seguindo ele até pegar o kartódromo.

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023, os nomes citados foram alterados)

Suponho que um dos motivos para eu não ter sido iniciado no mundo da pegação tenha sido porque não tive um grupo de amigos que frequentasse ou falasse abertamente sobre o assunto na fase preliminar do meu despertar sexual. No meu caso, durante a adolescência, como eu não era acostumado a sair de casa, o meu ciclo social era restrito as pessoas do meu convívio mais próximo. Como sempre estudei em instituições privadas e morei em um condomínio fechado, as pessoas do meu ciclo social, assim como eu, vinham de um recorte de classe média, majoritariamente mulheres heterossexuais e homens gays que performavam uma conduta heterossexual. Então, o meu processo de formação esteve cercado por uma redoma heteronormativa. A minha rede de amizades gays e lésbicas começou a se formar no decorrer da graduação, quando ingressei no curso de arquitetura e urbanismo. Nesse estágio, comecei a ser apresentado aos elementos, espaços e vivências de uma “cultura gay”.

Não sei ao certo em que momento comecei a ter noção sobre a existência do mundo da pegação, mas sempre foi algo que rondou o imaginário gay, retratada nas redes sociais, nos filmes, nas séries, na pornografia. Ela sempre esteve ali, mas como um mito, como uma história, como algo que se fazia quando não existia os aplicativos de relacionamentos, em minha perspectiva. Mesmo assim, apesar de ter uma certa noção, a pegação era algo distante, porque não fazia parte do meu ciclo social, agora formado majoritariamente por jovens de classe média, inscritas em um contexto acadêmico. Eu e os meus amigos gays éramos acostumados a frequentar os bares, baladas, festas, mas não fazíamos pegação (ou pelo menos não se falava abertamente sobre isso). Quando o assunto era citado na roda de conversa, era tratado com desdém, porque fazer pegação, banheirão, cinemão era motivo de chacota, por ser visto como algo um tanto degradante, tanto é que a imagem que eu tinha da pegação era de ser algo “trash”.

Fragmento 5 – Relato do pesquisador

Chamou-me a atenção esse último comentário sobre a ocorrência de assaltos, [...] trazendo à tona alguns dos riscos que envolvem a experiência da pegação. Esse comentário acabou agravando ainda mais a apreensão que estava sentindo em ter que entrar nesses locais.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.72)

O meu primeiro contato com as vivências do Centro de Aracaju ocorreu através das narrativas compartilhadas pelos internautas na aba de comentários do site do mapa da pegação. Como algumas delas mencionavam a ocorrência de assaltos, então, como eu não tinha outras referências, a primeira imagem mental que começou a ser construída foi pensar a pegação como um lugar de insegurança e violência. Consequentemente, o meu corpo começou a despertar uma repulsa pela experiência de campo, tanto é que houve um intervalo considerável entre a primeira ida a campo e a primeira visita à sauna, e depois entre a visita guiada da sauna e os três últimos diários. Por meses evitei esse encontro para não ter que lidar com as imprevisibilidades e inseguranças que essa experiência poderia acarretar.

A imagem de insegurança e violência começou a ser tensionada durante o diálogo com o Interlocutor 2. Em um dado momento da conversa foi trazido à tona a questão da violência, perguntei se ele já se sentiu inseguro ou se já tinha presenciado algum ato violento dentro dos locais de pegação do Centro, mas ele respondeu que nunca tinha se sentido inseguro.

Fragmento 6 – Relato do Interlocutor 2

Dentro dos espaços privados eu nunca vi relatos [de assaltos]. [...] Nos outros ambientes que eu frequentei eu nunca me senti de maneira alguma inseguro. Até tem locker, se você quiser você pode deixar essas coisas dentro do armário. Que é geralmente o que eu prefiro fazer, mas não por medo de que alguém tome, mas é mais por medo de perda.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.72)

Além da resposta, é importante chamar atenção sobre a forma como ele reagiu a pergunta. Houve uma pausa momentânea, parecia como se ele não tivesse entendido a pergunta. Antes de prosseguir falou que estava pensando em uma resposta, porque até aquele momento ainda não tinha pensando nisso. Por mais que seja um gesto singelo, essa reação trouxe à tona um ponto de tensão entre a nossas perspectivas, a de um frequentador assíduo e a de um frequentador passageiro. Talvez a violência seja uma questão latente para quem está olhando a pegação do lado de fora e não para o praticante. Até que ponto a repulsa pela experiência estava sendo causada por uma ameaça factual? Quais outras camadas estão submersas nas entrelinhas desse medo?

Fragmento 7 – Relato do pesquisador

A questão é que não me sentiria confortável em entrar lá por conta da quantidade de pessoas que estão ao redor da praça.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.69)

Reavaliando a sensação de timidez relatada no fragmento acima, podemos observar que a minha hesitação em adentrar os espaços da pegação não estava sendo apenas causada pelo

receio à violência, mas também provém de um sentimento de vergonha, desconforto, mal-estar em ser associado àquelas vivências, em ser marcado com o rótulo do estigma. Dessa forma, suponho que a timidez seja causada por uma questão de moral, de pudor, por ainda considerar, lá no fundo, essas práticas como algo indecente, como algo sujo. Então, de certa forma, o meu corpo estava reproduzindo a mesma tendência moralizante que a pesquisa pretendia contrapor.

Cortés (2018, p.163) aborda essa questão ao afirmar que as vivências da pegação “são práticas um tantas estigmatizadas até mesmo pelo mundo homossexual mais tradicional, que se sente envergonhado por uma atividade que considera ‘degradante’ e entende que está fora das normas sociais a ser respeitadas”.

As ideias majoritárias podem chegar a tolerar a homossexualidade conforme as construções heteronormativas de amor e de sexo, mas o pensamento de diversas pessoas juntas em um contexto que vai além do romantismo heteronormativo e da (hetero)sexualidade masculina, envoltos em novas formas de amor e de sexo, é difícil de tolerar (BELL, 1995, p. 315 apud CORTES, 2018, p.163).

Fragmento 8 – Relato do pesquisador

Tento lembrar do cara com quem acabei de transar, talvez nunca mais o veja, também nem sei se o reconheceria.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.85)

A questão ficaria ainda mais complexa quando comecei a olhar a situação sobre outro ângulo. Quando retornei da visita à Lan House, comecei a escrever um relato sobre a sensação de estranhamento descrita acima, sobre o incômodo de ter sido uma relação fortuita e efêmera. A princípio, o episódio da Lan House estava sendo marcado como a minha primeira vivência de pegação. Mas, tendo em vista que o termo “pegação” descreve “a ação de paquerar ou conquistar outros homens para contatos afetivos ou sexuais passageiros e efêmeros” (TEIXEIRA, 2008, p.243), comecei a perceber que esse tipo de relação não era tão estranha assim, porque de certa forma elas tangenciam as vivências com as quais já estou familiarizado.

No decorrer das investigações eu fui instigado a pensar sobre a diferença entre os “meus lugares” – os bares, baladas e festas - e aqueles outros, os locais de pegação. Um dos aspectos que chamou a atenção foi considerar que existe uma ocorrência frequente de encontros sexuais fortuitos durante as festas no banheiro das baladas, inclusive algumas delas tem espaços específicos que são utilizados para a pegação, os *darkrooms*. Ou seja, até que ponto os lugares que eu estava habituado a frequentar se distanciam das vivências que são foco deste estudo? Por que os bares e baladas não são considerados como “locais de pegação”? Por que elas não estão cadastradas no mapa virtual da pegação?

Em *Espaços, corpos e desejos: a cidade e o urbano na arquitetura da pegação em Belo Horizonte, Minas Gerais*, Alexandre Teixeira (2018) produz uma reflexão crítica sobre a investigação etnográfica que desenvolveu durante a sua pesquisa de mestrado. O autor atravessa a questão supracitada ao relatar que os seus entrevistados não categorizavam os bares como espaços de pegação.

Quando lhes foi perguntado o motivo pelo qual esses lugares não foram lembrados, as respostas dadas sempre estiveram próximas à noção de que esses locais são ambientes mais adequados para encontrar os amigos, para sair com os parceiros, ou, então, para “caçar” alguém para “ficar” e, quem sabe, namorar. Assim, os bares poderiam ser considerados como lugares nos quais predominava uma **sociabilidade mais grupal**, com interações marcadas pelo exercício de trocas sociais nas quais o grupo de amigos, ou conhecidos, tem um importante papel (TEIXEIRA, 2018, p.244, grifo nosso).

A diferença apontada é que os bares seriam ambientes destinados a uma sociabilidade mais grupal e os locais de pegação para os encontros sexuais ocasionais. Isso não quer dizer que tais encontros não ocorram nos bares ou o contrário, que não seja possível um encontro menos anônimo e mais afetivo nos locais de pegação, já que as interações não são determinadas pelo espaço, mas apenas condicionadas por ele. Nesse sentido, Teixeira (2018, p.244) supõe que “se um homem tivesse o desejo de ter apenas um contato sexual ocasional seria lógico que ele procurasse por espaços nos quais tais atividades se desenrolam com maior frequência, tais como as saunas gays e cinemas pornô”. Mesmo assim, contestando essa fala, um dos aspectos trazidos à tona nas experiências na sauna - lugar notadamente enquadrado no espectro da pegação - foi que havia o predomínio de interações entre grupos de amigos e que nem sempre o uso sexual era o objetivo, como demonstrado nos seguintes fragmentos:

Fragmento 9 – Relato do pesquisador

Passo pelo corredor e vejo um grupo de amigos conversando. Um deles sai de galho em galho cumprimentando os conhecidos que encontra pelo caminho. Aparentemente muitos daqui já se conhecem, como se já tivessem uma rede formada. Sinto como se estivesse em um clube às avessas.

Fonte: (DIÁRIO 5, 2023, p.89)

Fragmento 10 – Relato do pesquisador

Vejo dois caras conversando assim que chego lá [no vestiário]. Enquanto me dispo e me enrolo na toalha ouço um deles falar para o outro: às vezes é mais prático ficar em casa e bater uma punheta do que conseguir foder na sauna.

Fonte: (DIÁRIO 5, 2023, p.89)

Fragmento 11 – Relato do pesquisador

Quando ele morava no Rio, ia todas as quintas na sauna depois do trabalho, as vezes só para beber, conhecer outros caras e jogar conversa fora, o sexo nem sempre era o objetivo

Fonte: (DIÁRIO 3, 2022, p.80)

Teixeira (2018) acrescenta que apenas um dos seus entrevistados citou as vivências sexuais que ocorrem nas boates. Nesse caso, o entrevistado fez questão de ressaltar um aspecto que as distingue dos locais de “pegação” propriamente ditos, como as saunas e os cinemas. “Nas boates os encontros sexuais ocasionais ocorriam em locais específicos, geralmente nos dark rooms. Nesse caso, disponibilizam, em um mesmo estabelecimento, dois espaços nitidamente demarcados para dois tipos de interações sociais distintas”. No entanto, retomando a experiência na sauna, podemos notar que lá também existe uma divisão clara entre os ambientes, demarcando os espaços propícios ao ato sexual:

Fragmento 12 – Relato do pesquisador

Logo após a recepção tem um salão com bar, onde os caras podem sentar, trocar uma ideia, paquerar e etc. O salão também comporta um pequeno palco onde acontece eventos esporádicos [...]. Ao redor do salão se distribui as demais ambiências: a sauna, o darkroom, a tv erótica e as cabines privativas.

Fonte: (DIÁRIO 3, 2022, p.78)

Fragmento 13 – Relato do pesquisador

Tem dois caras na sala, estão sentados um do lado do outro nas cadeiras, decido ficar em um banco logo atrás deles. [...] Eles se entreolham, se levantam e em seguida vão para outro cômodo. [...] [Quando entro no darkroom] dou de cara com dois caras transando lá no fundo. Talvez sejam aqueles que encontrei na sala dos filmes gay.

Fonte: (DIÁRIO 6, 2023, p.97 e 99)

Se tomarmos as dinâmicas da sauna como base de comparação, podemos observar que existe algumas semelhanças com as baladas, afinal ambas são casas de festa noturna, onde se pode dançar, assistir a shows, beber, paquerar, transar. Mas, apesar das similaridades, apenas uma delas é considerada como um espaço para encontros sexuais ocasionais, apenas uma delas está cadastrada no mapa virtual da pegação, o que enfatiza a existência de uma distinção discursiva, cada qual envolta por uma teia de símbolos, signos, significados sociais³⁴.

Outro aspecto ressaltado por Teixeira (2018, p.244), retornando as análises de Gameiro (1998)³⁵, é que os bares e baladas são espaços gays, “pois são frequentados, sobretudo, por homens que se reconhecem como gays, pelo menos enquanto permanecessem nesses espaços”. Ou seja, “mesmo que você não seja assumido para a família, você vai no bar gay

³⁴ O que faz com que um lugar seja categorizado como um local de pegação e quais implicações desse processo de nomeação? A partir dessa inquietação, iniciou-se a produção de um esboço preliminar de investigação sobre alguns processos de constituição dos territórios da pegação enquanto um marcador espacial da diferença. Dessa forma, a [LINHA 5] foi disparada diante desse contexto, quando a pesquisa começou a avaliar as similaridades e diferenças entre os bares e baladas gays e os locais de pegação.

³⁵ GAMEIRO, Octávio José Carreira. **Do acto à identidade**: orientação sexual e estruturação social. Tese de Mestrado. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, 1998.

porque você é gay”³⁶. Podemos notar, então, que o que está em jogo nessa dinâmica é um processo de territorialização de identidades sexuais, em especial de uma identidade “gay”, o que nos leva a questionar, até que ponto os locais da pegação são espaços gays?

Fragmento 14 – Relato do Interlocutor 2

A gente pode até dizer que são majoritariamente gays porque é uma prática de sexo gay. Não há outra palavra pra descrever. Mas você vai encontrar muitos homens que são casados com outras mulheres ou que mantêm relação com outras mulheres.

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023)

Fragmento 15 – Relato do Interlocutor 2

E quando ele pegou o celular, aquela tela brilhando no 100%, era tipo o nome de uma mulher e a foto dela. Mas era a esposa dele, e ele falou, "eu tô ocupado, posso falar agora", e ai desligou.

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023, p.73)

Suponho que os locais da pegação não se enquadram na lógica de uma espacialização de identidades sexuais, porque parte dos frequentadores não se reconhecem como pessoas gays e homossexuais³⁷, inclusive performam padrões heterossexuais, um dos indícios que mostra que o contexto da pegação aponta “formas de apropriação de linguagem e experiência que não se estabelecem a partir de uma coesão compulsória entre práticas, espaços e identidades sexuais³⁸” (TEIXEIRA, 2018, p.241). Talvez essa seja uma das pistas para responder uma questão levantada no [DIÁRIO 6] sobre por que o estabelecimento exhibe filmes de pornografia heterossexual.

Fragmento 16 – Relato do Pesquisador

Acho curioso pensar que eles exibem filmes héteros num lugar de pegação entre homens. Não seria mais conveniente transmitir apenas filmes gays? Mas talvez essa seja uma estratégia que atenda a um público específico ou a sexualidade é complexa mesmo...

Fonte: (DIÁRIO 6, 2023, p.96)

³⁶ Um dos entrevistados de Teixeira (2018, p.244) levanta a seguinte questão: “Para você ir a um bar pressupõe que você tenha uma relação com a identidade diferente. Mesmo que você não seja assumido para a família, você vai no bar gay porque você é gay”.

³⁷ Segundo Teixeira (2008, p.242) os homens que frequentavam os espaços de pegação da cidade de Belo Horizonte se “classificavam e pensavam a si mesmos a partir de categorias que se alternavam e ganhavam significados variados: gays, homossexuais, normais, héteros, bissexuais, entre outras que se articulavam através de intensificações ou tensionamentos as práticas eróticas e sexuais que estabeleciam nos lugares” investigados

³⁸ Até que ponto os locais da pegação são espaços gays? Inicialmente, o enfoque inicial da pesquisa compreendia o contexto da pegação como uma dinâmica de espacialização da identidade gay. Dessa forma, inicialmente, os locais de pegação eram vistos como espaços gays. Mas no decorrer das investigações, essa questão começou a ser problematizada, tendo em vista que as experiências de campo mostraram que não existe uma coesão entre práticas, espaços e identidades sexuais no contexto da pegação. Então, as investigações sobre o processo de constituição dos territórios da pegação começou a ser conduzida a partir de questões que dizem respeito a espacialização temporal do sexo e do homoerotismo e as às articulações possíveis e desejáveis entre prazer e perigo, estigma e têsão, anonimato e exposição, público, privado e intimidade.

Diante das distinções até aqui levantadas entre os bares/baladas gays e os locais de pegação, chamo a atenção para um fato trazido à tona no diálogo com o Interlocutor 2:

Fragmento 17 – Relato do Interlocutor 2

Eu tenho amigos que fazem banheirão em balada, mas que por exemplo, em algum momento já me julgaram por ir num cinemão, por ir num dark room, e é aquela mesma relação que eu te disse.

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023)

O interlocutor relata que já foi julgado por amigos que fazem banheirão em baladas por frequentar cines eróticos e *darkrooms*. Esse tipo de discriminação não deveria haver, afinal são duas vivências espaciais de sexo casual, uma delas feita em um ambiente de bares e baladas e a outra em um local de pegação, mesmo assim podemos notar que existe uma relação assimétrica entre ambas. O fato do amigo que faz intercursos sexuais na balada julgar o que frequenta o cinemão demonstra como os “locais de pegação” são estigmatizados inclusive pelo meio homossexual adepto aos encontros sexuais ocasionais.

O sexo casual é uma prática recorrente entre homens que sentem atração sexual por outros homens, tanto através dos aplicativos de relacionamento quanto nos locais de pegação. É um tipo de relação impessoal, as vezes anônima, contrária a noção de amor romântico e de uma vida prescrita pelas convenções da família, da heterossexualidade monogâmica e da reprodução, ou seja, é uma forma *queer* que tem “o potencial de abrir novas narrativas de vida e relações alternativas com o tempo e o espaço” (HALBERSTAM, 2022).

Fragmento 18 – Relato do pesquisador

A efemeridade conduz o ritmo da pegação, os encontros são transitórios, existem apenas brevemente. Não há perspectivas de futuro, as circunstâncias criam uma ênfase no aqui e no agora.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.85)

Esse modo de se relacionar não é uma novidade para mim. Aconteceu, por exemplo, na minha primeira experiência sexual, quando eu dei o meu primeiro beijo em outro homem. Como não tive uma rede de sociabilidade LGBTQUIA+, recorri aos aplicativos de relacionamento para conhecer e paquerar outros homens. Em uma dessas andanças conheci um homem, conversamos por um tempo, marcamos um encontro na casa dele e naquela mesma semana transamos. Não mantivemos contato depois do ocorrido, nunca mais o vi e nem sequer consigo mais lembrar o nome dele. A utilização dos aplicativos de pegação, a exemplo do

*Grindr*³⁹, prosseguiu no avançar da vida adulta, então a ocorrência de encontros sexuais ocasionais se tornou algo recorrente.

A título de comparação, nos aplicativos de pegação o contato entre os parceiros acontece da seguinte forma: você acha o perfil de um possível pretendente, começa a conversar com ele, troca algumas mensagens para saber se há compatibilidade nas preferências sexuais, troca *nudes* (fotos explícitas), as vezes nem chegam a trocar informações pessoais como o nome, se o interesse for recíproco logo irão marcar um encontro para transar, seja na sua, na casa dele, no motel ou qualquer outro lugar disponível. Se analisarmos um fragmento da experiência de campo, que descreve a coreografia do ato sexual na Lan House, podemos notar algumas similaridades entre ambas:

Fragmento 19 – Relato do pesquisador

Aproximo-me de um deles. Percebo que ele me corresponde e faz um gesto para eu me aproximar. Começamos a nos beijar, entramos na cabine e começamos a transar em um daqueles cantos escuros, assim desse jeito, sem conversa, sem rodeios, direto ao ponto.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.84)

Tratam-se de duas dinâmicas que propiciam intercursos sexuais efêmeros, anônimos e fortuitos, mas também podemos elencar alguns conflitos, afinal são modalidades distintas. Por mais que seja um dispositivo *on-line* e por mais que o contato preliminar entre os parceiros aconteça de forma remota, o aplicativo converge a um eventual deslocamento na cidade, ou seja, interfere na forma como se processam as dinâmicas espaciais. Portanto, suponho que a utilização dos aplicativos de pegação também possa ser considerada como uma vivência sexual do espaço, assim como as que se processam nos locais de pegação.

Outro aspecto a ser ressaltado é que os aplicativos e as redes sociais também são utilizados para a produção de redes de conexão e partilha entre os praticantes da pegação. Por sinal, a plataforma virtual do mapa da pegação é um deles, outro exemplo é a articulação de grupos de *Whatsapp* em alguns dos locais investigados, disponíveis para acesso no perfil das redes sociais dos estabelecimentos. Segundo Teixeira (2008, p.254), as novas reconfigurações no contexto da pegação também dizem respeito,

à popularização da internet e da produção de redes de partilha de interesses através de páginas que se propunham a reunir pessoas a partir do formato que hoje chamamos de “redes sociais”. Esses elementos, novos ou potencializados, se por um lado não

³⁹ O *Grindr* é um aplicativo de relacionamento dedicado às comunidades gay, bi, trans e queer. O app usa ferramenta de geolocalização dos aparelhos para conectar usuários e fornece a opção de filtros para ajudar o usuário a encontrar potenciais parceiros para “fazer novas para fazer amizade, dar uns beijos, sair e o que mais você quiser”. Disponível em <<https://apps.apple.com/br/app/grindr-conversa-gay/id319881193>>. Acessado em 13 jun 2024.

comprometeram o encontro entre pessoas marcadas por diferentes formas de diferença social e desigualdade (cor de pele, classe, origem, nacionalidade, escolaridade, orientação religiosa e constituição de gênero, por exemplo), por outro possibilitaram a constituição de redes de associação a partir das quais os espaços foram se tornando nichos razoavelmente reconhecidos por um tipo privilegiado de frequentador, construindo assim uma complexa relação entre expectativa de heterogeneidade e constituição de coletividades circunstanciais que partilhavam determinados atributos.

Ao questionar-me sobre o porquê de preferir utilizar aplicativos em vez dos locais de pegação, uma das justificativas encontradas foi que a experiência pelo meios digitais seriam mais seguros, porque através deles consigo ver, saber, selecionar com quem se relacionar, o que as vezes não dá para acontecer nos locais da pegação, porque parte dos ambientes tem baixa luminosidade, como remete o fragmento abaixo:

Fragmento 20 – Relato do pesquisador

À medida que a visão se acostuma com a baixa luminosidade, silhuetas de corpos anônimos começam a despontar na escuridão. São corpos anônimos porque são difíceis de reconhecer, são ilegíveis.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.84)

Tendo em vista que o aplicativo usa uma ferramenta de geolocalização, a oferta de pretendentes está condicionada a localização do usuário na cidade, então é comum que os encontros sejam feitos entre pessoas de um mesmo recorte social. Assim acontece comigo, boa parte das pessoas com quem me relaciono são homens gays de classe média com ensino superior completo, que estão geograficamente situados ao meu redor. Os aplicativos, então, se estabelecem como um filtro, como uma ferramenta de controle, que torna a experiência do sexo fortuito e anônimo mais controlada e previsível, enquanto que nos locais de pegação você encontraria “gente de todo o tipo”. Por sinal, Teixeira (2008, p.245) relata que este tipo de descrição – gente de todo tipo – também foi frequente entre os seus entrevistados, o que, segundo o autor, reforça a heterogeneidade/pluralidade de corpos nesses espaços, “apesar de revelar certo preconceito de classe”.

A heterogeneidade dos espaços também é um aspecto levantado por Samuel R. Delany (1999) em *Times Square Red, Times Square Blue*⁴⁰ (apud HALBERSTAM, 2022). O autor produz uma análise sobre a destruição de subculturas sexuais durante o desenvolvimento corporativo da Times Square, em Nova Iorque. Ao tratar sobre os locais de pegação, Delany menciona que:

Os encontros entre homens nos cinemas de sexo do centro de Manhattan são uma das poucas zonas remanescentes do **contato prazeroso entre classes**, e ao arrasar esta

⁴⁰ DELANY, S. *Times square red, times square blue*. New York: New York University Press, 1999.

área, os urbanistas da nova Times Square estão implantando uma lógica de “segurança” para justificar a destruição de um intrincado sistema subcultural (*apud* HALBERSTAM, 2022, p.296, grifo nosso).

A partir de ponto, surge a questão: os locais de pegação do Centro de Aracaju possibilitam o contato entre as diferenças? Existiria uma heterogeneidade de corpos nesses locais? Qual o perfil do público que os frequenta?

Fragmento 21 – Relato de um dos internautas

Público é bem diversificado na faixa etária, geralmente ficam por volta dos 20 40 anos.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.69)

Fragmento 22 – Relato de um dos internautas

O público que frequenta lá é um pessoal mais velho, e os mais novos são GP's.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.72)

Fragmento 23 - Relato de um dos internautas

O local é Top, bem estruturado, enorme, porém alguns frequentadores não são lá grande coisa não, a maioria velho, bom é marcar com alguém.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.71)

Fragmento 24 - Relato do pesquisador

Hoje a casa está cheia, em torno de 25 a 30 pessoas, todos homens, nenhuma mulher. Predomina um público mais velho, em torno de 40 a 50 anos, mas isso não é regra.

Fonte: (DIÁRIO 3, 2022, p.78)

Fragmento 25 - Relato do Interlocutor 1

Segundo o meu guia, não encontraríamos corpos sarados e malhados por aqui.

Fonte: (DIÁRIO 3, 2022, p.78)

Antes de seguir em frente é importante ressaltar que devido a forma como as errâncias foram traçadas, como um ato de percorrer, de atravessar, de caminhar através dos espaços do Centro de Aracaju, não consegui estabelecer diálogos com os praticantes da pegação *in loco* a ponto de coletar informações como profissão, classe social ou até mesmo a orientação sexual que eles se identificam. Além disso, como foi realizada em média apenas uma visita por estabelecimento, não conseguiríamos estabelecer um padrão de repetições para formular um perfil consistente. Nesse sentido, considero que existe uma carência descritiva nos diários de bordo com relação aos recortes de raça, classe e orientação sexual.

De qualquer forma, o que podemos notar através da sequência dos fragmentos acima é que os dados trazem à tona um recorte etário atrelado a aparência dos praticantes. Podemos supor a ocorrência predominante de um público de homens adultos, sem a presença de mulheres, com faixa etária entre 40 a 50 anos. Trata-se de um público “mais velho” de acordo com a minha perspectiva, que tinha 23 anos na época da visita. Talvez o recorte etário tenha ficado mais evidente em meus relatos, porque é um público que não costumo encontrar nos

bares e baladas gay que eu frequento. Mas como foi relatado, isso não é uma regra, porque ao longo das visitas também notei a presença de homens jovens, que tinham em torno da minha idade.

Diante das questões levantadas, apesar das limitações, existe alguns indícios que nos permite supor que os locais de pegação sejam espaços da cidade que produzem o encontro com a alteridade, que possibilitariam reestabelecer a experiência do sujeito corporificado, algo que, como vimos, acaba cessando com a utilização dos aplicativos de relacionamento, porque estes tendem a fomentar o encontro entre iguais.

Assim como ocorre entre os bares/baladas gays e os locais de pegação, existe uma distinção simbólica entre os aplicativos de relacionamento e os locais de pegação. Como podemos notar no fragmento acima, a diferença não é só por serem modalidades diferentes, mas também existe uma distinção hierárquica expressa no preconceito em frequentar tais ambientes.

Fragmento 26 – Relato do Interlocutor 2

Muita gente tem muito preconceito em frequentar esses ambientes [os locais de pegação]. Então, tem o preconceito, o medo de frequentar esse ambiente, mas não tem preconceito o medo de utilizar o aplicativo e conversar com alguém que você sequer viu, que você sequer tá vendo a foto. [...] Por que não ir num ambiente como um cinema, e ir para um encontro do Grindr às duas da manhã, com o cara que você se quer em viu o rosto?

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023)

O fragmento acima produziu um abalo sobre o processo de reconhecimento do “eu” na pesquisa. Como vimos lá atrás, no estágio inicial de aproximação com o contexto da pegação do Centro de Aracaju, eu não me reconhecia como parte integrante daquelas dinâmicas, por isso comecei a trata-las como algo estrangeiro. No entanto, o diálogo ressaltou como os locais de pegação também são estigmatizados pelos que são adeptos dos aplicativos de pegação, o que fez com que começasse a me dar conta que os intercursos sexuais fortuitos não eram algo tão estranho às minhas vivências quanto eu imaginava, e a questionar se aquela hesitação em adentrar os ambientes de pegação do Centro não estaria sendo causado por puro preconceito.

Se por um lado não seria estranho ir pela noite para a casa de um desconhecido que tivesse acabado de conhecer pelo aplicativo, por outro tive que me preparar por meses para conseguir realizar as errâncias dentro dos locais de pegação, porque estava sentindo medo, pavor, repulsa pela experiência. Por que uma pessoa que já está habituada com vivências sexuais fortuitas, teria que lidar com tantos entraves para entrar nos locais de pegação e quando entrasse ainda estranharia a forma como aconteciam as relações sexuais?

O estigma do HIV/aids foi algo que me acompanhou durante a adolescência, sendo constantemente retratado em notícias, histórias, conversas, filmes, séries. Se a minha rede de

interações com grupos gays já era limitada naquela época, as notícias que mencionam as práticas homossexuais vinham associadas com a imagem da doença, da morte, então a minha relação com o sexo foi sendo moldada em torno desse estigma. Pensar em sexo era pensar em infecções sexualmente transmissíveis. Por exemplo, houve uma época que eu fazia testes de sorologia de forma compulsória a cada relação sexual, mesmo sem ter sido exposto a qualquer situação de risco, porque tinha receio de ser contaminado. Percebo que esse receio se estendeu sobre a imagem que criei dos locais de pegação, os via como locais sujos, porque, supostamente, seriam os ambientes da contaminação. Podemos notar, então, que o pânico moral em torno do HIV/aids, em certa medida, é um dos agentes que atua na produção simbólica dos territórios da pegação com um marcador espacial da diferença.

A partir desse ponto, levantam-se as seguintes questões: em que medida o pânico moral interfere nos fluxos da cidade? Quais regiões da cidade são supostamente dignas de serem frequentadas e quais delas devem ser evitadas?

Fragmento 27 – Relato do pesquisador

...cresci ouvindo falar que não existe vida à noite no Centro, como se nesses horários ali se tornasse um território sem lei, uma terra de ninguém.

Fonte: (DIÁRIO 1, 2021, p.59)

Podemos observar no fragmento acima que a aversão à experiência urbana não se restringiu ao estágio de aproximação do corpo-pesquisador com o contexto da pegação, o medo, a hesitação, o receio lhe acompanham desde da errância noturna no Centro de Aracaju. Como eu já estou familiarizado com este recorte territorial, inclusive tenho um histórico de pesquisas na região, não esperava ter essa reação. Foi só mudar o horário de investigação que aquele lugar se tornou um território estranho. Resolvi explorar essa questão escrevendo um relato prévio à experiência no diário de bordo, na tentativa de produzir um confronto entre expectativa vs. realidade. Um dos pontos trazidos à tona, e possivelmente um dos motivos que provocou essa apreensão, foi uma crença que ronda o imaginário popular que fala que “não existe vida à noite no Centro”. Esse discurso logo começou a ser problematizado.

Fragmento 28 – Relato do pesquisador

As palavras que me vem à cabeça quando penso no Centro à noite são “moradores de rua, prostitutas, tráfico de drogas, assaltos, bordel, sauna, travesti”

Fonte: (DIÁRIO 1, 2021, p.59)

É importante chamar atenção ao fato de que mesmo sem nunca ter ido ao Centro nesses horários, existia uma imagem pré-concebida das vivências que poderiam ser encontradas

lá, ou seja, corpos, práticas e vivências construídos socialmente como marcadores da diferença. De fato, a visita atestou a existência de alguns deles (e tantos outros), mas principalmente mostrou como aquela percepção era uma visão fantasiosa, era uma ameaça que existia apenas no imaginário. Revendo o discurso, evidencia-se a existência de um processo de silenciamento das vivências noturnas à medida que são disseminadas pelo senso comum como uma “não vida”.

Para adensar essa discussão, gostaria de traçar uma linha para abordar o conceito de *discurso* a partir da perspectiva foucaultiana para compreender como os processos de estigmatização citados interferem nas dinâmicas espaciais.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1996) defende a hipótese que exista um conjunto de procedimentos de controle, seleção, organização e distribuição, que têm por função conduzir a produção e disseminação dos discursos em todas as sociedades. Os mecanismos de exclusão e interdição talvez sejam os mais evidentes porque eles regulam o que pode ou não ser dito, quem tem ou não o direito de falar. As interdições que atingem o discurso revelam a sua ligação com o desejo e com o poder. Segundo o autor, “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar” (FOUCAULT, 1996, p.10). Trata-se de uma batalha narrativa travada pelo sistema de dominação das palavras. Um sistema que naturaliza determinadas formas de ver o mundo em detrimento de outras. Qual critério pondera essa separação? A vontade de verdade.

[A força da verdade] se organiza em torno de contingências históricas, que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento; que são sustentadas por todo um sistema de instituições que as impõem e reconduzem; enfim, que não se exercem sem pressão, nem sem ao menos uma parte da violência (FOUCAULT, 1996, p.14).

Além da interdição existem dois outros princípios do discurso (e talvez os mais capciosos, porque são os menos falados): a separação e a rejeição, que regulam o que a sociedade considera como verdade. Nesse contexto, a verdade não é tida como uma instância neutra detentora da essência absoluta das coisas, mas como um modo de selecionar, hierarquizar, excluir e conferir poder (MOSÉ, 2019). O que valida a separação e rejeição entre o discurso verdadeiro/aceito e o falso/rejeitado é a vontade de saber (ou melhor, a vontade de nomear, tornar pensável tudo o que existe) perpetuado pelo sistema de instituições do conhecimento técnico-científico.

A linguagem, então, é mais do que um meio de comunicação, ela influencia nossas percepções e interpretações da realidade. O modo como as coisas são nomeadas interfere como elas são percebidas, por isso as palavras configuram um tipo específico de mundo. Ou melhor, uma visão do e de mundo, algo que conduz os nossos modos de ser, viver e habitar o espaço. A questão é que essa visão se limita a um recorte singular da realidade, uma verdade que prevalece sobre as demais, uma escolha dentre uma gama de possibilidades.

Retornando aos fragmentos, podemos observar que os movimentos de aproximação com os territórios marginais do Centro de Aracaju descritos nos diários de bordo explicitam como os procedimentos de exclusão do discurso interferem nas dinâmicas espaciais. Existe aí um processo de separação que estabelece restrições enquanto aos usos da cidade: determina-se os locais que devem ou não serem frequentados e por quem. E ao impor os interditos, as práticas discursivas se constituem como máquinas geradoras de alteridades, produzindo territórios e identidades dissidentes. Quando o discurso dissemina a ideia de um território sem vida, produz-se um estigma espacial que cria um medo imaginário no cidadão, fazendo com que ele não só relegue a convivência em determinadas regiões da cidade em determinados horários, mas também deixe de conviver com determinados grupos sociais. Quando segregamos grupos sociais em lugares distintos, sem estabelecer canais de comunicação, o resultado é a violência. “O estigma produz distanciamentos (DIÁRIO 1, 2021, p.59). Diante desse distanciamento, retomando a perspectiva erótica da cidade, seria pensar que a repulsa pela experiência urbana, relacionada a negação da alteridade, fomenta a crise do sujeito corporificado ao produzir experiências espaciais esterilizadas.

...

Vimos até aqui elencando alguns aspectos que atravessaram a produção das errâncias urbanas no intuito de situar a perspectiva de leitura que estava em jogo nos estágios de aproximação do corpo-pesquisador com as vivências de campo. Podemos concluir, então, que as dinâmicas investigadas começaram a ser apreendidas pelo corpo de um pesquisador atravessado por um devir leitor-*voyeur*, que adotou a postura de um olhar estrangeiro. Trata-se de um cidadão aracajuano que tem uma certa aversão por determinadas regiões da cidade e um homem gay que faz pegação, mas que, contraditoriamente, apresenta diversos preconceitos com relação aos locais de pegação. Por um lado, tais circunstâncias trouxeram prejuízos para levantar dados e produzir diálogos com os sujeitos da pesquisa *in loco*, mas por outro, permitiu

explorar aspectos singulares da experiência ao tecer uma leitura complexa da cidade através dos choques que trouxe à tona referente a posição que ocupa.

Diante desses aspectos, é importante chamar a atenção sobre a necessidade, seja do pesquisador, seja do arquiteto e urbanista, de reconhecer os traços hegemônicos que habitam em seus corpos e em suas práticas. No caso desta pesquisa, ao mesmo tempo que articulava uma crítica sobre as tendências moralistas de normatização que silenciam as vozes contra-hegemônicas da cidade, com o tempo comecei a perceber os resquícios desses traços em minhas condutas. Mas é difícil reconhecê-los quando produzimos fontes de certeza. A esse respeito, Foucault pondera sobre a importância de sacudir as evidências e perturbar o que nos é familiar (RAGO, 2018)⁴¹. A bolha de certezas impõe cegueiras. Deixamos de questionar, de problematizar, de criticar quando temos muita certeza sobre algo. Diante dessas circunstâncias, muitos dispositivos de coerção se disseminam de forma sorrateira no automatismo das práticas de pesquisa e no exercício profissional, até mesmo por profissionais mais críticos às dinâmicas espaciais de normatização das arquiteturas e das cidades. Foi o que aconteceu quando propus nomear as vivências da pegação como algo *oculto*, uma decisão tomada através de uma imagem estereotipada de um olhar estrangeiro.

Fragmento 29 – Relato do pesquisador

Trata-se de uma cidade oculta habitada por homens que buscam relações sexuais com outros homens.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.67)

Fragmento 30 – Relato do pesquisador

...suponho que eles se escondem sob uma máscara quando os estabelecimentos disfarçam o uso a que são destinados com um nome fantasia.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.70)

Por se tratar de vivências sexuais estigmatizadas, inicialmente a pesquisa começou a tratar o contexto da pegação como algo escondido, assumindo que haveria a existência de uma “cidade oculta”. A ideia da máscara reforça a noção de um universo camuflado, que se fantasia, que pretende ser uma coisa que não é, ou seja, cai numa divisão binária entre visível/invisível, certo/errado, verdadeiro/falso. Além disso, a ideia de algo que se esconde subentende a existência de um lugar reprimido, o que acaba dissipando a pegação como espaço de potência.

⁴¹ Citação extraída de uma apresentação oral da historiadora Margareth Rago no programa de televisão Café Filosófico intitulado Foucault: a filosofia como modo de vida. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII>. Exibido em 2018 e acessado em 08 out. 2019.

Essa ideia estava tão latente que um dos títulos da dissertação foi *Entre as brechas e fissuras da vida oculta: uma cartografia das práticas homoeróticas no Centro de Aracaju*. Explico o porquê dessa escolha. “Brechas e fissuras” pensando a pegação como espaços insurgentes que rompem a imagem higienizada da cidade organizada. “Vida Oculta”, por um lado, atrelado ao processo de apagamento dos corpos dissidentes da historiografia tradicional das cidades, por outro, atrelado a natureza sigilosa e efêmera da pegação. Porém, chegou em determinado momento que já não fazia mais sentido falar sobre a pegação como uma “vida oculta” por diversos motivos. A ideia de uma cidade oculta seria trazida à tona se estivéssemos investigando qualquer outro estabelecimento comercial do Centro de Aracaju?

Durante os processos de investigação, houve uma preocupação sobre os riscos de expor informações sobre os locais investigados. Como vimos, tínhamos o receio de que a dissertação se tornasse um instrumento de delação. A pesquisa, então, começou a formular a proposta de uma “cartografia do anonimato”, que tinha como um dos objetivos falar sobre a pegação mantendo a sua discrição, assim como se processam as dinâmicas *in loco*. No entanto, com o amadurecimento da pesquisa, comecei a perceber que aquela estratégia poderia ser mais uma forma de fugir da experiência de campo. Ou seja, seria uma forma de falar de algo de uma forma distante, de uma forma oculta. Um dos pontos que nos fez reconsiderá-la foi constatar que os locais de pegação não eram tão ocultos, invisíveis e apagados do mapa quanto parecia. Notamos que todos os estabelecimentos investigados estão cadastrados no *google maps* e nas demais redes sociais, como *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*. Por sinal, as descrições disponibilizadas pelos estabelecimentos permitem supor o caráter sexual a que são destinados e parte das imagens que despontam no percurso de leitura dos diários foi coletada nas redes sociais dos estabelecimentos. Por que chamar de oculto uma vivência que se faz presente na paisagem das cidades? O espaço oculto seria uma das marcas da perspectiva do leitor-voyeur?

Fragmento 31 – Relato do pesquisador

Talvez ele só estivesse fazendo jus ao lema do estabelecimento de ser um “local discreto e sigiloso para encontros secretos”, como está descrito na bio do instagram.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.83)

Devemos considerar, no entanto, que o “oculto” faz parte do imaginário da pegação, porque está atrelado a noção do sigilo, algo que, por sinal, é utilizado como uma estratégia de divulgação em parte dos estabelecimentos, que assumem a identidade de um “local discreto e sigiloso para encontros secretos”. No entanto, é importante ressaltar o risco que poderíamos correr ao nomear a pegação como algo oculto, tendo em vista que poderia ajudar a produzir um

mecanismo de exclusão, ou seja, um instrumento discursivo, uma forma de reafirmar a condição de subalternidade desses lugares, afinal mesmo que a dissertação reivindique uma postura indisciplinar, enquanto um conhecimento científico, não deixa de assumir um lugar hegemônico e por isso é passível de cometer violências epistêmicas.

Existe uma camada a ser considerada ao se pensar a questão do oculto, uma camada que diz sobre o ar de mistério, uma imagem estereotipada de algo secreto a ser desvendado. Segundo Foucault (1996), não existe algo reprimido por debaixo dos dispositivos de coerção que deva ser trazido à tona. Em outras palavras, as dinâmicas sociais não estão cobertas por uma camada de “falsidade”, que deveria ser desvendada ou desmascarada para se produzir uma leitura crítica da realidade objetiva. Em vez disso, é necessário tornar visível, o que é visível (RAGO, 2018). O mesmo acontece ao se pensar o contexto da pegação: não se trata de algo oculto a ser desvendado, territórios da pegação são criados quando a dissertação se propõe a fazer uma cartografia dessas vivências. Em outras palavras, territórios da pegação são criados quando eles aqui são nomeados. A produção textual é um agente que produz territórios.

Para o leitor-*voyeur*, poderia parecer que a vivência da pegação se trata de algo “oculto”, mas não para o corpo praticante, ou melhor, para o (c)am(inh)ante. Este vive a experiência como algo natural, por vezes corriqueiro. Há que se problematizar esse olhar estrangeiro. Nas entrelinhas, ele atribui um véu de misticismo à vivência homoerótica, tornando o assunto em algo silente, um tabu. Portanto, o fato de nomeá-la como algo oculto preserva os resquícios de uma lógica moralista. A dúvida insiste, por que mesmo chamar de oculto uma vivência que é tão recorrente no cotidiano das cidades?

Pontas soltas: devir (c)am(inh)ante⁴²

Fragmento 32 – Relato do pesquisador

[Sobre o calçadão] A claridade do ambiente é outro fator de vigilância. Ninguém passa por aqui despercebido, a luminosidade põe em evidência qualquer movimento.

Fonte: (DIÁRIO 1, 2021, p.61)

Fragmento 33 – Relato do pesquisador

[Sobre as praças] A copa das árvores escurece os cantos da praça criando algumas zonas opacas.

Fonte: (DIÁRIO 1, 2021, p.62)

A crença popular dissemina que não existe vida à noite no Centro de Aracaju. Mas é provável que quem se predispor a percorrer as suas ruas pela encontrará um conjunto de

⁴² As pontas soltas são as tirinhas que se soltaram ou que não tiveram força de constituir uma trama.

corpos, práticas e vivências sendo performadas. Foi o que constatei quando realizei a errância noturna. Nesse percurso, percebi a existência de três ambiências distintas, cada uma com características morfológicas e dinâmicas distintas. A primeira, o calçadão, região que engloba a zona comercial, um espaço luminoso controlado pelos seguranças, com um traçado retilíneo caracterizado pela redoma de vigilância. A segunda é o complexo de praças, região que concentra a população em situação de rua, um espaço ambíguo (ao mesmo tempo permissivo e apreensivo) formado pela interseção de zonas claras e opacas, com uma malha difusa de passeios e veredas que levam a caminhos distintos. A terceira seria composta pelas ruas ao redor da praça, território habitado pelas zonas de prostituição e pelos residentes da região.

A descrição sobre a luminosidade é algo recorrente ao falar dessas ambiências noturnas, talvez porque normalmente somos levados a pensar no escuro quando o assunto é a noite, circunstância que aguça o olhar sobre a presença ou não de claridade nos ambientes. Por sinal, se tivéssemos que produzir um mapa da errância da cidade noturna, o trajeto não seria representado como um mapa tradicional, com o decalque das linhas dos bairros e das ruas, talvez seria mais apropriado desenhá-lo através de massas que pudessem representar a aura das zonas de claridade e opacidade que permeiam a região.

Tais aspectos suscitaram reflexões sobre a relação imbricada entre luminosidade, vigilância e cidade, algo que se expressa tanto na forma como o meu corpo reagia em cada ambiência, quanto na própria materialidade da cidade. Então, a claridade não está simplesmente sendo utilizada como um atributo descritivo do espaço, mas como uma forma de pensar o espaço. Tal abordagem converge em direção aos conceitos de *espaços luminosos e espaços opacos* tratados por Milton Santos. Segundo Jacques (2013, p.13):

Milton Santos chamou esses espaços indeterminados de espaços opacos, considerados como espaços abertos do aproximativo e da criatividade, em oposição aos espaços luminosos, considerados como espaços fechados da exatidão, racionalizados e racionalizadores.

Se olharmos a tessitura noturna do Centro através dessa lente, existem algumas pistas que apontam o tabuleiro do calçadão como um espaço luminoso, considerado como um espaço racionalizado tanto pelas formas retilíneas da malha reticulada quanto pelos dispositivos de vigilância. Por outro lado, as ambiências das praças e as zonas de prostituição seriam os espaços opacos do Centro, tendo em vista que criam atmosferas mais permissivas. Jacques

(2013) nos instiga a buscar a cidade nômade escondida dentro da cidade sedentária⁴³, os espaços outros que vivem nas entrelinhas da cidade contemporâneas. A partir dessas inquietações fui levado a percorrer as (entre)linhas da cidade através das zonas opacas do Centro, circunstância que teria conduzido os percursos do pesquisador em direção ao contexto da pegação.

Fragmento 34 – Relato do pesquisador

...um homem de máscara se aproxima e entra por uma porta entreaberta.

Fonte: (DIÁRIO 2, 2022, p.71)

Fragmento 35 – Relato do pesquisador

Assim que piso os meus pés na calçada me deparo com uma porta entreaberta, aberta o suficiente para convidar à entrada, mas fechada o suficiente para esconder o que tem dentro. Suponho que o espaço entreaberto seja uma zona de transição entre a perspectiva do leitor-voyeur e a do (c)am(inh)ante.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.83)

Essa ideia do lugar do entreaberto ficou ecoando em meus pensamentos. No decorrer dos percursos de investigação, ele suscitou algumas reflexões sobre a relação dos locais de pegação com os demais territórios do Centro de Aracaju. Como vimos, a cidade noturna tinha trazido a perspectiva de abordar os territórios da pegação como espaços opacos da região. A opacidade é uma propriedade óptica da matéria que não permite a passagem de luz, ou seja, é a ausência de transparência. Então, o que está em jogo são atributos espaciais detectados pelos sentidos dos olhos, isto é, está atrelado a capacidade de identificar se algo é perceptível ou não. Como vimos, o leitor-voyeur trouxe à tona esses atributos quando falava dos locais de pegação como territórios mais ou menos invisíveis da cidade, buscando identificar se eles estavam à vista ou escondidos na paisagem urbana. Em outras palavras, nas entrelinhas dessa abordagem, habitava os resquícios da *cidade oculta*. No entanto, no decorrer das errâncias, o meu corpo foi se aproximando dos espaços marginais do Centro de Aracaju. Daí em diante, passou a enxergar diferentes matizes, escalas de opacidade e jogos de luzes que vão além da divisão binária dos termos claro/opaco. O que fez a “chave virar” foi pensar o lugar do entreaberto, descrito como uma zona de transição leitor-voyeur para o (c)am(inh)ante.

⁴³ “Podemos então pensar que Nova Babilônia se esconde nas brechas, nos interstícios, nas sombras e sobras da cidade espetacular contemporânea, e que o grande jogo do caminhar de Careri, diferente do ‘grande jogo do porvir’ de Constant, que buscava a ‘exploração da técnica e sua utilização para fins lúdicos superiores’, seria um jogo do tipo detetive em busca dessas situações lúdicas já existentes nas cidades, uma busca da cidade nômade escondida dentro da cidade sedentária ou, para falar como Deleuze e Guattari, um jogo de procurar *nómos* dentro da *pólis*, um jogo de esconde-esconde, em que os jogadores caminhantes buscariam o próprio princípio do jogo na cidade e o descobririam principalmente nas diferentes apropriações e nos usos diversos desses ‘vazios plenos’ urbanos feitos pelos neobabilônios. Os jogadores desse grande jogo urbano caminhatório e exploratório descobririam então que o próprio espaço do jogo, do *homo ludens*, resiste e sobrevive em todos esses espaços de indeterminação das nossas cidades” (JACQUES, 2013, p.13).

Fragmento 36 – Relato do pesquisador

Penso que se trata de um espaço caleidoscópico dado em processos de montagem, variando a depender das combinações, dos reflexos, dos ângulos que se formam a cada momento.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.90)

Fragmento 37 – Relato do pesquisador

As peças desse jogo deslizam pelo tabuleiro sob o fecho de luzes caleidoscópicas.

Fonte: (DIÁRIO 4, 2023, p.90)

Então, começamos a perceber que talvez o ponto não seja investigar os espaços contra-hegemônicos da cidade a partir da perspectiva da visibilidade/ocultamento, até porque essa perspectiva produz uma leitura dicotômica, mas sim pensá-la como um espaço caleidoscópico, uma zona de transição entreaberta, com padrões de configuração instáveis e efêmeros, que estão em negociações com as demais dinâmicas espaciais do Centro de Aracaju.

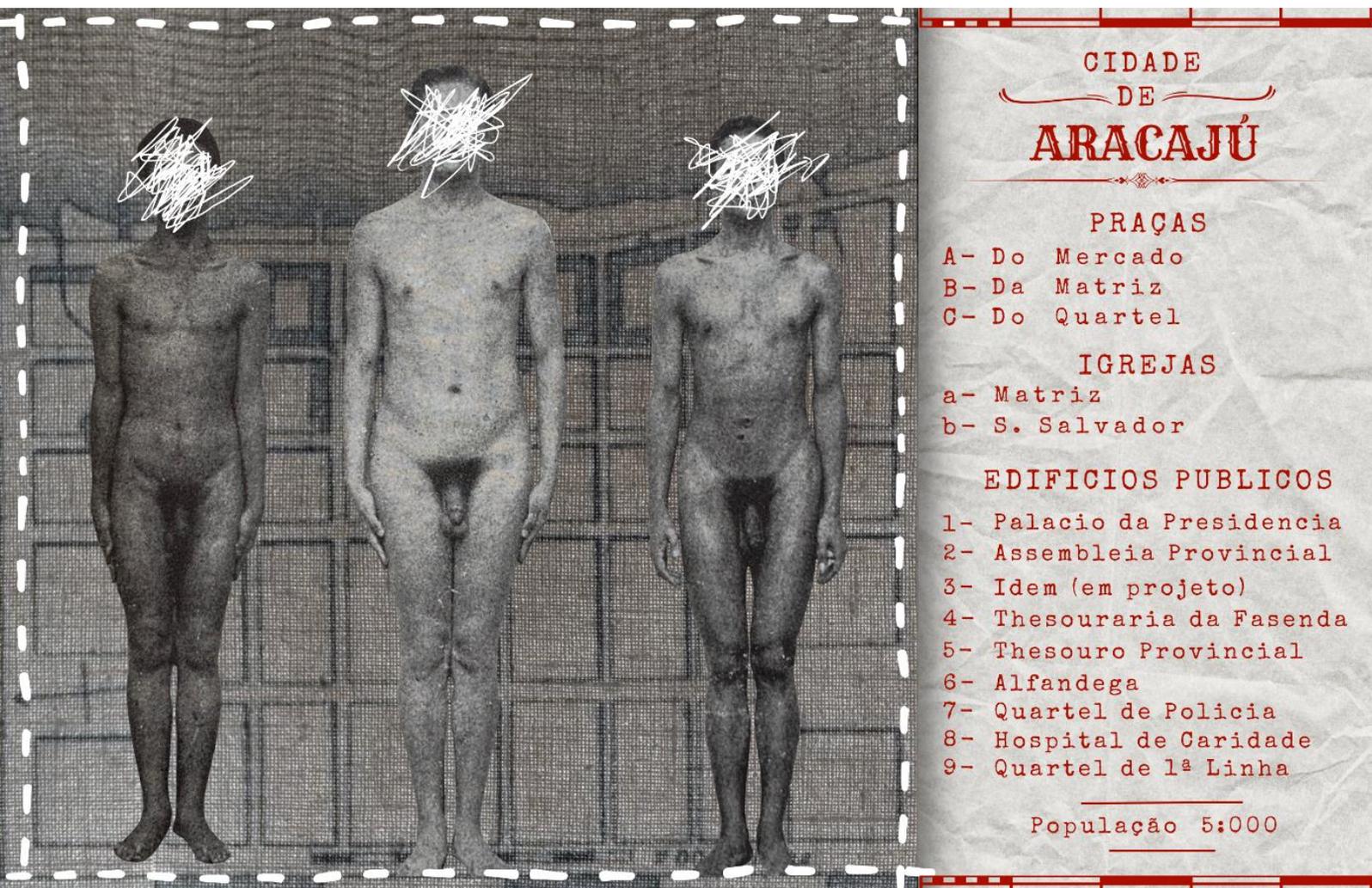
LINHA 5 IDENTIDADES, TERRITÓRIOS E PODER


Figura 49 - Projeto urbanístico de invenção do outro: a espécie homossexual. **Fonte:** colagem produzida pelo autor (2023). A colagem foi montada a partir de uma representação do plano piloto de Aracaju disponível em <<https://realidadeurbanas.blogspot.com/2012/05/capitais-projetadas-do-brasil.html>> e fragmentos de um registro dos estudos antropométricos realizado por Leonídio Ribeiro disponível em (GREEN, 2019, p. 213).

Em meados das décadas de 1920 a 1940, duas pesquisas internacionais exerceram grande influência sobre o panorama médico-legal brasileiro: a teoria do "delinquente nato" do criminologista italiano Cesare Lombroso (1836-1909) e o conceito de "interssexual" defendido pelo professor da Universidade de Madri Gregório Marañón (1887-1960). Lombroso defendia que os comportamentos degenerados, dentre eles a homossexualidade, eram o resultado de um sistema nervoso fragilizado. Em suas investigações, propunha que a "degeneração criminosa" poderia ser diagnosticada pelas características fenotípicas do corpo. Partindo desse mesmo princípio comunga as pesquisas de Marañón, que defendia que o desequilíbrio hormonal constituía um corpo "intersexual", possuidor tanto de características masculinas quanto femininas, responsável por produzir no homossexual o desejo erótico pelo mesmo sexo.

Influenciado por essas duas pesquisas, Leonídio Ribeiro (1893-1976), o então diretor do Departamento de Identificação da Polícia Federal, desenvolveu em 1932 uma série de estudos sobre o comportamento “desviante” de 195 homossexuais no Rio de Janeiro, para determinar biologicamente a razão dos “desvios patológicos” da homossexualidade (GREEN, 2019).

Para realizar o estudo, Ribeiro empregou um sistema antropométrico de classificação que media o tamanho do tronco em relação aos braços e pernas do indivíduo e propunha três grupos mais gerais – normolíneo, brevilíneo e longilíneo -, com subdivisões em cada um. Isolando as características físicas do indivíduo e comparando-as com o padrão “normal”, ele chegou a uma série de “anormalidades” entre os homens observados. [...] Para estabelecer uma maior ligação entre as características físicas observadas e os supostos desequilíbrios endócrinos em seus objetos de estudo, Ribeiro examinou também a distribuição capilar pelo corpo, púbis e cabeça, argumentando que as características sexuais secundárias constituíam um meio excelente de identificar disfunções hormonais e, assim, a homossexualidade (GREEN, 2019, p.212 e 213).

O ponto de interseção entre essas pesquisas sugere que a constituição da homossexualidade se inscreve na biologia do corpo. Por meio das dimensões corporais, procura-se a prova das marcas que produzem a sexualidade: os sinais manifestos, inscritos na pele da "degenerescência". Assim, por mais que a biologia desempenhasse um papel significativo nesses estudos, é nítido perceber como a corporalidade está sendo alvo de determinadas representações e valores morais que pretensamente justificavam a "anomalia" das sexualidades dissidentes. O lado oculto dessa abordagem é que a diferença é transformada em estigma: "o corpo estrangeiro torna-se o corpo estranho. A presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. A anatomia é seu destino"⁴⁴ (BRETON, 2007, p.73).

Fragmentos das fotos registradas por Leonídio Ribeiro compõem a colagem da figura 49. Vista de cima para baixo, podemos ver na imagem a sobreposição de dois planos: o corpo nu dos homens investigados sobre a retícula quadriculada do plano piloto de Aracaju. Quais choques podemos produzir ao aproximar esses dois fragmentos? O que eles têm a dizer sobre o processo de constituição dos territórios da pegação?

Para responder essas perguntas, proponho enxergar a imagem por outro ângulo. Agora sendo vista de baixo para cima, através do plano piloto. Como vimos, Aracaju surgiu

⁴⁴ Inicialmente, Breton utilizou esse argumento para abordar o contexto racial, porém trouxe essa ideia para discutir a questão das identidades sexuais. Segundo o sociólogo, "o processo de discriminação repousa no exercício preguiçoso da classificação: só dá atenção aos traços facilmente identificáveis (ao menos ao seu ver) e impõe uma versão reificada do corpo. **A diferença é transformada em estigma. O corpo estrangeiro torna-se o corpo estranho. A presença do Outro se resume à presença de seu corpo: ele é seu corpo. A anatomia é seu destino.** O corpo não é mais moldado pela história pessoal do ator numa dada sociedade, mas ao contrário, aos olhos do racista, são as condições de existência do homem que são os produtos inalteráveis de seu corpo" (BRETON, 2007, p.73, grifo nosso).

como uma cidade planejada. O seu processo de implantação explicita como a cidade foi alvo de certos saberes e mecanismos de poder, mediados pela intervenção do plano piloto e do código de posturas, que tinham “o intuito de organizar o seu espaço, dispor corretamente as coisas, ordenar os movimentos e, sobretudo, fazer emergir um tipo específico de sujeito” para que se alcançasse os objetivos econômicos e políticos da província (RODRIGUES, 2018, p.25). A questão é que essa ação resultou em um efeito colateral: um processo de segregação socioespacial. O exemplo de Aracaju mostra como “essas questões de saúde pública, decisões consideradas sanitárias e higienistas, aparentemente neutras, sempre estiveram diretamente ligadas a uma disputa de poderes” e a várias outras questões intrínsecas, sobretudo políticas, que estão relacionadas ao urbanismo desde a emergência do campo enquanto disciplina teórica e prática no século XIX (JACQUES, 2018, p. 163).

Sobre o surgimento do urbanismo, Jacques (2018) afirma que a disciplina se dedicou a buscar a antítese da desordem urbana em seu primeiro século de existência. O termo passou a ser usado a partir das intervenções higienistas das antigas cidades europeias, como o plano de embelezamento de Paris do Barão Haussmann em 1853, e dos planos de zoneamento das cidades modernas, como o plano piloto de Brasília de Lúcio Costa. Ainda segundo a autora,

é importante chamar atenção para esse momento em que as cidades, em particular a partir de seu adensamento rápido após a Revolução Industrial, passam a ser vistas como um problema, pois é precisamente a construção do problema que cria condições para o surgimento da nova disciplina, dita científica, para resolvê-lo: o urbanismo. A nova disciplina, que já surge moderna, busca exatamente resolver esse novo problema urbano, que era inicialmente visto como um problema de higiene ou sanitário – antes de ser visto como um problema estético, social ou militar – a ser resolvido sobretudo do ponto de vista médico-higienista ou da engenharia sanitária. A grande cidade é compreendida como uma enorme patologia (JACQUES, 2018, p.162).

O exercício de saber/poder se manifesta nesse processo de patologização e nessa vontade de controlar a natureza caótica das cidades. Porém, os procedimentos metodológicos do urbanismo repercutem até hoje esse desejo de organizar, de controlar, de fiscalizar as dinâmicas espaciais, situação que ainda parece ser pouco problematizada pelos profissionais e contextos acadêmicos (JACQUES, 2018).

Diante dessa leitura preliminar, retorno a figura 49. Podemos observar que tanto a constituição da identidade homossexual quanto a do território aracajuano ocorreram enquanto e através de relações de poder. Ambos foram atravessados pelos mecanismos de exclusão do discurso, atrelados a um processo de patologização, que culminou na produção de dissidências: o homossexual como um degenerado, no caso dos estudos de Ribeiro; e os desviantes que habitavam às margens do tabuleiro, no caso da implantação do plano piloto. Ou seja, o fio que

tece o controle político da sexualidade alinhava a trama das cidades, como Aracaju. A partir desse ponto, fazendo uma investigação aos moldes foucaultianos, proponho traçar uma linha para investigar alguns aspectos sobre o processo de constituição dos territórios da pegação enquanto um marcador da diferença das cidades contemporâneas.

L5.1 As montagens dos territórios da pegação

No exame de qualificação, a dissertação recebeu críticas sobre o caráter fechado do texto, sobre o teor teórico das [LINHAS], sobre o distanciamento dos textos com as experiências de campo. No entanto, é importante ressaltar que as nossas discussões exploram questões instigadas a partir das errâncias urbanas e das revisões bibliográficas. Iniciar as [LINHAS] com os registros da apreensão e outras experimentações, seja através elementos audiovisuais, seja através de fragmentos dos diários de bordo, foi uma estratégia que utilizamos para ancorar os textos nas experiências urbanas. Nesse sentido, antes de seguir em frente, gostaria de produzir o *desnudamento* da [LINHA 5].

Algumas linhas começaram a ser disparadas logo após a visita guiada à sauna. Uma delas me levou a pensar sobre os mecanismos discursivos de territorialização dos espaços de pegação, em espacial sobre o que faz com que um lugar seja ou não considerado um “local de pegação”. O primeiro intuito - e talvez o mais óbvio - foi considerar que o termo classificaria os lugares que propiciam os intercursos sexuais entre homens, ou seja, o nome do espaço versa sobre a função que o ambiente desempenha. No entanto, ao ponderar sobre as diferenças entre os bares/baladas gays e os espaços que são foco deste estudo, notamos alguns atravessamentos que apontavam pistas sobre a existência de um véu de moralismo e transgressão criado em torno dos territórios da pegação. Tais dinâmicas explicitam as forças que produzem discursivamente e simbolicamente a pegação como um marcador espacial da diferença.

Paralelamente, o nosso percurso investigativo estava sendo atravessado pelas discussões suscitadas em duas linhas de pesquisa. A primeira, *Identidades, territórios e poder*, vinculada ao Grupo de Pesquisa Nordesteanças, discutia as questões ligadas aos processos de identificação e (des)(re)territorialização a partir de uma abordagem teórica que incorpora a micropolítica. A segunda, *Corpos, Cidades e Territorialidades Dissidentes*, vinculada ao Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NUCUS), investigava temas que dizem respeito aos corpos nas cidades em intersecção com as questões de gênero, raça, sexualidade, meio ambiente e mobilidade. Ancorado na perspectiva teórica dessas duas linhas de pesquisa, tendo em vista aquela inquietação supracitada, começamos a desenhar a

[LINHA 5] no intuito de pensar corpo, espaço e sexualidade, compreendendo a constituição dos territórios da pegação atrelado ao controle político das identidades sexuais.

O controle político da sexualidade

O corpo é uma realidade mutante de uma sociedade para outra: as imagens que o definem e dão sentido à sua extensão invisível, os sistemas de conhecimento que procuraram elucidar-lhe a natureza, os ritos e símbolos que o colocam socialmente em cena, as proezas que pode realizar, as resistências que oferece ao mundo, são incrivelmente variados [...]. Assim, o corpo não é somente uma coleção de órgãos arranjados segundo leis da anatomia e da fisiologia. É, em primeiro lugar, uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais. Em outras palavras, o conhecimento biomédico, conhecimento oficial nas sociedades ocidentais, é uma representação do corpo, entre outras, eficaz para as práticas que sustentam (BRETON, 2007, p. 28 e 29).

Em *Sociologia do corpo*, David Le Breton (2007, p.7), discute como a corporeidade humana, longe de ser apenas um atributo biológico, se constitui, antes de mais nada, enquanto um "fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginário". O corpo não é simplesmente um organismo físico e/ou material, trata-se de um vetor capaz de inserir o ser humano no interior de um dado contexto social e cultural. A partir dele nasce e se propaga um conjunto de significados que fundamentam a existência individual e coletiva: o corpo é o espaço e o tempo da identidade. Tal compreensão sugere que a corporeidade não se restringe a dimensão individual do "eu", afinal o corpo se constitui como um veículo de comunicação entre o "eu" e os "outros". Assim, a corporeidade está situada na relação que o corpo estabelece com as demais coisas e com o ambiente que o rodeia. Consequentemente, para entendê-lo, é necessário situá-lo em sua complexa rede de relações, compreendendo tanto as práticas em que está envolto, quanto as forças de saber/poder que utiliza e o atravessa. Nesse sentido, existe uma relação imbricada entre a corporeidade e as dinâmicas espaciais, uma vez que a conformação do espaço constrói a realidade na e pela qual as identidades são produzidas e disseminadas. Em outras palavras, a arquitetura das cidades dispõe o "meio pelo qual a corporeidade é social, sexual e discursivamente produzida" (CORTÉS, 2008, p. 123).

Um dos pontos de vista sobre a corporalidade, defendido em partes da comunidade científica, mas largamente impregnado no imaginário ocidental, é que o ser humano é um "produto" do corpo. Tal abordagem sugere que as condições sociais e a subjetividade humana são determinadas pelos atributos biológicos, neurológicos e genéticos do corpo humano, porque supõe que a corporalidade seja algo subordinado à natureza. Segundo Breton (2007, p.17), "trata-se de submeter à primazia do biológico (mais ainda, de um imaginário biológico) as

diferenças sociais e culturais, de naturalizar diferenças de condição justificando-as por observações 'científicas'.

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, Foucault (2021) investiga como a "verdade do corpo", que repousa sobre o discurso biológico no contexto ocidental, constituiu-se historicamente como uma máquina geradora de alteridades no âmbito das identidades sexuais. Até o séc. XVII, os dispositivos de regulamentação do sexo estavam centrados no âmbito jurídico das relações matrimoniais, restando as práticas sexuais dissidentes serem regidas pela confusa categoria da "devassidão" ou da "sodomia", ou então serem simplesmente ignoradas. Mas foi principalmente a partir do séc. XVIII e XIX que o Estado começou a produzir uma aparelhagem técnico-científica de discursos sobre o sexo, no intuito de regulamentar uma sexualidade útil para o bom funcionamento da sociedade. O sexo, então, deixou de ser um problema da igreja para se tornar uma questão de saúde pública: um objeto de disputa entre Estado e o indivíduo. Nesse momento, a produção de saber da medicina legal posicionou a monogamia heterossexual como padrão de normalidade, baseando-se na função reprodutiva do sexo e na concepção binária do gênero. Os indivíduos que não cumprissem os requisitos seriam banidos pelas luzes do progresso e relegados ao âmbito da imoralidade e da ilegalidade. Conseqüentemente, começaram a brotar identidades dissidentes na contraluz da hegemonia heterossexual, à medida que as práticas sexuais "restantes" iam sendo nomeadas, analisadas, classificadas e catalogadas. O que "não tinha nome" passou a ter. O que "não existia" passou a existir. A nossa época, segundo Foucault, foi iniciadora de heterogeneidades sexuais.

A mecânica do poder que ardorosamente persegue todo esse despropósito só pretende suprimi-lo atribuindo-lhe uma realidade analítica, visível e permanente: encrava-o nos corpos, introduz-lo nas condutas, torna-o princípio de classificação e de inteligibilidade e o constitui em razão de ser e ordem natural da desordem. Exclusão desses milhares de sexualidades aberrantes? Não, especificação, distribuição regional de cada uma delas. Trata-se, através de sua disseminação, de semeá-las no real e de incorporá-las ao indivíduo (FOUCAULT, 2021, p.49).

Agora já não baseada na repressão e sim na produção das diferenças, a homossexualidade foi trazida à tona por um conjunto de procedimentos de interdição que excluem do imaginário social a hibridez, a complexidade e a ambigüidade que permeia as expressões do desejo sexual (FOUCAULT, 1996).

O homossexual do século XIX torna-se um personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas já

que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo, uma vez que é um segredo que se trai sempre. [...] O sodomita era um reincidente, agora o homossexual é uma espécie (FOUCAULT, 2021, p.47 e 48).

As identidades sexuais se inscrevem no corpo por um processo de aprendizagem, às vezes muito duro, no qual constrói a homossexualidade negativamente em oposição a heterossexualidade, visto que ambas se definem uma em relação (negação) a outra (CORTÉS, 2008). Entretanto, diante desse processo de divisão, a taxonomia elaborada para nomear a espécie homossexual incorporou o estigma social dos seres "biologicamente inferiores, um produto de falha genética, como sexualmente perversos, moralmente corruptos e passíveis de desviar as crianças, [e depois da disseminação da aids] como uma ameaça a civilização" (VALENTINE, 1993, p.239-240). Em outras palavras, trata-se de um processo de construção pela negação atrelada à patologização. Mas como podemos perceber, a mecânica do saber/poder não se limita a uma descrição do sexo, ela vai mais fundo, introjetando uma identidade no corpo do indivíduo, produzindo modos de subjetivação da sexualidade.

Essa tentativa de criar perfis de subjetividade estatalmente coordenados conduzem ao fenômeno que Santiago Castro-Gómez (2005, p. 90) chama como “a invenção do outro”:

Ao falar de “invenção” não nos referimos somente ao modo como um certo grupo de pessoas se representa mentalmente a outras, mas nos referimos aos dispositivos de saber/poder que servem de ponto de partida para a construção dessas representações. Mais que como o “ocultamento” de uma identidade cultural preexistente, o problema do “outro” deve ser teoricamente abordado da perspectiva do processo de produção material e simbólica no qual se viram envolvidas as sociedades ocidentais a partir do século XVI.

As taxonomias elaboradas pelo conhecimento científico tiveram um papel imprescindível no processo de invenção das identidades sexuais que até hoje integram o imaginário social da sociedade contemporânea. Como vimos, a homossexualidade⁴⁵ foi uma delas, quando as práticas sexuais não reprodutivas deixaram o âmbito da "perversão", foram institucionalizadas, para então serem criminalizadas e/ou patologizadas como desvios do sexo natural. Inclusive, ela só foi retirada da Classificação Internacional de Doenças (CID) pela Organização Mundial da Saúde (OMS) em maio de 1990. Entretanto, a homossexualidade ainda é criminalizada em mais de setenta países, com pena de morte em onze deles (ROSAS, 2023).

⁴⁵ Segundo Foucault (2021, p.48), a invenção da homossexualidade tem data registrada. O autor sugere que a criação dessa categoria ocorreu no famoso artigo de Westphal em 1870 sobre as “sensações sexuais contrárias”.

É curioso pensar como essa política de invenção da homossexualidade atrelada a invenção do outro integram o imaginário de uma parte considerável dos homens gays e mulheres lésbicas, que acreditam nascer com uma "essência gay" responsável por torná-los homossexuais (VALENTINE, 1993). Em termos foucaultianos, conduzindo a formação do corpo dócil da *sociedade disciplinar* (FOUCAULT, 2009). Ou seja, eles acabam reafirmando o pressuposto que "justifica" a sua condição de inferioridade, que a sexualidade é um atributo biológico. O problema dessa concepção essencialista é que ela restringe a sexualidade dentro de uma categoria imutável, impossibilitando vislumbrar perspectivas de transformação, além de despolitizar a homossexualidade enquanto uma identidade sexual capaz de ameaçar a hegemonia da heterossexualidade patriarcal.

Em partes, isso acontece porque existe uma tendência no senso comum em conceber uma coesão compulsória entre gênero, sexualidade e o desejo erótico. Entretanto, a crítica pós-estruturalista aponta que não existe uma linearidade entre esses elementos, porque tanto as identidades de gênero quanto as sexuais são práticas discursivas organizadas por contingências históricas, e não por circunstâncias biológicas derivadas do acaso, já que estão sendo continuamente reconfiguradas à medida que o corpo se apropria e performa as expressões de gênero e de sexo na vida concreta (BUTLER, 2022). Em outras palavras, a mutabilidade inerente às vivências sexuais sugere que a sexualidade está ligada a processos históricos e políticos e, portanto, não é apenas definida pelo ato sexual, mas também é pelo discurso de poder.

As palavras que permeiam o léxico das identidades sexuais - como "heterossexual", "homossexual", "bissexual" e tantas outras convenções - não apenas nomeiam algo, na verdade elas produzem as coisas⁴⁶. Ora, como é possível afirmar a "essência" de algo que não apenas é modificável, mas que está em perpétuo deslocamento? Recorro àquela clássica frase de Simone de Beauvoir (1967, p.9 apud SILVA, 2009, p.35) "ninguém nasce mulher: torna-se mulher"⁴⁷.

⁴⁶ "O discurso não é uma estreita superfície de contato, ou de confronto, entre uma realidade e uma língua, o intrincamento entre um léxico e uma experiência; gostaria de mostrar, por meio de exemplos precisos, que, analisando os próprios discursos, vemos se desfazerem os laços aparentemente tão fortes entre as palavras e as coisas, e destacar-se um conjunto de regras, próprias da prática discursiva. [...] não mais tratar os discursos como conjunto de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse *mais* que os torna irredutíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever" (FOUCAULT, 1986, p.56).

⁴⁷ "Ninguém nasce mulher: torna-se mulher. Nenhum destino biológico, psíquico, econômico define a forma que a fêmea humana assume no seio da sociedade; é o conjunto da civilização que elabora esse produto intermediário entre o macho e o castrado que qualificam de feminino. Somente a mediação de outrem pode constituir um indivíduo como um outro. Enquanto existe para si, a criança não pode apreender-se como sexualmente diferenciada. Entre meninas e meninos, o corpo é, primeiramente, a irradiação de uma subjetividade, o instrumento que efetua a compreensão do mundo: é através dos olhos, das mãos e não das partes sexuais que apreendem o universo. [...]"

Aplico o mesmo para a tal concepção da "essência gay": ninguém nasce homossexual: torna-se homossexual. A "essência gay" explicita como o controle político da sexualidade constrói um dispositivo de organização difuso e horizontalizado que inscreve as marcas da obediência e da disciplina no corpo, sem que a pessoa tenha plena consciência disso. Nas entrelinhas, esse dispositivo age de uma forma sorrateira favorecendo o controle do espaço e do tempo mediante a submissão do corpo a uma série de normas definidas e legitimadas pelo conhecimento científico (BRETON, 2007).

Como esse processo tangencia a dimensão espaço/temporal, também devemos compreender o controle político da sexualidade em relação a conformação das dinâmicas espaciais, já que corpo, espaço e sexualidade estabelecem uma complexa interdependência. Tendo em vista que dentro da estrutura ideológica da cultura ocidental, patriarcal e masculina, a monogamia heterossexual foi estruturada como sexualidade normativa, os arranjos espaciais acabam incorporando em sua distribuição, utilização, transferência e simbolização, os traços dessa convenção (CORTÉS, 2008).

Em *Negotiating and managing multiple sexual identities: lesbian time-space strategies*, a geógrafa Gill Valentine (1993) discute as coimplicações espaciais de um processo de ocultamento de identidades homossexuais devido a construção negativa do outro atribuída aos dissidentes da heteronormatividade⁴⁸. Segundo a autora, esse grupo opta muitas vezes, seja deliberada ou inconscientemente, por não expressar claramente a sua identidade sexual em determinados locais e/ou em determinadas épocas da vida para evitar a hostilidade e a discriminação, estabelecendo estratégias de sobrevivência. Por exemplo, em diferentes lugares - desde a escola, o trabalho, o banco, a academia- os homens gays e mulheres lésbicas são forçados a decidir se devem se “assumir” ou não, por isso parte deles projetam uma identidade "heterossexual" por meio da maneira como se apresentam fisicamente aos outros, sem admitir publicamente a sua homossexualidade. Trata-se de um processo de negociação espaço/temporal sobre o gerenciamento de múltiplas identidades sexuais que os conduzem a escolha de locais distantes do convívio social, da família e do trabalho, para expressar gestos de afeto, como andar pelas ruas de mãos dadas, ou então para explorar aspectos do desejo sexual. É justamente uma dessas estratégias que converge em direção as vivências sexuais da pegação.

Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada (BEAUVOIR, 1967, p. 9-10).

⁴⁸ Apesar do estudo de Valentine (1993, p.238) se concentrar na vivência de mulheres lésbicas, a autora afirma que esta análise também pode ser aplicada para estudar outros grupos marginalizados, incluindo os homens gays.

A invenção dos territórios da pegação

O estigma atribuído a homossexualidade incentivou a invenção dos territórios da pegação, que servem como uma alternativa às supostas esferas tradicionais da vida social. Uma “contra-casa” onde os homens poderiam interagir e explorar a livre expressão do desejo sexual, longe do olhar punitivo da sociedade heteronormativa (GREEN, 2019). São vivências espaciais que desafiam a hegemonia dos usos heteronormativos da cidade, como afirma Cortés (2008). Ainda segundo o autor,

as diferentes práticas de caráter sexual realizadas por homens homossexuais em espaços públicos muito distintos conseguiram fugir ao controle de uma masculinidade normativa que, ao impor suas opções como as únicas válidas, rejeita outras formas possíveis de se relacionar sexual e espacialmente. O uso que a comunidade gay deu (e ainda dá) a determinados espaços públicos desafia a heteronormatividade que governa o uso das cidades, uma vez que possui um certo caráter transgressor ao ignorar as normas sociais. Os gays já não as respeitam nem as utilizam, mas as substituem por códigos específicos centrados no prazer corporal (CORTÉS, 2008, p.170).

Outro aspecto transgressor da pegação diz respeito aos limites da clássica divisão binária entre público/privado. Existe um mecanismo discursivo no contexto das sociedades ocidentais que separam as manifestações de cunho sexual do âmbito público/coletivo. Trata-se de um acordo coletivo legitimado por toda a sociedade, seja através das regras sociais de conduta, seja através dos códigos penais, que define que o ato sexual deve se esconder do olhar público/coletivo e ser direcionado aos limites do espaço privado. Por exemplo, a legislação brasileira prevê uma pena de detenção de três meses a um ano ou multa para os *atos obscenos* praticados em lugares públicos, ou abertos ou expostos ao público, que são capazes de ofender o pudor médio da sociedade, com o objetivo de proteger a moralidade pública (Artigo 233, código penal). Diante dessa concepção privada das relações sexuais, as vivências da pegação subvertem o uso privado (sexual) de diversos espaços públicos/coletivos, permitindo levantar discussões "sobre a metafísica da tradicional e falaciosa oposição de aspectos, como exterior/interior, público/privado, órgão/função" que estão tão naturalizados no campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, sobretudo em seu exercício prático, mas também no seu ensino universitário (CORTÉS, 2008, p.160).

Mas essa separação nem sempre esteve em jogo na história das cidades. Em *Carne e pedra*, Richard Sennet (2003) investiga a forma como os atenienses experimentavam a nudez e o erotismo, e as suas relações com a arquitetura da cidade.

Para o antigo habitante de Atenas, o ato de exhibir-se confirmava a sua dignidade de cidadão. A democracia ateniense dava à liberdade de pensamento a mesma ênfase atribuída à nudez. O desnudamento coletivo a que se impunham – algo que hoje poderíamos chamar de “compromisso másculo”- reforçava os laços de cidadania. [...] A nudez simbolizava um povo inteiramente à vontade na sua cidade, expostos e felizes, ao contrário dos bárbaros, que vagavam sem objetivo e sem proteção das pedras. Péricles celebrava uma Atenas em que reinava a harmonia entre carne e pedra (SENNET, 2003, p.30 e 31).

Naquele contexto, diferentes aspectos da sexualidade eram exercidos nos espaços públicos/coletivos da cidade. Os atenienses acreditavam que o sexo das pessoas era constituído pelo calor corporal. Fetos bem aquecidos no útero se tornariam machos, em contrapartida a carne das fêmeas que seriam mais suscetíveis ao esfriamento. Nesse sentido, era comum que os jovens atenienses exercessem atividades para aumentar o calor através da fricção entre os corpos, como uma forma de tornar o corpo másculo, o que justifica a ocorrência das vivências de cunho homoerótico. O contato inicial era estabelecido no ginásio, mas depois os parceiros partiam para encontros em outros cantos da cidade.

A relação erótica uniria dois jovens, um deles pouco mais velho que o outro, ou um rapaz e um adulto, que tivessem se conhecido nos torneios e jogos. Era o macho mais velho – erastes – que conquistava o mais jovem – eromenas; [...] O espaço público do ginásio não comportava cenas de sexo. Após os primeiros contatos, despertado o interesse entre os parceiros, os dois machos retiravam-se para os jardins, ou marcavam encontros noturnos, na cidade (SENNET, 2003, p.43).

Apesar das circunstâncias serem similares, não poderíamos pensar nas práticas atenienses como vivências de pegação, até porque as palavras “pegação” e “homossexual” nem existiam naquele contexto, tampouco a sua caracterização como algo dissidente. Desde então, podemos observar que as sociedades passaram por transformações ao longo do tempo até chegar em um tipo de configuração que tornou suscetível a invenção dos territórios da pegação, dentre elas, como tratado antes, a estigmatização das identidades sexuais.

Então, a partir das análises de Sennet, podemos fazer uma comparação entre contextos sociais distintos – a sociedade clássica e a contemporânea – e perceber que a invenção dos territórios da pegação é um processo de *montagem*⁴⁹ que se organiza em torno de

⁴⁹ “A imagem do turbilhão é familiar ao leitor de Walter Benjamin. No mesmo ano de 1928, no qual ele publicou seu grande romance teórico sobre a modernidade – falo de *Rua de mão única*, evidentemente –, Benjamin tornava pública sua exposição filosófica sobre a origem (Ursprung) que é o “prefácio epistemo-crítico” a seu grande livro sobre o drama barroco alemão. Ele ali falava, justamente, do “estilo filosófico” em história como de uma “arte do descontínuo, em oposição à cadeia das deduções”, geralmente solicitada pelos historiadores como parapeito contra a essencial sobredeterminação do devir. Ele reivindicava ali um uso da ideia como configuração e não como conceito, lei ou tese unívocas: “As ideias são para as coisas o que as constelações são para os planetas”. Isso quer

contingências históricas, que não são apenas modificáveis, mas estão em perpétuo deslocamento. As palavras não só representam as ideias, na verdade elas produzem as coisas, que passam a assumir um lugar afirmado em uma dada montagem socioespacial (DIDI-HUBERMAN, 2007). Então, os territórios da pegação não são apenas construções materiais, são também a espacialização de práticas discursivas.

Diante dessa perspectiva, surge a seguinte questão: se o interdito é definido pelos mecanismos de separação do discurso e a transgressão é um movimento de reação ao interdito, até que ponto a pegação é algo “fora da norma”?

Ao tratar sobre a interdependência entre transgressão e interdito, Bataille (2021, p.89) afirma que,

a transgressão organizada forma com o interdito um conjunto que define a vida social. A frequência – e a regularidade – das transgressões não abala a firmeza intangível do interdito, de que é sempre o complemento esperado – como um movimento de diástole completa um de sístole, ou como uma explosão é provocada por uma compressão que a precede. [...] Muitas vezes a transgressão do interdito não está ela própria menos sujeita a regras do que o interdito. Não se trata de liberdade: *em tal momento e até este ponto, isso é possível* – esse é o sentido da transgressão.

Se pensarmos no interdito como o desenho de um círculo, a transgressão seria a ação de traçar uma linha para tentar extrapolar as bordas do círculo. A questão é que essas bordas poderiam ser redesenhadas a qualquer momento, mais para fora ou mais para dentro, redefinindo, assim, o tamanho, a direção e a intensidade da linha de transgressão. Nesse sentido, podemos aferir que o caráter transgressor da pegação é um vetor instável e variável a depender da forma como as constelações de interditos estão dispostos em cada contexto social.

A transgressão da pegação normalmente nos remete a algo “fora da norma”. No entanto, pelo contrário, suponho que essas dinâmicas funcionam dentro da lógica da norma, afinal a linguagem constitui os sujeitos também pela exclusão (BUTLER, 2022). Além disso, como vimos, o poder é antes um produtor de alteridades do que um repressor. Então, considero que os territórios da pegação são montagens de uma sociedade moderna/contemporânea heteronormativa, são marcadores espaciais da diferença que são organizados, dentre outros aspectos, em torno do estigma criado pela patologização da homossexualidade. Se não houvesse os interditos do estigma homossexual, talvez os territórios da pegação não existissem (como não existiram na Grécia antiga), ou pelo menos não nos moldes como hoje os conhecemos.

dizer o seguinte: “elas não são nem seu conceito, nem sua lei”. Consequentemente, elas só adquirem sentido por suas posições respectivas, uma forma de dizer que elas não decorrem nem da universalidade, nem da razão classificatória, mas justamente de seu lugar afirmado em uma dada montagem” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p.2).

A princípio, podemos elencar aquelas três ações de transgressão como as marcas do processo de territorialização das vivências da pegação enquanto marcadores espaciais dissidentes das cidades contemporâneas: a primeira com relação ao ato de transgredir as regras de conduta e os usos hegemônicos da sociedade heteronormativa, a segunda com relação ao ato de transgredir a metafísica referencial dos espaços, desafiando a expectativa de estabilidade dos sentidos e funções dos ambientes (BONFANTE; HELENE, 2022), e a terceira com relação a infração penal e ao ato de transgredir o uso público/privado do sexo.

No entanto, é importante ressaltar que essas concepções suscitam alguns questionamentos, afinal a ideia de *transgressão* é um vetor que varia entre as tipologias espaciais da pegação. Como vimos, Teixeira (2018) sugere que elas estão subdivididas em três grupos: os espaços públicos (parques, praças, praias, banheiros públicos), os espaços semipúblicos de consumo não compulsório (banheiros de shopping centers, supermercados e lojas de departamento), e os espaços semipúblicos de consumo compulsório (saunas gays, cinemas pornô, lan houses). Por mais arborescente que esta divisão seja, ela possibilita explicitar os diferentes processos de apropriação e as camadas de temporalidades que estão em jogo em cada uma delas.

Se pensarmos o caso dos banheiros públicos, por exemplo, o intercuro sexual subverte a função que o ambiente deveria desempenhar, ou seja, a princípio, o de servir à higiene pessoal. Além disso, redireciona o uso privado (sexual) do espaço público ao promover intercursos sexuais, as vezes entre múltiplos parceiros simultaneamente, em lugares que são abertos ao público. Assim, um mesmo recorte territorial pode abrigar diferentes processos de apropriação que se alternam ao longo do dia.

Conseguimos observar as noções de *transgressão* de uma forma mais nítida nos espaços públicos, talvez porque eles são prescritos como infrações pelos códigos penais, mas até que ponto essas circunstâncias se aplicam aos espaços semipúblicos de consumo compulsório, como a sauna, a lan house e o cine erótico que investigamos, tendo em vista que são espaços “feitos” para acomodar esses usos? Até que ponto as vivências da pegação nos estabelecimentos comerciais se constituem como atos de transgressão aos usos do espaço e a relação público/privado do sexo?

Se pensarmos o caso dos locais que investigamos, apesar de eles fomentarem intercursos sexuais e manifestações de cunho sexual, tais como desnudar-se, masturbar-se ou ejacular em espaços que são “abertos ao público”, essas dinâmicas não são prescritas como crimes de *ato obsceno*, porque elas ocorrem com o consentimento dos envolvidos em estabelecimentos que são privados, afinal o acesso é mediado pelo pagamento de uma tarifa.

Então, estas dinâmicas não impõem uma transgressão penal à relação público/privado do sexo, a não ser para as regras de conduta da sociedade conservadora, que continua as enxergando como um verdadeiro crime. Além disso, apesar de elas não transgredirem a função “prévia” do ambiente, como ocorreria no caso dos banheiros públicos, tais dinâmicas também formam tramas espaciais heteróclitas porque ofertam uma pluralidade de usos em um só estabelecimento. Por exemplo, no estabelecimento da sauna constatamos a existência de quatro ambiências distintas da pegação: a sauna, a sala do cine erótico, as cabines privativas e o *darkroom*, cada qual com as suas respectivas coreografias sexuais.

Os aspectos supracitados são apenas alguns indícios sobre as múltiplas distinções entre as tipologias da pegação – considerando, inclusive, a existência de diferenças entre as modalidades de uma mesma categoria, como por exemplo entre os banheiros públicos e os parques municipais, e entre as saunas gays e os cine eróticos –, que explicitam a multiplicidade, a heterogeneidade, os conflitos e contradições inerentes aos territórios da pegação.

Diante dessas distinções, acho interessante resgatar dois conceitos – os *espaços lisos* e *estriados* - concebidos por Deleuze e Guattari sobre os processos de (des)(re)territorialização dos espaços. Segundo os autores, os *espaços lisos* são os espaços amorfos, informais, difusos, nômades, heterogêneos, máquinas de guerra enquanto que os *espaços estriados* são os espaços definidos, formais, racionalizados, sedentários, homogêneos, instituídos pelo aparelho de Estado. No entanto, é importante ressaltar que não existe uma oposição simples entre os termos, visto que existem passagens de um a outro, “que fazem com que ora se passe do liso ao estriado, ora do estriado ao liso”, e que ambos “só existem de fato graças às misturas entre si” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p.192).

O que talvez ocorra entre as tipologias da pegação sejam processos imbricados de *alisamento* e *estriamento*. Se por acaso a pegação no banheiro público for denunciada e a vigilância aumentar, é provável que a recorrência dos intercursos sexuais mitigue com o tempo, fazendo com que se desloquem para outros locais públicos. Nesse sentido, são ocorrências sexuais transitórias e nômades, isto é, são espaços de pegação mais *alisados*, que são mais suscetíveis aos movimentos de desterritorialização. O mesmo não aconteceria nos estabelecimentos investigados, visto que são pontos que ofertam a pegação como um serviço contínuo, então as vivências aqui são mais estáveis e sedentárias, isto é, são espaços de pegação mais *estriados*, que são mais suscetíveis aos movimentos de territorialização.

Apesar do vetor de transgressão variar entre os processos de (des)(re)territorialização das tipologias da pegação, se traçássemos uma linha de interseção entre os *planos de consistência*, poderíamos observar que são dinâmicas que reiteram como o

“espaço não tem um caráter natural, neutro ou permanente, da mesma forma que não possui um significado inerente ou um estatuto intrínseco como espaço privado ou público” (CORTES, 2008, p.161). Logo, “os espaços não são formações estáticas, mas o resultado de um processo cultural que vai mudando, se reconfigurando de acordo com as necessidades específicas dos usuários” (CORTÉS, 2018, p.161). Além disso, reiteram a potência da pegação como vivências temporais *queer*/estranhas do espaço, capazes de subverter as esferas espaciais tradicionais da sociedade heteronormativa (HALBERSTAM, 2022).

As coreografias sexuais e os entornos eróticos da pegação

Como vimos, o corpo é um vetor semântico, ao mesmo tempo emissor e receptor, que produz sentidos em processos de apropriação do território (BRETON, 2007). Sendo assim, o corpo cria e produz o espaço social à medida que é produzido por ele (CORTÉS, 2008). No entanto, é importante ressaltar que não se trata de uma simples oposição de causa e efeito, como se a dimensão corporal e as configurações espaciais fossem polos distintos que integram uma produção seriada, onde a ação de um recai sobre a outro e vice versa, numa ordem sequencial e não simultânea. O problema desse viés é que poderíamos correr o risco de tentar achar um possível ponto de origem e continuar estabelecendo oposições dicotômicas, quando na verdade o intuito é estabelecer que as relações sociais e os objetos espaciais coexistem de forma imbricada. Em outras palavras, os arranjos espaciais constituem a corporalidade humana da mesma forma que o lugar se realiza no e pelo corpo, como menciona Milton Santos (1990) em *A natureza do espaço*, ao tratar o conceito de *espaço* como

um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como o quadro único no qual a história se dá”. O sistema de ações define o conjunto de atividades realizadas pelo ser humano na vida cotidiana, já o sistema de objetos refere-se, ao mesmo tempo, aos produtos e os meios que auxiliam a produção dessas ações. Assim, o espaço aqui é tido como uma instância social, tal como a cultura, economia e política, de caráter abstrato, que resulta da interação estabelecida entre o sistema de ações e o sistema de objetos (SANTOS, 1990, p. 51).

Através de diferentes formas, tipologias e modalidades, os espaços da pegação são produzidos à medida que os corpos se apropriam dos territórios no ato sexual. Em outras palavras, o que está em jogo nessas dinâmicas não se restringe aos atributos físicos/materiais do espaço construído, afinal o lugar se realiza a partir da relação entre corpo e espaço. Apesar dos intercursos sexuais recorrerem em determinados pontos, em partes condicionados às

características morfológicas desses ambientes, suponho que as vivências da pegação não são usos fixos do espaço, mas sim coreografias espaciais.

Uma coreografia pode ser vista como um projeto de movimentação corporal, ou seja, um projeto para o corpo (ou conjunto de corpos) realizar, o que implica, como no projeto urbano, em desenho (ou notação), composição (ou roteiro) etc. No momento da realização de uma coreografia, da mesma forma como ocorre com a apropriação do espaço urbano que difere do que foi projetado, os corpos dos bailarinos também atualizam o projeto, ou seja, realizam o que poderíamos chamar de uma cartografia da coreografia, ao executarem a dança (JACQUES, 2008, s.p).

Cortés (2008) e Teixeira (2018) tangenciam essa questão ao afirmar que os habitantes da pegação utilizam uma coreografia de contato sexual - ou seja, um conjunto de sinais, gestos e comportamentos transmitidos pelo corpo - que lhes permite identificar e se comunicar com potenciais parceiros (os "intendidos"), sem que o restante da sociedade (os "não entendidos") percebam isso.

Quando um homem se dirigia a um território homoerótico a fim de encontrar outro deveria, minimamente, saber reconhecer, entre aqueles que estavam no mesmo espaço, quais estariam interessados em manter um contato sexual e/ou afetivo imediato com ele. Assim como ele próprio deveria ser capaz de expressar o seu desejo caso encontrasse um parceiro que considerasse atraente e disponível." (TEIXEIRA, 2018, p.250).

Quais coreografias espaciais podemos destacar dos diários de bordo? O que os gestos do corpo têm a dizer sobre os espaços que investigamos?

Podemos notar que os atributos espaciais trazidos à tona no decorrer das experiências de apreensão foram se transformando à medida que o corpo-pesquisador se aproximava dos locais de pegação, mas desde da largada estiveram atreladas às sensações e sentidos do corpo. Nesse contexto, é importante ressaltar a mudança de perspectiva que ocorreu a partir do momento que as andanças de fato adentraram as portas dos locais de pegação, porque passou a enxergar e descrever determinados padrões acerca dos rituais de flerte e sedução que acontecem entre os parceiros. Um deles foi mencionado pelo Interlocutor 2 acerca de uma experiência na Lan House, descrita no seguinte fragmento:

Fragmento 38 – Relato do Interlocutor 2

Trabalhar com gestos, por exemplo, olhar fixamente para a pessoa, isso já dá indicio que você está afim... Muita gente... Tipo, os caras pegam no pau para demonstrar que estão excitados.."

Fonte: (ABA DE DIÁLOGO, 2023)

Em especial, os diários da sauna articulam a descrição das ambiências do estabelecimento – *salão de festas*, *a sala da sauna*, *as cabines privativas*, *o cine erótico* e *o darkroom* - em torno das coreografias corporais, que variam de ambiente para ambiente. No entanto, é importante ressaltar a existência de interseções entre os pontos investigados, tendo em vista que essas ambiências não se restringem a sauna, até porque também ocorrem nos demais estabelecimentos. O cinemão tem salas de cine erótico, cabines privativas com *glory-hole* e *darkroom*, já a Lan House dispõe as cabines e, em certa medida, por conta da falta de iluminação, também funciona como *darkroom*. Tais circunstâncias permitiram traçar padrões de repetições entre as ambiências recorrentes.

Sob o jogo de luzes do globo de discoteca, acontecem os jogos de flerte do **salão de festas**, “lugar propício ao encontro, a paquera, a sedução”, onde predomina a troca de olhares. Mas essa lógica não se adequa, por exemplo, ao *darkroom* ou as **cabines** da Lan House porque nestes dois os parceiros não conseguem se enxergar com nitidez, o espaço não dá margem à conversas, os corpos estão em silêncio, por isso os intercursos sexuais são mais “diretos ao ponto” e a interação entre os parceiros se torna uma experiência mais tátil do que visual, assim como os da **sauna**, que tem uma iluminação embaçada por conta do vapor. As **cabines** são convertidas em quartos improvisados onde é possível encontrar um pouco de privacidade para o ato sexual, em partes o acordo entre os parceiros é feito previamente em outras salas ou então os homens ficam esperando por potenciais parceiros ao longo do corredor ou dentro das cabines. Já nas **salas do cine erótico**, os filmes pornográficos agem como um agente que instiga as manifestações de cunho sexual entre os parceiros.

Assim, podemos observar que as coreografias sexuais supracitadas também são marcadores dos processos de territorialização das dinâmicas da pegação. São constelações de movimentos corporais que ganham posição, são articulados e afirmados em torno de padrões de montagem do espaço construído. Ao passo que essas coreografias são performadas, abrem-se fendas espaciais, vórtices nas tramas alinhadas das cidades, que infringem as leis penais (tendo em vista a pegação nos espaços públicos), violam os padrões de conduta da sociedade heteronormativa e embaçam os sentidos das esferas espaciais mais tradicionais das cidades.

Apesar de frisar o aspecto espacial, é importante ressaltar o marcador temporal dessas dinâmicas. Ou seja, é necessário trata-las como vivências espaço-temporais da sexualidade das cidades contemporâneas. Nesse sentido, por um lado, considero que o termo “locais de pegação” ainda remete a algo essencial, fixo e imutável, por outro lado, o termo “territórios da pegação” têm algumas limitações para abarcar as temporalidades que estão em jogo nessas vivências. Então, a alternativa seria trata-las como *entornos eróticos da pegação*.

A noção do *entorno erótico* foi mencionada no texto de Cortés (2008)⁵⁰ de uma forma descritiva, mas a nossa intenção aqui é ressaltar a potência desse termo para tratar a pegação e possivelmente desdobrar um instrumento conceitual para pensar as apropriações e temporalidades das dinâmicas do espaço habitado como os *entornos espaço-temporais*, atrelado às coreografias espaciais embaçadas, às vivências cotidianas, às práticas comuns e banais. Quais os demais *entornos espaço-temporais* estão em curso nas cidades contemporâneas?

Se olharmos agora o mapa virtual da pegação no recorte do Centro de Aracaju, lembrando que antes enxergávamos apenas a existência de sete pontos, quatro espaços de consumo não compulsório (sauna, lan house e cine erótico) e três banheiros públicos, vamos passar a notar a existência de pontos de maior e menor estabilidade na trama da região, assim como aquele experimento de montagem que traçou a linha de entrada para a [LINHA 4]: os estabelecimentos investigados seriam os pontos com as coreografias sexuais mais estáveis e *estriadas* da região, já os banheiros seriam os pontos mais instáveis e *alisados* da trama. O que me leva a pensar: a trama de papel é um mapa alternativo dos pontos de pegação do Centro de Aracaju?

Estamos chegando ao fim do percurso da [LINHA 5], ao tratar sobre alguns aspectos dos processos de (des)(re)territorialização dos *entornos eróticos da pegação*, o intuito não era tentar apontar a origem da pegação, mas sim ressaltar o caráter de montagem da ideia, da coisa. Como vimos, eles não se restringem à produção material do espaço, porque também são construções discursivas. Nesse sentido, o objetivo era desprender a palavra “pegação” da coisa para desestabilizar o caráter essencial que ainda possa restar, além de explicitar que a pegação não é algo “fora da norma” porque são entornos espaços/temporais que se constituem enquanto e através relações de poder.

O processo de constituição dos entornos eróticos da pegação, enquanto marcadores espaço/temporais da diferença, atualiza no *real* a *virtualidade* de um dispositivo de controle político da corporeidade que esteve imbricado tanto no discurso biologizante das taxonomias sexuais, ao mesmo tempo que ambos os contextos foram montados a partir de uma estrutura arborescente que favorece a proliferação discursiva de identidades e territórios dissidentes. Nesse sentido, o estudo sobre as formas de controle que incidem sobre a organização das identidades sexuais se mostrou como uma poderosa ferramenta analítica das dinâmicas

⁵⁰ O termo “entorno erótico” foi trazido à tona no texto de Cortés não como um conceito, mas como um termo descritivo na seguinte passagem: “para muitos gays, a libertação pessoal está associada à sua livre expressão sexual, pois essa é realmente a única diferença fundamental entre eles e os heterossexuais. Por isso, utilizam sua liberdade para criar e desenvolver **entornos eróticos**, a fim de celebrar as suas opções sexuais em grupo (CORTÉS, 2008, p. 162, grifo nosso).

espaciais, tendo em vista que elas explicitam o espaço como “o lugar privilegiado de compreensão de como o poder opera” (FOUCAULT, 2013, p.52).

Diante dessas questões, volto a pensar nas práticas metodológicas do campo disciplinar da arquitetura e urbanismo, tanto as de ensino e pesquisa, quanto as do exercício profissional. O intuito talvez não seja propor um novo modelo, um novo método, uma nova forma de projetar, talvez seja instigar um olhar crítico sobre a heterogeneidade, a multiplicidade e a instabilidade das dinâmicas do espaço habitado para explorar a potência de (des)(re)montagens dos *entornos urbanos* para pensar outras formas de utilizar (ou subverter) as ferramentas de apreensão e os métodos de concepção projetual existentes, afinal “não há força revolucionária sem remontagens dos lugares genealógicos, sem rupturas e reurdadura dos laços de filiação, sem reexposições de toda a história anterior” (DIDI-HUBERMAN, 2007, p.4).

A glowing green square is centered within a dark, crumpled, metallic-looking structure that resembles a piece of foil or a small satellite component. The structure is set against a dark, textured background.

Não sei se seria a coisa mais prudente, mas sinto uma vontade de olhar através [do buraco] para descobrir os mundos que estão do outro lado (DIÁRIO 6, 2023).

LINHA DE FUGA **CARTA DE DESPEDIDA**

Figura 50 – Percursos da dissertação. **Fonte:** produzida pelo autor (2022). Vídeo disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tioMyE34G49S2D1Widx34SrjUwixnYAR/view?usp=sharing>
Fragmento 39 - Relato do pesquisador. **Fonte:** (DIÁRIO 6, 2023, p.94)

As imagens que compõem o mosaico acima foram extraídas de um vídeo produzido na visita de campo do [DIÁRIO 2]. Atravessando a Praça Olímpio Campo, com a câmera apontada para o chão, as cenas retratam uma andança pelos canteiros do jardim da praça. Não existe um ponto de partida nem de chegada à vista. Cada esquina apresenta uma gama de possibilidades. Cada encruzilhada abre caminhos para lugares inimagináveis. Sem um itinerário pré-definido, guiado pelo desejo, pela curiosidade, pelo temor, o meu corpo se envereda pelos percursos que vão surgindo no meio do caminho, em muitos momentos sendo instigado a levantar a cabeça e pensar em outras coisas.

O que essa experiência tem a dizer sobre a dissertação?

As encruzilhadas da praça produzem um decalque da pesquisa. Não existe semelhança ou imitação entre esses elementos, o que existe são duas séries heterogêneas que se aproximam e produzem rupturas na trama textual da dissertação: se nosso percurso de leitura trilhou até aqui as [LINHAS] da pesquisa, agora dispara uma *linha de fuga*⁵¹. Constrói-se, assim, um des-território, uma dobra, que nos leva a revisar o próprio movimento de construção da pesquisa, para quem sabe, vislumbrar perspectivas que estão por vir.

No decorrer das investigações, das experiências e experimentos, dentre erros e acertos, as hastes da pesquisa foram se ramificando como um *rizoma*. As questões eram tantas, mas chegou em determinado ponto que o volume final precisaria ser entregue. Se não fosse isso, provavelmente as pontas soltas dos [DIÁRIOS] continuariam sendo puxadas; linhas, fios, tirinhas continuariam sendo cortados e entrelaçados, a urdidura da trama de papel não cessaria de acontecer. Mas nem todas as tirinhas tiveram força para se fazer trama ou integrar a urdidura das demais [LINHAS]. Foi o que aconteceu, por exemplo, com uma ramificação da [LINHA 4]. Tinha o objetivo de tecer uma trama tendo como mote o *devir (c)am(inh)ante* com o intuito de produzir uma leitura espacial a partir das coreografias sexuais da pegação. Mas foi necessário aparar as pontas, delimitar um território, a região da pesquisa-rizoma que iria compor esta versão atual. Mas esse e tantos outros cortes tiveram que acontecer, afinal chegou o momento de me despedir, afinal “todos já foram, já é hora de ir embora” (DIÁRIO 6).

Se o rompimento não tivesse ocorrido, talvez esta versão não existiria. Movimento que não ocorreu de forma pacífica, sem deixar cicatrizes, afinal precisei esartejar as

⁵¹ O conceito de “linhas de fuga” parte do pensamento rizomático. Segundo Deleuze e Guattari (1995, p.25,26), “todo rizoma compreende linhas de segmentaridade segundo as quais ele é estratificado, territorializado, organizado, significado, atribuído, etc.; mas compreende também linhas de desterritorialização pelas quais ele foge sem parar. Há ruptura no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma”. Não existe uma única definição para as linhas de fuga, mas poderíamos compreendê-las como rupturas no curso de uma ocorrência que despertam uma reflexão crítica sobre o seu próprio estado de movimento.

ramificações do rizoma para encaixotá-las nos tópicos da dissertação. Por isso, esse processo de despedida tem sido um momento tão cruel e doloroso. Muitos fragmentos tiveram que ser descartados pelo caminho, outros nem foram documentados ou simplesmente foram esquecidos ou se perderam no limbo dos cadernos de anotações. Espero que em algum dia eles possam ser revisitados, por mim ou por qualquer um que seja.

Ao escrever esta carta de despedida, algumas perguntas começaram a ecoar em meus pensamentos: afinal sobre o que trata a dissertação? É um estudo historiográfico ou uma antropologia urbana? É uma etnografia das vivências noturnas ou da pegação? É sobre o Centro de Aracaju ou sobre os locais de pegação?

Se me fizessem essa pergunta no início do mestrado teria uma resposta na ponta da língua: o trabalho tem como objetivo produzir um estudo sobre a “constituição da paisagem contemporânea do centro histórico de Aracaju através das relações microespaciais de poder, com o intuito de analisar as práticas de normatização do espaço urbano e os seus reflexos nos modos de habitar a região”, como estava descrito no tópico “objetivo geral” do projeto preliminar submetido à seleção do mestrado. Mas ao longo dos anos, com o amadurecimento da pesquisa, se tornava cada dia mais difícil falar sobre a dissertação, porque as perspectivas iniciais começaram a ser problematizadas, fazendo com que eu me reposicionasse sobre o que eu achava ser a dissertação. Com o tempo as pessoas me faziam aquela pergunta, mas eu me sentia reticente em responde-la. A dissertação se prestou a ficar em silêncio, porque as palavras já não eram suficientes para descrevê-la. Mesmo assim, olhando mais uma vez aquele objetivo geral, podemos perceber que ela não se distanciou tanto assim do projeto preliminar, afinal conseguiu atingir o objetivo esperado.

O que eu posso dizer é que o Centro de Aracaju se mostrou muito mais complexo do que eu poderia imaginar. As revisões bibliográficas e as experimentações de campo começaram a disparar uma imensidão de linhas que mostravam mil possibilidades de montar os textos, de alinhavar os retalhos, de entrelaçar as tirinhas. Por exemplo, em vez de agrupar os diários de bordo por visita/estabelecimento poderia ter construído as narrativas em torno dos microcosmos da pegação – sala da sauna, sala da tv erótica, cabines privativas e *darkroom* – abordando o funcionamento deles e confrontando as suas diferenças. Ou então, as narrativas poderiam ter sido articuladas através de um sistema de gradação de iluminação, que acompanharia os percursos do corpo-pesquisador desde zonas claras até as zonas mais opacas da cidade, permeando os espaços caleidoscópicos, embaçados, de penumbra até chegar no completo breu do *darkroom*. Ou então, em vez de tecer uma revisão crítica das experiências através de uma leitura dos [DIÁRIOS], poderia ter me atido apenas ao percurso das imagens.

Em muitos momentos, pensando em abolir a soberania do significante, abduci o domínio da dissertação. A pesquisa, então, foi se espalhando como uma erva daninha, mas chegou em um ponto que eu não conseguia mais dar conta daquilo. Nesse processo, à medida que se deixava ser levado pelas deambulações, o corpo-pesquisador mergulhou em um completo estado de inconsciência, começou a ser engolido pelo emaranhado de linhas. Isso fez com que a pesquisa fugisse do controle, a dissertação começou a escorrer pelas mãos. Talvez esse seja o lado perverso da escala micro do devir *pesquisador-(c)am(inh)ante*, por ser um andorlho romântico e disperso com um olhar curioso e um andar tortuoso, dado aos impulsos e aos desejos, lhe falta a capacidade de se manter concentrado, de ser fiel ao itinerário que havia planejado, de impor limites as suas vontades, de organizar os fluxos, as ações, os movimentos, atributos que estão mais alinhados à perspectiva de um *pesquisador-leitor-voyeur*.

Diante dessas questões, talvez seja necessário fazer uma revisão crítica sobre os termos - *leitor-voyeur* e *(c)am(inh)ante* – inicialmente discorridos na [LINHA 2]. A figura do *leitor-voyeur* foi apontada como um corpo fechado, como uma perspectiva estéril de leitura das cidades, no entanto devemos considerar que existe um certo envolvimento sensual na abordagem desse devir, afinal, apesar de estar a uma certa distância, o *voyeur* interage com os outros através da troca de olhares. Ancorando essa metáfora em nosso percurso de investigação, podemos pensar o movimento de aproximação do corpo-pesquisador com o contexto da pegação, descrito no [DIÁRIO 2]. Apesar da errância ter sido mediada por um olhar de pássaro, um olhar de cima para baixo (CERTEAU, 1994) - afinal os espaços da pegação estavam sendo acessados através de um mapa virtual – e apesar de ter sido realizada do lado de fora, o corpo-pesquisador produziu uma experiência corporificada nas ruas do Centro de Aracaju. Esse movimento foi despertado por um desejo, por uma vontade, por uma curiosidade. Se o *leitor-voyeur* não tivesse sido seduzido por esses estímulos, talvez o devir *(c)am(inh)ante* não atravessaria o seu caminho, talvez a pesquisa não teria percorrido aqueles espaços. Então, talvez a perspectiva do *leitor-voyeur* não seja tão estéril assim, porque, apesar dos distanciamentos, existe um certo envolvimento sensual que o instiga a uma prática erótica da cidade. O intuito não é trata-los a partir de divisões dicotômicas, mas sim estabelecer um canal de comunicação entre ambos.

Por mais fascinante e instigante que essa abordagem possa parecer, produzir uma investigação errática dos espaços habitados com base em uma perspectiva rizomática e um processo de articulação por montagem requer muita disciplina - ou melhor, como diria Rossana

Brandão, “para ser indisciplinar precisa ter muita disciplina”⁵²-, porque é difícil ter que lidar com esse estado de desorientação e com os conflitos de abordar algo múltiplo, heterogêneo, contraditório e fragmentado. Talvez esse tenha sido um dos motivos que fizeram com que Deleuze e Guattari (1995, p.22) falassem que “há o melhor e o pior no rizoma”.

Outra dificuldade trazida à tona no decorrer das investigações diz respeito ao processo de situar o “eu” na pesquisa. Esta não é a primeira vez que desenvolvo uma investigação a partir dessa abordagem, desde do TFG falava sobre a necessidade de reconhecer o corpo-pesquisador como um agente integrante das dinâmicas investigadas e não como um observador imparcial, mas a diferença é que a dissertação toca em um ponto sensível ao abordar as sexualidades dissidentes. A princípio, não foi algo fácil de se fazer, porque situar o “eu” na pesquisa significava situar a minha relação com a pegação, isto é, situar a minha identidade/orientação sexual, situar as minhas vivências sexuais, ou seja, o que nas entrelinhas seria uma forma de admitir a minha própria *vida clandestina*⁵³. Além disso, exigiria um esforço de reconhecer os meus preconceitos, os meus pudores que atravessam o meu corpo. Então, por ironia do destino, comecei a adotar uma postura neutra, imparcial, estéril e por muito tempo evitei abordar essa questão com receio de ser colocado em uma situação de constrangimento e/ou risco. Mas essa situação começou a mudar após o exame de qualificação, quando a dissertação começou a passar por um processo de desnudamento.

É importante reconhecer os riscos que um pesquisador pode enfrentar ao se aventurar em dinâmicas estigmatizadas com as quais não está familiarizado. Em nosso caso, como vimos, a pegação surgiu como uma ocorrência no meio do caminho, mas hoje considero que talvez não estivesse preparado para encarar aquele percurso (talvez tenha sido levado pela ingenuidade de um pesquisador imaturo), porque não me sentia confortável em produzir as pesquisas de campo, mas sabia a necessidade de uma experiência corporificada, então precisei me preparar por muitos meses para realizar as visitas internas, o que acarretou em atrasos no cronograma e outros tropeços no decorrer do percurso de investigações. Tais circunstâncias também ocorreram pelo trabalho ter sido desenvolvido sem o auxílio de bolsas de estudo ou qualquer auxílio financeiro de instituições de fomento à pesquisa, inexistentes para as turmas de mestrado e doutorado que ingressaram em 2021, apesar dos esforços do colegiado do nosso

⁵² Frase proferida pela prof^a dr^a Rossana Brandão Tavares em dezembro de 2022 em um grupo de leitura e discussão promovido pelo Núcleo de Estudos do Estatuto da Cidade (NEST) – grupo de pesquisa filiado ao PPGAU/UFAL, coordenado pela prof^a Débora Cavalcanti. A frase faz menção ao artigo *Indisciplina Epistemológica: viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo*, produzido em parceria com a prof^a dr^a Diana Helene.

⁵³ Referência a uma ideia mencionada por Pina (2023) revisando as análises de Giorgio Agamben. Disponível em: AGAMBEN, Giorgio. **O uso dos corpos**. 1^aed. Editora Boitempo, 2017. Tradução por Selvino J. Assmann.

programa. Esse é um dos prazeres de se fazer pesquisa no *cu no mundo*⁵⁴. Como se não bastasse ingressar o mestrado em meio a uma pandemia, que privou parte da experiência acadêmica, já que todas as disciplinas tiveram ser cursadas de forma remota, na época ainda estava vigente o mandato do governo Jair Bolsonaro, responsável por realizar um desmonte nas instituições federais de ensino superior com cortes severos nas verbas que antes eram destinadas à ciência e tecnologia, além do próprio presidente, um conservador fascista de extrema direita, homofóbico e avesso aos direitos humanos, não poupar esforços em proferir ataques disseminando notícias falsas, deslegitimando e até ridicularizando o papel das universidades federais.

O que me leva a pensar, até que ponto os esforços valeram à pena? Não seria melhor ter seguido a fórmula ortodoxa e produzir uma dissertação tradicional? Não seria mais simples ter escrito um texto linear? Não seria mais fácil ter proposto um tema mais convencional? Não deveria ter me contentado em percorrer zonas mais superficiais da cidade “conhecida”? Ou então, ter ficado sentado no banco da praça observando de longe os locais de pegação do Centro? Não seria melhor ter me dedicado exclusivamente às atividades do mercado de trabalho em vez de dedicar os meus esforços para uma vida acadêmica, que até agora não está mostrando sinais de futuro nem qualquer perspectiva de carreira?

Mesmo assim, é difícil (ou até mais) ter que voltar a viver e se contentar com o que está posto, principalmente quando se é atravessado por perspectivas teóricas de crítica à hegemonia, como as que atravessaram os percursos da minha vida acadêmica, a exemplo das teorias *queer*, feminista, antirracista, da filosofia da diferença, dos estudos culturais e decoloniais. Nesse sentido, também devo considerar que a dissertação não teria chegado nos lugares que chegou, nem teria assumido a forma como hoje ela se apresenta, se não tivesse trilhado os rumos que trilhou, se não tivesse passado por um árduo processo de amadurecimento, atrelado a uma qualificação profissional, que veio acompanhada de dissensos e conflitos. Então, é importante reiterar a potência criativa da pesquisa científica e das perspectivas teórico/metodológicas que utilizamos, porque elas nos instigam a vislumbrar perspectivas múltiplas, heterogêneas, igualitárias de ser, de viver, de se relacionar, de habitar o espaço, elas nos levam a acreditar que é possível criar mundos alternativos que nos permitam explorar toda a potência que a existência é capaz de oferecer, e elas nos levam a perceber que

⁵⁴ Referência a uma ideia citada por Pina (2023). O autor menciona que Larissa Pelúcio (2016) propõe pensar a teoria *cu*, inspirada na recorrente referência à nossa região – periférica - como o “o *cu* do mundo” e no autor Paul Preciado, a partir de textos como ‘Terror Anal’ e ‘Manifesto Contrassexual’.

esses mundo não são uma utopia distante, eles habitam o aqui e o agora nas entrelinhas das cidades contemporâneas.

Conduzido por essa vontade, o corpo-pesquisador perverso, como um bom invertido que sente tesão em fazer e propor inversões, montou uma dissertação invertida que distorce os seus objetivos, a estrutura, a epistemologia, os métodos de investigação. Uma pesquisa montada de “trás para frente”, cuja escrita não foi produzida de forma linear ao longo dos anos com uma estrutura de capítulos premeditada, mas através de um meticuloso processo de urdidura, entrelaçando as tirinhas, as linhas, os fragmentos que iam sendo escritos no decorrer dos percursos de investigação.

Qual a melhor forma de me despedir se não respondendo a pergunta - sobre o que trata a dissertação? - que vim até aqui evitando com receio de encerrar os sentidos da dissertação nas bordas de uma única definição, mas soltando algumas pistas ao longo das [LINHAS], e que só agora, quando eu decido pular fora dos percursos da pesquisa, sinto-me capaz de responder.

Afinal, a dissertação nada mais é do que um exercício de apreensão urbana do Centro de Aracaju com ênfase em experimentar lugares outros, em percorrer as entrelinhas da cidade. Como vimos, os percursos de investigação começaram a ser traçados a partir de uma inquietação disparada durante um estudo sobre o processo de implantação de Aracaju. Essa inquietação conduziu o corpo-pesquisador a explorar as potências das ruas da região central da cidade. No decorrer das andanças, as ocorrências que o atravessaram abriram uma série de portas ao longo do caminho, pelas quais a dissertação foi se enveredando. A pesquisa foi ganhando outros contornos: começou navegando os cantos da cidade noturna até aterrizar sobre o contexto da pegação. E quando chegou lá, acompanhou o processo de aproximação do corpo-pesquisador como os locais de estudo, que foi sendo construído desde a perspectiva de um leitor-*voyeur* até a de um (c)am(inh)ante.

O primeiro estágio de aproximação com o contexto da pegação se fez através de um *olhar estrangeiro* pelo devir leitor-*voyeur*, um olhar distante, por vezes superficial, quando o meu corpo estava posicionado do lado do fora fabulando ideias através da revisão de literatura sobre "o que é a pegação", "como são essas vivências", "onde estão esses lugares", em outras palavras, numa tentativa de analisá-los, descrevê-los e classificá-los. O segundo estágio representa o momento de *corporificação da experiência urbana* atravessado pelo devir (c)am(inh)ante, quando o meu corpo parte para as vivências internas, circunstância que fez que eu repensasse boa parte das questões que inicialmente havia levantado: parte das coisas que imaginaria acontecer não aconteceram, ou se mostraram de outras formas, ou mostraram outras coisas; ou então, parte das questões que achava relevantes, deixaram de ser. Outras questões

começaram a ser levantadas. Foi quando percebi que o meu ponto de vista, uma experiência passageira, não seria capaz de abranger tais questões. Seria necessário estabelecer diálogos com a vivência de outros corpos, interlocutores e internautas, que permitiram produzir uma trama complexa de atravessamentos entre as minhas vivências com a dos companheiros da pesquisa, permitindo estabelecer conexões, tanto pelas similaridades quanto pelas diferenças, entre narrativas espaço-tempo distintas.

O processo de montagem textual da dissertação foi pensado de forma a fazer com que o leitor me acompanhasse pelos percursos de investigação na cidade. A [LINHA 1] funciona como uma linha de entrada, que tinha o objetivo de situar o leitor sobre o recorte territorial estudado e as perspectivas teórico-metodológicas as quais as investigações estão ancoradas. A partir de um experimento estético de montagem, a linha começou a tecer uma discussão sobre as histórias do Centro de Aracaju, desde a perspectiva tradicional/patrimonial até a experiência vivida no espaço atual, com o intuito de problematizar os apagamentos e silenciamentos produzidos pelas práticas metodológicas que estão em curso no campo disciplinar da arquitetura e urbanismo. O percurso seguiu em uma revisão bibliográfica sobre possíveis metodologias contra-hegemonicas para compreender a complexidade das cidades contemporâneas, a noção da *experiência corporificada* nos estudos urbanos a partir de Rossana Tavares e Mariana Bonadio, a ideia do *flâneur gay* a partir de José Cortés, e o *processo caleidoscópico* de pesquisa e as *montagens urbanas* a partir de Paola Jacques.

A [LINHA 2] explica como o texto da dissertação funciona, trazendo à tona a perspectiva dos *flashes de sentido* atrelado ao erotismo da linguagem, a partir de Raúl Antelo, Georges Bataille e Roland Barthes. A partir desse ponto, começamos a traçar uma ramificação para desenhar as bordas de um possível método de apreensão urbana, a *prática erótica da cidade*. O percurso do texto desembocou em uma discussão sobre as tramas da cidade-texto a partir de autores como Deleuze e Guattari, Michel de Certeau, Foucault, Careri e Byung-Chul Han, para produzir reflexões sobre o panorama arquitetônico das cidades contemporâneas e lançar duas perspectivas de leituras, o *leitor-voyeur* e o *(c)am(inh)ante*, que posteriormente seriam noções utilizadas para falar sobre as abordagens do corpo-pesquisador pela cidade.

O nosso percurso finalmente adentra as tramas da cidade submersa através dos [DIÁRIOS DE BORDO]. O percurso do corpo-pesquisador inicia na calada da noite com o intuito de produzir uma escuta dos *ecos do silêncio* sobre as vivências urbanas do Centro de Aracaju. Depois segue em direção ao contexto da pegação realizando uma visita com mapa virtual da pegação em mãos, com o intuito de identificar os pontos da região. Alguns meses se passaram até que o corpo-pesquisador criasse coragem se lançasse em uma experiência dentro

da sauna acompanhada com o Interlocutor 1. Passou-se um ano desde da última errância, o corpo-pesquisador retornou as ruas do Centro após o exame de qualificação para uma nova leva de visitas, uma em cada um dos estabelecimentos – a sauna, a lan house e o cine erótico -, dessa vez desacompanhado. No decorrer desses percursos, as perspectivas de leituras foram alterando, os padrões abstrados produzidos pela luneta do caleidoscópio foram se remontando: uma hora olhando as ruas do Centro, na outra olhando a pegação do lado de fora com o corpo nas ruas do Centro, na outra olhando a pegação do lado de dentro, na outra olhando o Centro de volta com o corpo dentro da pegação.

A [LINHA 3] pretende virar a pesquisa ao avesso. A linha inicia a discussão com o intuito de situar o caráter de montagem dos [DIÁRIOS] a partir de Didi-Huberman e produzir um desnudamento erótico a partir de Bataille dos procedimentos de apreensão que conduziram aos registros da experiência narrada. A partir desse ponto, o percurso de leitura revisa os procedimentos empregados nas visitas, diário por diário. De uma forma geral, as visitas foram desenvolvidas como errâncias pela cidade, assim como Walter Benjamin inspirado nas deambulações surrealistas, com o intuito de produzir uma livre apreensão da cidade, ou melhor, para produzir um *prática erótica da linguagem na cidade*. Mas cada diário de bordo apresenta as suas particularidades. A primeira errância foi produzida quando a pesquisa considerava estudar as vivências noturnas do Centro, caminhando pela calada da noite com o intuito de identificar potenciais objetos/sujeitos do estudo. A segunda visita marca o primeiro movimento de aproximação da pesquisa com o contexto da pegação, ainda com o corpo do lado de fora, articulando uma experiência urbana guiada pelo mapa virtual da pegação. As experiências internas ocorrem a partir da terceira errância, percorrendo os estabelecimentos de pegação localizados na região.

A [LINHA 4] traz à tona as reflexões suscitadas após as pesquisas de campo, processo que se desenvolveu enquanto uma *prática erótica da linguagem* dos diários de bordo. Tal procedimento suscitou uma gama de *flashes de sentido* que começaram a ser registrados em um caderno de anotações. Tais registros foram destacados e se tornaram fragmentos, pontas soltas, tirinhas de papel, que começaram a ser entrelaçados como a urdidura de uma trama de papel, formulando duas perspectivas de leitura das visitas de campo, uma sob o olhar estrangeiro do *devoir leitor-voyeur* e a outra do *devoir (c)am(inh)ante*.

A [LINHA 5] foi disparada a partir de uma inquietação que me acompanhou durante a construção da pesquisa, quando comecei a pensar nas diferenças entre os “meus lugares” - os bares e baladas gays - e os espaços de pegação. Essa inquietação conduziu a uma investigação aos moldes foucaultianos sobre alguns processos de constituição dos territórios da pegação

enquanto um marcador da diferença das cidades contemporâneas, tendo em vista a noção do controle político da corporeidade elencada por David Le Breton. O percurso dessa discussão nos levou a pensar nos *entornos eróticos da pegação* como uma revisão ao termo “territórios da pegação”, ressaltando a potência dessa noção para articular a dimensão espaço-temporal das dinâmicas dos espaços habitados.

Chegamos ao lugar/momento que agora nos encontramos, a [LINHA DE FUGA]. É importante ressaltar que o que está em jogo nesta carta de despedida talvez não seja tentar olhar para frente ou para trás, ainda com o corpo em movimento dentro do percurso, na tentativa de recapitular os passos do corpo-pesquisador ou premeditar os novos rumos, como se eles corresse numa mera sucessão linear de tempos homogêneos, para escrever as “considerações finais” da pesquisa. Nem teríamos como fazer isso, primeiro porque a montagem da dissertação não seguiu necessariamente o curso cronológico de acontecimentos da pesquisa, segundo porque os procedimentos de apreensão, registro e análise foram articulados quase que simultaneamente em um contínuo processo de (des)(re)montagens, terceiro porque as conclusões da pesquisa, sempre efêmeras e provisórias, estão pulverizadas ao longo das [LINHAS]. Então, o que talvez pretendo fazer ao traçar uma *linha de fuga* seja pular fora da dissertação, pular fora do percurso, quem sabe subir em cima de um dos canteiros da praça (figura 50), para tecer uma leitura crítica sobre o próprio movimento da pesquisa. Por fim, o que tenho a dizer é que o corpo-pesquisador não está encerrando ou fechando o percurso, apenas está se despedindo dele. A pesquisa continua sendo um sistema em aberto, esperando que o percurso se estenda pelos leitores que se sentirem convidados a puxar novas linhas a partir das nossas experiências.

Sem mais delongas, assim nos despedimos...

REFERÊNCIAS

- ANTELO, Raúl. **O lugar do erotismo**. Prefácio. In: BATAILLE, Georges. O erotismo. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021, p. 19-25.
- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Fernando Scheibe. 2. ed. 1. reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2021.
- BJÖRK *et al.* Bedtime Story. In: MADONNA. **Bedtime Stories**. 1994. Faixa 10. Álbum sonoro. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=CSaFgAwnRSc>>. Acessado em: 10 de jun. de 2024.
- BONFANTE, G.; HELENE, D. . A casa, a metafísica referencial e a descolonização ideológica da arquitetura e do urbanismo. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 05–24, 2023. DOI: 10.9771/peri.v1i18.49918. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/49918>. Acesso em: 2 jul. 2024.
- BRETON, David le. **A sociologia do corpo**. Trad. Sonia M. S. Fuhrmann. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. 102 p.
- BUTLER, Judith. **Desfazendo o gênero**. 1. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2022.
- CARERI, Francesco. **Caminhar e parar**. Trad. Aurora Bernardini). São Paulo: Editora G. Gili. 2017.
- CARERI, Francesco. **Walkscapes – O caminhar como prática estética**. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili. 2013.
- CASTRO-GÓMEZ, Santiago. Ciências sociais, violência epistêmica e o problema da ‘invenção do outro’. In: **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 87-95. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624102434/9_CastroGomez.pdf. Acesso em: 29 mar. 2023.
- CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 1998.
- CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. Trad. Anna Olga de Barros Barreto. **Revista do patrimônio histórico e artístico nacional**, IPHAN, n.23 , p. 21 - 31, nov. 1994.
- CORTÉS, José Miguel G. **Políticas do Espaço: Arquitetura, Gênero e Controle Social**, São Paulo: Editora Senac, 2008, 215 p.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 1. Trad. Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995, 128p.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia 2**, vol. 5. Trad. Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo: Editora 34, 2012, 264p.

DIAS, Juliana M. M. **Rastros urbanos**. Youtube. Grupo de Pesquisa Nordesteanças, 2022. Disponível em < <https://www.youtube.com/watch?v=ZpFC9QuL9A0>>. Acessado em 25 de mar de 2024.

DINIZ, Dora Neuza Leal. **Aracajú**: a construção da imagem da cidade. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/16/16133/tde-15032010-155846/>. Acesso em: 02 out. 2024

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Remontar, Remontagem (do tempo)**. Trad. Milene Migliano. Cadernos de Leitura n. 47, Edições Chão da feira. 7 p. 2016. Disponível em: <https://chaodafeira.com/catalogo/caderno-n-47-remontar-remontagem-do-tempo/>. Acesso em: 17 jun. 2024.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **Sobrevivência dos vaga-lumes**. 1ª edição. Editora UFMG, Belo Horizonte, 2011.

DUNCAN, James Stuart. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 2ªed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1986.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3º edição, Edições Loyola, São Paulo, 1996.

FOUCAULT, Michel. **As Palavras e as Coisas**. Traduzido por Salma Tannus Muchail. 8ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 11ª ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2021. Coleção biblioteca de filosofia.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. Tradução de Raquel Ramallete. 37 ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2009.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. Trad. Salma Tannus Muchail. São Paulo: N-1 Edições, 2013.

GOVERNO DE SERGIPE. **Aracaju e seus Monumentos: Sesquicentenário da Capital 1855-2005**. Aracaju: Gráfica e Editora Triunfo Ltda, 2005.

GREEN, James N. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Tradução: Cristina Fino e Cássio Arantes Leite. 2. ed. São Paulo: Editora Unesp, 2019. HALBERSTAM, J. Temporalidade queer e geografia pós-moderna. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 18, p. 282–305, 2023. DOI: 10.9771/peri.v1i18.52559. Disponível em:

<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/52559>. Acesso em: 18 jun. 2024.

HAN, Byung-Chul. **A expulsão do outro**: sociedade, percepção e comunicação hoje. Trad. Lucas Machado. Petrópolis, RJ: vozes, 2022.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do Cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. 2ª ed. ampliada - Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JACQUES, P. B. *et al.* **Laboratório urbano**: pequeno léxico teórico-metodológico. Salvador: Edufba, 2022. 387 p. ISBN 978-65-5630-378-9.

JACQUES, Paola B.. Caleidoscópios e montagens urbanas: experiências metodológicas para compreensão da complexidade das cidades. *In*: ALVES, Paulo Cesar; NASCIMENTO, Leonardo Fernandes. **Novas fronteiras metodológicas nas ciências sociais**. Salvador: EDUFBA, 2018.

JACQUES, Paola. B.. Corpografias urbanas. *Arquitextos*, São Paulo, ano 08, n. 093.07, **Vitruvius**, fev. 2008 Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/08.093/165>>. Acessado em: 08 de jul. de 2023.

JACQUES, Paola B.. Montagem urbana. **Pixo**: Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade. *Collage II* (primavera). v. 7, n. 27, p. 32-49, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/7040>. Acesso em: 10 nov. 2023.

JACQUES, Paola B.. **O grande jogo do caminhar**. Prefácio. *In*: CARERI, Francesco. *Walkscapes – O caminhar como prática estética*. Trad. Frederico Bonaldo. São Paulo: Editora G. Gili. 2013.

KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação**: episódios de racismo cotidiano. Rio de Janeiro: Cobogá, 2019.

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. 2ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 2020, 87 p.

LOUREIRO, Kátia A. S. **A trajetória urbana de Aracaju em tempo de interferir**. Aracaju: Instituto de Economia e Pesquisas – INEP, 1983.

MOSÉ, Viviane. **Nietzsche Hoje**: sobre os desafios da vida contemporânea. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018, 154p.

NOS.CIEP. I Congresso Internacional Estudos da Paisagem. **Patrimônios em silêncio**. Caderno de resumos. 2021, Maceió. 193 p.

PINA, João Pedro Oliveira Pompeu de. Vaga-lumes: a cidade noturna e os corpos dissidentes: a pegação no Aterro do Flamengo. **Pixo**: Revista de arquitetura, cidade e contemporaneidade, [s. l.], v. 7, n. 25, p. 174-199, 7 jul. 2023. Disponível em:

<https://revistas.ufpel.edu.br/index.php/pixo/article/view/5773/5700>. Acesso em: 5 dez. 2023.

PORTO, Fernando F. **A cidade do Aracaju 1855 – 1865: ensaio de evolução urbana**. Aracaju: Governo de Sergipe/FUNDESC, 1991.

RAGO, Margareth. **Foucault: a filosofia como modo de vida**. Youtube. Café Filosófico CPFL, 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=jw6zuBIocII>. Acessado em 08 out. 2019

RODRIGUES, Helmir Oliveira. **Imagens Urbanas: mangue, tabuleiro, cidades**. 1º Edição. Curitiba, PR: Appris Editora, 2018. 180p.

ROSAS, Paula. Os países que punem a homossexualidade com pena de morte. **BBC News Brasil**. 16 jan. 2023. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-64252532>. Acesso em: 27 jun. 2023.

SANTOS, Milton. **Natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 3 Ed. São Paulo: HUCITEC, 1999. 308p.

SENNETT, Richard. **Carne e pedra: o corpo e a cidade na civilização ocidental**. Tradução de Marcos Aarão Reis. 3. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SERRES, Michel. **Os cinco sentidos: filosofia dos corpos misturados**. Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

SILVA, Joseli Maria. O fazer geográfico singular. *In*: SILVA, Joseli Maria (org.). **Geografias subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades**. Ponta Grossa, PR: TODAPALAVRA, 2009.

TAVARES, Edivaldo P. C.. **Abriu-se uma janela: que horas são?** As dinâmicas do espaço habitado em tempos de pandemia. 2020, 84f. Trabalho Final de Graduação (TFG) – Curso de Arquitetura e Urbanismo, UNIT/SE, Aracaju, 2020.1.

TAVARES, R. B. .; HELENE, D. . Indisciplina Epistemológica: Viradas metodológicas para o campo da Arquitetura e Urbanismo. **Indisciplinar**, [S. l.], v. 7, n. 2, p. 232–277, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/indisciplinar/article/view/38147>. Acesso em: 19 dez. 2022.

TAVARES, R. B.; BONADIO, M. G.. Ao encontro do corpo: teorias da performatividade para um debate diferencial sobre espaço urbano. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, [S. l.], v. 23, 2021. DOI: 10.22296/2317-1529.rbeur.202115. Disponível em: <https://rbeur.anpur.org.br/rbeur/article/view/6542>. Acesso em: 14 jun. 2024.

TEIXEIRA, A. E. Espaços, corpos e desejos: a cidade e o urbano na arquitetura da pegação em Belo Horizonte, Minas Gerais. **Revista Periódicus**, [S. l.], v. 1, n. 8, p. 238–260, 2018. DOI: 10.9771/peri.v1i8.23960. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus/article/view/23960>. Acesso em: 31 maio. 2023.

VALENTINE, Gill. Negotiating and managing multiple sexual identities: lesbian time-space

strategies. **Transactions of the Institute of British Geographers**, v. 18, n. 2, p. 237-248, 1993.

VIEIRA JUNIOR, Itamar. **Torto arado**. 1^a Reimpr. São Paulo: Todavia, 2019.